



**Sobre os Fundamentos do Leninismo
&
Em Torno dos Problemas do Leninismo**



**Sobre os Fundamentos do Leninismo
&
Em Torno dos Problemas do Leninismo**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sobre os Fundamentos do Leninismo

Introdução

Os fundamentos do leninismo: o tema é vasto. Seria necessário um livro inteiro para esgotá-lo. Mais ainda: seria preciso toda uma série de livros. É natural, pois, que as minhas conferências não possam ser consideradas como uma exposição completa do leninismo. No melhor dos casos, serão apenas um resumo sucinto dos fundamentos do leninismo. Não obstante, considero útil fazer este resumo, para fixar alguns pontos de partida fundamentais, indispensáveis a um estudo proveitoso do leninismo.

Expor os fundamentos do leninismo não é ainda expor os fundamentos da concepção do mundo de Lênin. A concepção do mundo de Lênin e os fundamentos do leninismo não são, por sua amplitude, a mesma coisa. Lênin é um marxista e a base da sua concepção do mundo é, naturalmente, o marxismo. Mas daí não se depreende de forma alguma que uma exposição do leninismo deva partir da exposição dos fundamentos do marxismo. Expor o leninismo significa expor o que há de peculiar e de novo nas obras de Lênin, a contribuição de Lênin ao tesouro comum do marxismo e que naturalmente está associada ao seu nome. Somente neste sentido falarei nas minhas conferências dos fundamentos do leninismo.

Que é, pois, o leninismo?

Alguns *dizem* que leninismo é a aplicação do marxismo às condições peculiares da situação russa. Nesta definição há uma parte de verdade, mas está longe de conter toda a verdade. Lênin aplicou, efetivamente, o marxismo à situação russa e o aplicou de modo magistral. Mas se o leninismo não passasse da aplicação do marxismo à situação da Rússia, seria um fenômeno pura e exclusivamente nacional, pura e exclusivamente russo. No entanto sabemos que o leninismo é um fenômeno internacional, que tem as suas raízes em toda a evolução internacional, e não apenas um fenômeno russo. Por isso, creio que esta definição peca pelo seu caráter unilateral.

Outros dizem que o leninismo é a ressurreição dos elementos revolucionários do marxismo da década de 40 do século passado, para distingui-lo do marxismo dos anos posteriores, que, segundo afirmam, se tornou moderado e deixou de ser revolucionário. Se abandonarmos essa divisão néscia e vulgar da doutrina de Marx em duas partes, uma revolucionária e outra moderada, é necessário reconhecer, no entanto, que também esta definição, por completo insuficiente e insatisfatória, contém uma parte de verdade. Esta parte de verdade consiste no fato de que Lênin efetivamente ressuscitou o conteúdo revolucionário do marxismo, que fora soterrado pelos oportunistas da II Internacional. Mas esta não é senão uma parte da verdade. A verdade completa é que o leninismo não só ressuscitou o marxismo, mas deu ainda um passo à frente, levando o marxismo a desenvolvimento ulterior nas novas condições do capitalismo e da luta de classe do proletariado.

Que é, afinal, o leninismo?

O leninismo é o marxismo da época do imperialismo da revolução proletária. Mas exatamente: o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, a tática da ditadura do proletariado em particular. Marx e Engels militaram no período pré-revolucionário (referimo-nos à revolução proletária), quando o imperialismo ainda não estava desenvolvido, no período de preparação dos proletários para a revolução, no período em que a revolução proletária ainda não se tornara uma necessidade prática imediata. Porém, Lênin, discípulo de Marx e Engels, no período de pleno desenvolvimento do imperialismo, no período do desencadeamento da revolução proletária, quando a revolução proletária já havia triunfado num país, havia destruído a democracia burguesa e iniciado a era da democracia proletária, a era dos Soviets.

Por isso, o leninismo é o desenvolvimento ulterior do marxismo.

Costuma-se pôr em relevo o caráter extraordinariamente combativo e extraordinariamente revolucionário do leninismo. Isso é de todo justo. Mas esta característica do leninismo se explica por dois motivos: em primeiro lugar, pelo fato de que o leninismo brotou da revolução proletária, cujo selo não pode deixar de ostentar; em segundo lugar, pelo fato de que se desenvolveu e fortaleceu na luta contra o oportunismo da II Internacional, luta que e continua a ser condição necessária preliminar para o êxito da luta

contra o capitalismo. Não se pode esquecer de que entre Marx e Engels, de um lado, e Lênin, de outro, se estende todo um período de domínio sem contraste do oportunismo da II Internacional. A luta implacável contra o oportunismo não podia deixar de ser uma das tarefas mais importantes do leninismo.

Capítulo I - As Raízes Históricas do Leninismo

O leninismo se desenvolveu e se formou nas condições existentes no período do imperialismo, quando as contradições do capitalismo haviam alcançado o ponto culminante, quando a revolução proletária se tornara um problema prático imediato, quando o período anterior de preparação da classe operária para a revolução se encerrara, cedendo lugar a um novo período, ao período de assalto direto ao capitalismo.

Lênin chamava o imperialismo de "capitalismo agonizante". Por quê? Porque o imperialismo leva as contradições do capitalismo ao último termo, a limites extremos, além dos atuais começa a revolução. Entre essas contradições há três que devem ser consideradas como as mais importantes:

A primeira contradição é a contradição entre o trabalho e o capital. O imperialismo é, nos países industriais, a onipotência dos trustes e dos sindicatos monopolistas, dos bancos e da oligarquia financeira. Na luta contra esta onipotência, os métodos habituais da classe operária — sindicatos e cooperativas, partidos parlamentares e luta parlamentar — se revelaram absolutamente insuficientes. Ou entregar-se à mercê do capital, vegetar à antiga e descer cada vez mais, ou empunhar uma nova arma: assim o imperialismo coloca o problema diante das massas de milhões do proletariado. O imperialismo aproxima a classe operária da revolução.

A segunda contradição é a contradição entre os diversos grupos financeiros e as diversas potências imperialistas na sua luta pelas fontes de matérias-primas e pelos territórios alheios. O imperialismo é a exportação de capitais para as fontes de matérias-primas, luta encarniçada pela posse exclusiva destas fontes, luta por uma nova repartição do mundo já dividido, luta travada com particular aspereza pelos novos grupos financeiros e pelas novas potências que procuram "um lugar ao sol" contra os velhos grupos e potências que não querem de nenhum modo abandonar as suas presas. Esta luta encarniçada entre os diversos grupos de capitalistas é digna de nota porque traz em seu bojo, como elemento inevitável, as guerras imperialistas, as guerras pela conquista de territórios alheios. Esta circunstância, por sua vez, é

digna de nota porque leva ao enfraquecimento recíproco dos imperialistas, ao enfraquecimento das posições do capitalismo em geral, porque aproxima o momento da revolução proletária, porque torna praticamente necessária esta revolução.

A terceira contradição é a contradição entre um punhado de nações "civilizadas" dominantes e centenas de milhões de homens dos povos coloniais e dependentes, do mundo. O imperialismo é a exploração mais descarada, a opressão mais desumana de centenas de milhões de habitantes dos imensos países coloniais e dependentes. Extrair superlucros: eis o objetivo dessa exploração e dessa opressão. Mas, para explorar esses países, o imperialismo se vê obrigado a neles construir ferrovias, fábricas e usinas, a criar centros industriais e comerciais. A aparição da classe dos proletários, a formação de uma intelectualidade nacional, o despertar de uma consciência nacional, o fortalecimento do movimento de libertação: tais são os efeitos inevitáveis desta "política". O incremento do movimento revolucionário em todas as colônias e em todos os países dependentes, sem exceção, comprovam-no de forma evidente. Esta circunstância é importante para o proletariado, porque mina nas raízes as posições do capitalismo, transformando as colônias e os países dependentes, de reservas do imperialismo, em reservas da revolução proletária.

Tais são, em geral, as principais contradições do imperialismo, que transformaram o "florescente" capitalismo de outrora em capitalismo agonizante.

A importância da guerra imperialista, desencadeada há dez anos, consiste, entre outros, no fato de que juntou num só feixe todas estas contradições e as lançou no prato da balança, acelerando e facilitando as batalhas revolucionárias do proletariado.

O imperialismo, em outros termos, não somente tornou a revolução, proletária uma necessidade prática, mas criou as condições favoráveis para o assalto direto à fortaleza do capitalismo.

Tal é a situação internacional que produziu o leninismo.

Tudo isso está bem, dir-se-á; mas que tem a ver com isso a Rússia, que não era e não podia ser o país clássico do imperialismo? Que tem a ver com

isso Lênin, que trabalhou sobretudo na Rússia e pela Rússia? Por que foi justamente a Rússia o berço do leninismo, a pátria da teoria e da prática da revolução proletária?

Pelo fato de que a Rússia era o ponto de convergência de todas estas contradições do imperialismo.

Pelo fato de que a Rússia, mais do que qualquer outro país, estava prenhe de revolução e, por isso, somente ela estava em condições de resolver essas contradições por via revolucionária.

Em primeiro lugar, a Rússia tsarista era um foco de todo gênero de opressão — capitalista, colonial e militar — exercida na forma mais bárbara e desumana. Quem ignora que, na Rússia, a onipotência do capital se fundia com o despotismo tsarista; a agressividade do nacionalismo com a ferocidade contra os povos não russos; a exploração de regiões inteiras — da Turquia, da Pérsia, da China — com a conquista destas regiões por parte do tsarismo, com as guerras anexionistas? Tinha razão Lênin ao dizer que o tsarismo era um “imperialismo feudal-militar”. O tsarismo concentrava em si os lados mais negativos do imperialismo, elevados ao quadrado.

Prossigamos; A Rússia tsarista era uma imensa reserva do imperialismo ocidental, não somente no sentido de que dava livre acesso ao capital estrangeiro, o qual tinha nas suas mãos ramos decisivos da economia russa, como os combustíveis e a metalurgia, mas também no sentido de que podia pôr a serviço dos imperialistas do Ocidente milhões de soldados. Recordai o exército russo de catorze milhões de homens, que verteu o seu sangue nas frentes da guerra imperialista para assegurar fabulosos lucros aos capitalistas anglo-franceses.

Ademais, o tsarismo era não só o cão de guarda do imperialismo da Europa Oriental, mas também o agente do imperialismo ocidental para extorquir da população centenas de milhões para o pagamento dos juros dos empréstimos que lhe eram concedidos em Paris, em Londres, em Berlim e em Bruxelas.

Finalmente, o tsarismo era o aliado mais fiel do imperialismo ocidental na repartição da Turquia, da Pérsia, da China, etc.. Quem ignora que o tsarismo fazia a guerra imperialista aliado aos imperialistas da "Entente", e que Rússia era um elemento essencial nesta guerra?

Por isso, os interesses do tsarismo e do imperialismo ocidental se entrelaçavam e se fundiam, em última análise, numa única madeixa de interesses do imperialismo.

Podia o imperialismo ocidental resignar-se à perda de tão poderoso apoio no Oriente e de tão rico reservatório de forças e de recursos, como era a velha Rússia tsarista e burguesa, sem empenhar todas as suas forças numa luta de morte contra a revolução na Rússia, a fim de defender e conservar o tsarismo? Evidentemente, não podia!

Mas daí se depreende que quem quisesse golpear o tsarismo inevitavelmente levantaria a mão contra o imperialismo; quem se insurgisse contra o tsarismo deveria insurgir-se também contra o imperialismo, pois quem quisesse derrubar o tsarismo deveria abater também o imperialismo, se realmente desejasse não só vencer o tsarismo, mas extingui-lo de modo definitivo. A revolução contra o tsarismo se ligava, por isso, à revolução contra o imperialismo e devia transformar-se em revolução proletária.

Na Rússia se desencadeara, portanto, a maior revolução popular, a cuja frente se encontrava o proletariado mais revolucionário do mundo, que contava com um aliado da importância dos camponeses revolucionários da Rússia. Será necessário demonstrar que essa revolução não podia deter-se no meio do caminho, que em caso de triunfo devia ir à frente, desfraldando a bandeira da insurreição contra o imperialismo?

Por isso, a Rússia tinha que se converter no ponto de convergência das contradições do imperialismo, não só no sentido de que essas contradições se manifestavam justamente na Rússia, mais do que em todos os outros países, pelo seu caráter particularmente escandaloso e intolerável, não só porque a Rússia era o principal ponto de apoio do imperialismo no Ocidente, constituindo um elo entre o capital financeiro do Ocidente e as colônias do Oriente, mas também porque só na Rússia existia uma força real, capaz de resolver as contradições do imperialismo pela via revolucionária.

Mas disso se depreende que revolução, na Rússia, não podia deixar de se tornar proletária, que ela não podia deixar de tomar, desde os primeiros dias do seu desenvolvimento, um caráter internacional, que não podia, portanto, deixar de abalar as próprias bases do imperialismo mundial.

Porventura os comunistas russos, ante semelhante estado de coisas, podiam limitar o seu trabalho ao quadro estreitamente nacional da revolução russa? Evidentemente, não! Ao contrário, toda a situação, tanto interna (profunda crise revolucionária) quanto externa (guerra), os impelia, no curso do seu trabalho, a ultrapassar estes limites, a levar a luta à arena internacional, a pôr nu as chagas do imperialismo, a demonstrar o caráter inevitável da bancarrota do capitalismo, a derrotar o social-chauvinismo e o social-pacifismo e, finalmente, a derrubar o capitalismo no seu país e forjar para o proletariado uma nova arma de luta, a teoria e a tática da revolução proletária, com vistas a facilitar aos proletários de todos os países a tarefa de derrubar o capitalismo. Os comunistas russos não podiam agir de outro modo, pois somente seguindo este caminho se podia contar com algumas modificações na situação internacional, capazes de garantir a Rússia contra a restauração do regime burguês.

Por isso, a Rússia se converteu no berço do leninismo, e o chefe dos comunistas russos, Lênin, no seu criador.

Com a Rússia e com Lênin "ocorreu" aproximadamente o mesmo que havia ocorrido com a Alemanha e com Marx e Engels na década de 40 do século passado. Como a Rússia em princípios do século XX, a Alemanha estava, então, prenhe da revolução burguesa, no "*Manifesto Comunista*", escrevia então Marx:

"Os comunistas fixam a sua principal atenção na Alemanha, porque a Alemanha se acha em vésperas de uma revolução burguesa e porque levará a cabo esta revolução sob as condições mais avançadas da civilização europeia, em geral, e com um proletariado muito mais desenvolvido do que o da Inglaterra no século XVII e o da França no século XVIII e, portanto, a revolução burguesa alemã não poderá deixar de ser senão o prelúdio imediato de uma revolução proletária".

Em outros termos, o centro do movimento revolucionário se deslocava para a Alemanha.

Não há dúvida de que justamente esta circunstância, assinalada por Marx na passagem citada, foi provavelmente a causa de que justamente a Alemanha fosse a pátria do socialismo científico e os chefes do proletariado alemão — Marx e Engels — fossem os seus criadores.

O mesmo, mas em escala ainda maior, se deve dizer da Rússia de começos do século XX, A Rússia se encontrava naquele período às vésperas de uma revolução burguesa; mas devia realizar esta revolução quando as condições da Europa eram mais avançadas, o proletariado mais desenvolvido do que no caso da Alemanha (para não falar da Inglaterra e da França) e todos os dados indicavam que esta revolução devia servir de fermento e de prelúdio à revolução proletária. Não se pode considerar accidental o fato de que, já em 1902, quando a revolução russa apenas se iniciava, Lênin tenha escrito, no seu livro "*Que fazer?*", estas palavras proféticas:

"A história coloca diante de nós, hoje (isto é, diante dos marxistas russos, J. St.) uma tarefa imediata, a mais revolucionária de todas as tarefas imediatas do proletariado de qualquer outro país.

A realização desta tarefa, a destruição do baluarte mais poderoso da reação, não somente européia, mas também... asiática, converteria o proletariado russo na vanguarda do proletariado revolucionário internacional."

Em outros termos, o centro do movimento revolucionário devia deslocar-se para a Rússia.

É sabido que o curso da revolução na Rússia fez mais do que confirmar esta predição de Lênin.

E, sendo assim, há alguma coisa de assombroso no fato de que o país que levou a efeito semelhante revolução e que conta com semelhante proletariado tenha sido a pátria da teoria e da tática da revolução proletária?

Causaria assombro o fato de que o chefe desse proletariado, Lênin, tenha se tornado, ao mesmo tempo, o criador desta teoria e desta tática e o chefe do proletariado internacional?

Capítulo II - O Método

Já afirmei que entre Marx e Engels, de um lado, e Lênin, de outro, se estende todo o período em que domina o oportunismo da II Internacional. Para ser mais exato, devo acrescentar que não se trata de um domínio formal do oportunismo, mas de um domínio de fato. Formalmente, à frente da II Internacional se encontravam marxistas "ortodoxos", como Kautsky e outros. Na realidade, porém, a atividade fundamental da II Internacional se desenvolvia sobre a linha do oportunismo. Os oportunistas se adaptavam à burguesia, em virtude da sua natureza pequeno-burguesa; os "ortodoxos", por sua vez, se adaptavam aos oportunistas no interesse da "manutenção da unidade" com os oportunistas; no interesse da "paz no Partido". O resultado era o domínio do oportunismo, pois se estabelecia uma cadeia ininterrupta entre a política da burguesia e a política dos "ortodoxos".

Atravessava-se um período de desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo, um período, por assim dizer, de pré-guerra, em que as contradições catastróficas do imperialismo ainda não haviam chegado a manifestar-se em toda a evidência; em que as greves econômicas dos operários e os sindicatos se desenvolviam mais ou menos "normalmente", a luta eleitoral e os grupos parlamentares obtinham êxitos "vertiginosos", as formas legais de luta eram postas nas nuvens e se pensava em poder "matar" o capitalismo por meio da legalidade, um período, em suma, em que os partidos da II Internacional se abastardavam e não se queria pensar seriamente na revolução, na ditadura do proletariado, na educação revolucionária das massas.

Em lugar de uma teoria revolucionária coerente, afirmações teóricas contraditórias e fragmentos de teoria, divorciados da luta revolucionária viva das massas e transformados em dogmas caducos. Para salvar as aparências, é certo, invocava-se a teoria de Marx, mas para despojá-la do seu espírito revolucionário vivo.

Em lugar de uma política revolucionária, filisteísmo flácido e politicalha mesquinha, diplomacia parlamentar e combinações parlamentares. Para salvar as aparências, é certo, se aprovavam resoluções e palavras de ordem "revolucionárias", mas para metê-las no arquivo.

Em lugar de educar e instruir o Partido na justa tática revolucionária à base dos seus próprios erros, fugia-se cuidadosamente às questões espinhosas, que eram encobertas e postas de lado. Para salvar as aparências, é certo, não se deixava de falar das questões espinhosas, mas para terminar com assunto com alguma resolução "elástica".

Tais eram a fisionomia, o método de trabalho e o arsenal da II Internacional.

Avizinhava-se, entretanto, um novo período de guerras imperialistas e de batalhas revolucionárias do proletariado. Os velhos métodos de luta se revelavam claramente insuficientes, impotentes, diante da onipotência do capital financeiro.

Era preciso rever todo o trabalho da II Internacional, todo o seu método de trabalho, pôr de lado o filisteísmo, a estreiteza mental, a politicalha, a traição, o social-chauvinismo, o social-pacifismo. Era necessário revisar todo o arsenal da II Internacional, jogar fora tudo o que estava enferrujado e obsoleto, forjar novos tipos de armas. Sem este trabalho preliminar seria inútil partir para a guerra contra o capitalismo. Sem este trabalho o proletariado correria o risco de encontrar-se mal armado e, mesmo, inermes diante de novas batalhas revolucionárias.

A honra de levar a cabo esta revisão geral e a limpeza geral dos estábulos de Augias da II Internacional coube ao leninismo.

Tais foram as circunstâncias em que nasceu e se forjou o método do leninismo.

Quais são as exigências deste método?

Em primeiro lugar, *comprovar* os dogmas teóricos da II Internacional no fogo da luta revolucionária das massas, no fogo da prática viva, isto é, restabelecer a unidade perdida entre a teoria e a prática, eliminar a ruptura entre ambas, pois somente assim se pode formar um partido verdadeiramente proletário, armado de uma teoria revolucionária.

Em segundo lugar, *comprovar* a política dos partidos da II Internacional, partindo não das suas palavras de ordem e das suas resoluções (às quais não se pode dar crédito), mas dos seus atos, das

suas ações, pois somente assim é possível conquistar e merecer a confiança das massas proletárias.

Em terceiro lugar, *reorganizar* todo o trabalho do Partido para dar-lhe orientação nova, revolucionária, no sentido da educação e da preparação das massas para a luta revolucionária, pois somente assim se podem preparar as massas para a revolução proletária.

Em quarto lugar, a *autocrítica* dos partidos proletários, a sua educação e instrução à base dos seus próprios erros, pois somente assim se podem formar verdadeiros quadros e verdadeiros dirigentes de partido.

Tais são os fundamentos e a essência do método do leninismo.

Como se aplicou, na prática, esse método?

Os oportunistas da II Internacional professam uma série de dogmas teóricos, que repetem como o rosário. Vejamos alguns deles:

Primeiro dogma: sobre as condições da tomada do Poder pelo proletariado. Os oportunistas afirmam que o proletariado não pode e não deve tomar o Poder se não constitui a maioria dentro do país. Não oferecem prova alguma, pois não é possível, nem do ponto-de-vista teórico nem do ponto-de-vista prático, para justificar esta tese absurda. Admitamos que seja assim, responde Lênin aos senhores da II Internacional. Mas onde se produzisse uma situação histórica (guerra, crise agrária, etc..) em que o proletariado, embora sendo a minoria da população, tenha a possibilidade de agrupar em torno de si a maioria das massas trabalhadoras, por que ele não deveria tomar o Poder? Por que o proletariado não deveria aproveitar-se da situação internacional e interna favorável para romper a frente do capital e acelerar o desenlace geral? Porventura já não disse Marx, entre 1850 e 1860, que a revolução proletária alemã se encontraria em "excelentes" condições, se fosse possível assegurar para a revolução proletária o apoio, "por assim dizer, de uma segunda edição da guerra camponesa"?

Não é por acaso do conhecimento geral que àquela época, na Alemanha, os proletários eram relativamente menos numerosos do que, por exemplo, na Rússia em 1917? A experiência da revolução proletária russa não demonstrou porventura que esse dogma, caro aos heróis da II Internacional,

não tem a menor significação vital para o proletariado? Acaso não está claro que a experiência da luta revolucionária das massas refuta e destrói esse dogma caduco?

Segundo dogma: o proletariado não pode manter-se no Poder se não dispõe de suficiente número de quadros já formados, de intelectuais e de administradores, capazes de assegurar a administração do país. Primeiro é preciso formar esses quadros, sob o capitalismo, e depois tomar o Poder. Admitamos que seja assim, respondeu Lênin. Mas, por que não se pode agir em sentido contrário: começar pela tomada do Poder, criar as condições favoráveis ao desenvolvimento do proletariado e, depois, avançar a passos de gigante, para elevar o nível cultural das massas trabalhadoras, para formar numerosos quadros dirigentes e administrativos, recrutados no seio dos operários? A experiência russa não demonstrou por acaso que os quadros dirigentes, recrutados entre os operários, crescem sob o Poder proletário cem vezes mais rapidamente e melhor do que sob o Poder do capital? Não é porventura claro que a experiência da luta revolucionária das massas desfaz implacavelmente também este dogma teórico dos oportunistas?

Terceiro dogma: o método da greve geral política não pode ser aceito pelo proletariado, porque teoricamente é inconsistente (vide a crítica de Engels), é perigoso na prática (pode desorganizar a marcha normal da vida econômica do país, pode deixar vazias as caixas dos sindicatos) e não pode substituir as formas parlamentares de luta, que constituem a forma principal da luta de classe do proletariado. Bem, respondem os leninistas. Mas, em primeiro lugar, Engels não criticou toda greve geral, mas somente uma determinada espécie de greve geral, a greve geral *econômica* dos anarquistas, preconizada pelos anarquistas *em lugar* da luta política do proletariado. Que tem a ver com isso o método da greve geral *política*? Em segundo lugar, quem demonstrou, e onde, que a luta parlamentar é a principal forma de luta do proletariado? A história do movimento revolucionário não demonstra, porventura, que a luta parlamentar é apenas uma escola, um auxílio para a organização da luta extraparlamentar do proletariado, que as questões fundamentais do movimento operário, no regime capitalista, se resolvem pela força, com a luta direta das massas proletárias, com a greve geral, com a insurreição? Em terceiro lugar, de onde saiu a

questão da substituição da luta parlamentar pelo método da greve geral política? Onde e quando os partidários da greve geral política tentaram substituir as formas parlamentares de luta pelas formas extraparlamentares? Em quarto lugar, por acaso a revolução russa não demonstrou que a greve geral política é a maior escola da revolução proletária e um meio insubstituível de mobilização e de organização das mais amplas massas do proletariado nas vésperas do assalto às fortalezas do capitalismo? Que têm a ver com isso as lamentações hipócritas sobre a desorganização do curso normal da vida econômica e sobre caixas de sindicatos? Não é claro, porventura, que a experiência da luta revolucionária destrói também este dogma dos oportunistas?

E assim sucessivamente.

Por isso, Lênin dizia que "a teoria revolucionária não é um dogma", que "ela só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a prática de um movimento verdadeiramente de massa e verdadeiramente revolucionário" ("*A doença infantil*"), porque a teoria deve servir à prática, porque, "a teoria deve dar resposta às questões suscitadas pela prática" ("*Os, amigos do povo*"), porque ela deve ser confirmada, com dados fornecidos pela prática.

Quanto às palavras, de ordem políticas e às decisões políticas dos partidos da II Internacional, basta lembrar a história da palavra de ordem de "guerra à guerra", para compreender toda a hipocrisia, toda a podridão da prática política desses partidos, que encobrem a sua atividade contra-revolucionária com palavras de ordem e resoluções revolucionárias pomposas. Todos se recordam da pomposa manifestação da II Internacional, no Congresso de Basiléia, em que os imperialistas foram ameaçados com todos os horrores da insurreição, se ousassem desencadear a guerra, quando se formulou a temível palavra de ordem: "guerra à guerra". Mas quem não se lembra de que, algum tempo depois, antes do próprio começo da guerra, a resolução passou aos arquivos e os operários receberam nova palavra de ordem: exterminai-vos mutuamente para glória da pátria capitalista? Não é claro, porventura, que as palavras de ordem e as resoluções revolucionárias não valem nada se não são apoiadas pelos fatos? Basta comparar a política leninista de transformação da guerra imperialista em guerra civil com a política de traição, seguida pela II Internacional, durante a guerra, para compreender toda a trivialidade dos politiquinhos do oportunismo e toda a grandeza do método leninista.

Não posso deixar de referir, aqui, uma passagem do livro de Lênin: "*A revolução proletária e o renegado Kautsky*", em que ele fustiga duramente a tentativa oportunista do chefe da II Internacional, K. Kautsky, por não julgar os partidos pelas suas ações, mas pelas suas palavras de ordem e pelos seus documentos:

"Kautsky faz uma política tipicamente pequeno-burguesa, filistéia, quando imagina... que o fato de lançar uma palavra de ordem muda a realidade. Toda a história da democracia burguesa põe a nu esta ilusão; para enganar o povo, os democratas burgueses sempre lançaram e sempre lançam toda espécie de «palavras de ordem». Trata-se de comprovar a sua sinceridade, de confrontar as palavras com os fatos, de não contentar-se com frases idealistas ou charlatanescas, mas de procurar descobrir a realidade de classe".

E não falo do medo da autocrítica, que é próprio dos partidos da II Internacional, do seu costume de esconder os seus erros, de não tocar nas questões espinhosas, de dissimular os seus defeitos, dando a falsa impressão de que tudo corre às mil maravilhas, o que sufoca o pensamento vivo e impede a educação revolucionária do partido sobre a base da experiência dos seus próprios erros. Lênin pôs em ridículo e levou ao pelourinho esse costume. Vejamos o que escreve Lênin no livro "*A doença infantil*", a propósito da autocrítica dos partidos proletários:

"A atitude de um partido político diante dos seus erros é um dos critérios mais importantes e mais seguros para julgar se um partido é sério, se cumpre de fato os seus deveres para com a sua classe e para com as massas trabalhadoras. Reconhecer abertamente o erro, descobrir-lhe a causa, analisar a situação que o gerou, estudar atentamente os meios para corrigi-lo: isto é indício da seriedade de um partido, a isto se chama cumprir o seu dever, educar e instruir a classe e depois as massas".

Há quem diga que a revelação dos próprios erros e a autocrítica são coisas perigosas para o Partido, pois disso se pode aproveitar o inimigo contra o Partido do proletariado. Lênin considerava destituídas de seriedade e completamente errôneas semelhantes objeções. Eis o que dizia a propósito, já em 1904, no folheto "*Um passo à frente*", quando o nosso Partido ainda era fraco e pouco numeroso:

"Eles (os adversários dos marxistas, J. St.) se agitam e manifestam alegria maligna quando observam, as nossas discussões; procuram certamente extrair, para seus fins, passagens isoladas do folheto em que falo das deficiências e lacunas do nosso Partido. Os social-democratas russos já estão suficientemente temperados nas batalhas para não se deixarem, perturbar por semelhantes alfinetadas, para continuar, apesar disso, o seu trabalho de autocrítica e desmascaramento implacável dos seus defeitos, que serão segura e inevitavelmente superados com o desenvolvimento do movimento operário".

Tais são, em geral, os traços característicos do método do leninismo.

O que se encontra no método de Lênin já se encontrava, no fundamental, na doutrina de Marx, que, segundo as palavras do próprio Marx, é, "por sua essência, crítica e revolucionária". Precisamente esse espírito crítico e revolucionário impregna do princípio ao fim o método de Lênin. Mas seria um erro pensar que o método de Lênin é uma simples restauração do que foi dado por Marx. Na realidade, o método de Lênin não é apenas a restauração, mas também a concretização e o desenvolvimento ulterior do método crítico e revolucionário de Marx, da sua dialética materialista.

Capítulo III - A Teoria

Analisarei três questões deste tema:

1. a importância da teoria para o movimento proletário;
2. a crítica da "teoria" do espontaneísmo;
3. a teoria da revolução proletária.

1. Importância da Teoria

Alguns supõem que o leninismo é a primazia da prática sobre a teoria, no sentido de que nele o essencial consiste na transformação em atos das teses marxistas, na "aplicação" destas teses, e que, no que se relaciona à teoria, o leninismo, segundo eles, é bastante descuidado. É sabido que Plekhanov mais de uma vez escarneceu do "descuido" de Lênin pela teoria e especialmente pela filosofia. Também é sabido que muitos leninistas, ocupados hoje no trabalho prático, não são muito dados à teoria, por efeito, sobretudo, do enorme trabalho prático que as circunstâncias os obrigam a realizar. Devo declarar que esta opinião, mais do que estranha, a respeito de Lênin e do leninismo é inteiramente falsa e não corresponde de modo algum à realidade, que a tendência dos militantes ocupados no trabalho prático para não fazer caso da teoria contradiz por completo o espírito do leninismo e está cheia de graves perigos para a nossa causa.

A teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, considerada sob o aspecto geral. Naturalmente, a teoria deixa de ter objeto quando não se vincula à prática revolucionária, exatamente do mesmo modo que a prática se torna cega se não se ilumina o caminho com a teoria revolucionária. Mas a teoria pode converter-se em formidável força do movimento operário se é elaborada em união indissolúvel com a prática revolucionária, porque ela, e somente ela, pode dar ao movimento segurança, capacidade de orientação e compreensão dos laços íntimos dos acontecimentos que se verificam em torno de nós, porque ela, e somente ela, pode ajudar à prática a compreender, não só como e em que direção se movem as classes no momento presente, mas também como e em que direção deverão mover-se no futuro próximo. E foi precisamente Lênin quem disse e repetiu dezenas de vezes a conhecida tese de que:

"Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário".

Mais do que ninguém Lênin compreendia a grande importância da teoria, especialmente para um partido como o nosso, em virtude do papel que lhe toca de combatente de vanguarda do proletariado internacional, em virtude da complexa situação interna e externa que o rodeia. Prevendo este papel

especial do nosso Partido, em 1902, já então Lênin considerava necessário recordar que:

"Só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda".

Não é preciso demonstrar que hoje, quando a predição de Lênin sobre o papel do nosso Partido já se converteu em realidade, esta tese de Lênin adquire uma força e uma importância especiais.

Talvez a prova mais clara da grande importância que Lênin atribuía à teoria seja o fato de que foi o próprio Lênin quem assumiu a tarefa extremamente importante de generalizar, segundo a filosofia materialista, todas as conquistas de maior importância feitas pela ciência no período de Engels a Lênin, e de criticar a fundo as correntes antimaterialistas entre os marxistas. Dizia Engels que:

"o materialismo deve assumir uma nova forma à cada grande descoberta".

É sabido que foi precisamente Lênin quem, no seu notável livro "*Materialismo e empiriocriticismo*", cumpriu esta tarefa. É sabido que Plekhanov, tão inclinado a escarnecer do "descuido" de Lênin pela filosofia, não teve sequer ânimo de abordar seriamente a realização dessa tarefa.

2. Crítica da "Teoria" do Espontaneísmo, ou sobre o Papel da Vanguarda no Movimento

A "teoria" do espontaneísmo é a teoria do culto da espontaneidade do movimento operário, a teoria da negação de fato do papel dirigente da vanguarda da classe operária, do Partido da classe operária.

A teoria do culto da espontaneidade é decididamente hostil ao caráter revolucionário do movimento operário, não quer que o movimento se dirija segundo a linha da luta contra as bases do capitalismo, quer que o movimento siga exclusivamente a linha das reivindicações que possam ser "satisfeitos" e "aceitas" pelo capitalismo, é totalmente favorável à linha "da menor resistência". A teoria da espontaneidade é a ideologia do trade-unionismo.

A teoria do culto da espontaneidade é decididamente hostil a que se dê ao movimento espontâneo um caráter consciente, metódico, não quer que o Partido marche à frente da classe operária, que o Partido eleve as massas até torná-las conscientes, não quer que o Partido assuma a direção do movimento; acha que os elementos conscientes não devem impedir que o movimento siga pelo seu caminho; essa teoria quer que o Partido se limite a registrar o movimento espontâneo e se arraste a reboque. A teoria do espontaneísmo é a teoria da subestimação do papel do elemento consciente no movimento, a ideologia do "seguidismo", a base lógica do oportunismo de *toda espécie*.

Praticamente, essa teoria, que apareceu em cena já antes da primeira, revolução russa, teve como consequência que os seus adeptos, os chamados "economistas", negassem a necessidade de um partido operário independente na Rússia, se manifestassem contra a luta revolucionária da classe operária pela derrubada do tzarismo, pregassem no movimento uma política trade-uníonista e pusessem, em geral, o movimento operário sob a hegemonia da burguesia liberal.

A luta da velha "Iskra" e a brilhante crítica da teoria do "seguidismo", feita por Lênin no folheto "*Que fazer?*", não só derrotaram o chamado

"economismo", mas assentaram as bases teóricas de um movimento verdadeiramente revolucionário da classe operária russa.

Sem esta luta não seria possível sequer pensar na criação na Rússia de um partido operário independente, nem no seu papel dirigente na revolução.

Mas a teoria do culto da espontaneidade não é um fenômeno exclusivamente russo. Esta teoria tem a mais ampla difusão, é certo que sob uma forma um tanto diferente, em todos os partidos da II Internacional, sem exceção. Refiro-me à chamada teoria das "forças produtivas", reduzida a uma banalidade pelos chefes da II Internacional, teoria que, justifica tudo e concilia a todos, constata os fatos e os explica quando todos já estão fartos deles, mas, depois de registrar os fatos, não vai além. Disse Marx que a teoria materialista não se pode limitar a explicar o mundo, mas que deve também transformá-lo. No entanto, Kautsky e Cia. não chegam senão a isso, preferindo deter-se na primeira parte da fórmula de Marx. Eis um exemplo, entre muitos, da aplicação desta "teoria". Diz-se que, antes da guerra imperialista, os partidos da II Internacional ameaçavam declarar "guerra à guerra", se os imperialistas desencadeassem a guerra. Diz-se que, às vésperas da guerra, estes mesmos partidos arquivaram a palavra de ordem de "guerra à guerra" e puseram em prática a palavra de ordem oposta de "guerra pela pátria imperialista". Diz-se que o resultado dessa mudança de palavras de ordem foi o morticínio de milhões de operários. Mas seria um erro pensar que alguém foi culpado desse fato, que alguém traiu ou vendeu a classe operária. Nada disso! Ocorreu o que tinha de ocorrer. Em primeiro lugar, porque a Internacional é um "instrumento de paz" e não de guerra. Em segundo lugar, porque, dado o "nível das forças produtivas" existente àquela época, nada mais se podia fazer. A "culpa" é das "forças produtivas". A "teoria das forças produtivas" do sr. Kautsky "no-lo" explica com precisão. E quem não crê nesta "teoria", não é marxista. O papel dos partidos? A sua importância no movimento? Mas, que pode fazer um partido contra um fator tão decisivo como o "nível das forças produtivas"?...

Poderíamos citar um montão de exemplos semelhantes de falsificação do marxismo.

Não é necessário demonstrar que esse "marxismo" falsificado, destinado a cobrir as vergonhas do oportunismo, não é senão uma variedade europeia

daquela teoria do "seguidismo" contra a qual Lênin combatia, já no período anterior à primeira revolução russa.

Não e necessário demonstrar que a destruição dessa falsificação teórica é uma condição preliminar para a criação de partidos verdadeiramente revolucionários no Ocidente.

3. A Teoria da Revolução Proletária

A teoria leninista da revolução proletária tem como ponto de partida três teses fundamentais.

Primeira tese: O domínio do capital financeiro nos países capitalistas avançados; a emissão de títulos, que é uma das principais operações do capital financeiro; a exportação de capitais para as fontes de matérias-primas, que é uma das bases do imperialismo; a onipotência da oligarquia financeira, como consequência do domínio do capital financeiro; tudo isso põe a nu o caráter brutalmente parasitário do capitalismo monopolista, torna cem vezes mais penoso o jugo dos trustes e dos sindicatos capitalistas, aumenta a indignação da classe operária contra as bases do capitalismo, conduz as massas à revolução proletária como única via de salvação.

Daí surge a primeira conclusão: aguçamento da crise revolucionária nos diferentes países capitalistas, desenvolvimento nas "metrópoles" dos elementos que podem levar a uma explosão na frente interna, na frente proletária.

Segunda tese: A exportação intensificada dos capitais para os países coloniais e dependentes; a extensão das "esferas de influência" e dos domínios coloniais até compreender todo o planeta; a transformação do capitalismo num *sistema mundial* de escravização financeira e de opressão colonial da imensa maioria da população do mundo por um punhado de países "avançados"; tudo isso, de uma parte, transformou as diferentes economias nacionais e os diferentes territórios nacionais em elos da mesma corrente, denominada economia mundial; por outro lado, dividiu a população do globo em dois campos: um punhado de países capitalistas "avançados", que exploram e oprimem vastos países coloniais e dependentes, e uma enorme maioria de países coloniais e dependentes, que se vêm obrigados a lutar para libertar-se do jugo do imperialismo.

Daí surge uma segunda conclusão: aguçamento da crise revolucionária nos países coloniais, desenvolvimento do espírito de revolta contra o imperialismo, na frente externa, na frente colonial.

Terceira tese: O monopólio das "esferas de influência" e das colônias, o desenvolvimento desigual dos diversos países capitalistas, que determina uma luta encarniçada por uma nova repartição do mundo entre os países que já se apossaram dos territórios e os países que querem receber a sua "parte"; as guerras imperialistas, único meio de restabelecer "o equilíbrio" desfeito: tudo isso leva a uma exacerbação da luta numa terceira frente, na frente intercapitalista, o que enfraquece o imperialismo e facilita a união contra o imperialismo nas duas frentes anteriores, na frente revolucionária proletária e na frente da luta pela libertação das colônias.

Daí surge uma terceira conclusão: inevitabilidade das guerras na época do imperialismo, inevitabilidade da coalizão da revolução proletária na Europa com a revolução colonial no Oriente, numa só frente mundial da revolução contra a frente mundial do imperialismo.

Todas essas conclusões foram reunidas por Lênin numa só conclusão geral: *o imperialismo é a véspera da revolução socialista.*

Em consequência, modifica-se o modo de abordar o problema da revolução proletária, do seu caráter, da sua amplitude, da sua profundidade, modifica-se o esquema da revolução em geral.

Antes, costumava-se analisar as premissas da revolução proletária partindo do exame da situação econômica deste ou daquele país. Hoje, este modo de abordar o problema já não basta. Hoje, é necessário abordar a questão partindo do exame da situação econômica de todos ou da maior parte dos países, do exame da situação da economia mundial, porque os diferentes países e as diferentes economias nacionais deixaram de ser unidades autônomas, transformaram-se em elos de uma só cadeia que se chama economia mundial, porque o velho capitalismo "civilizado" se transformou em imperialismo, e o imperialismo é o sistema mundial de escravização financeira e da opressão colonial da enorme maioria da população do globo por parte de um punhado de países "avançados".

Antes, costumava-se falar da existência ou da falta de condições objetivas para a revolução proletária nos diferentes países ou, mais exatamente, neste ou naquele país desenvolvido. Hoje, este ponto-de-vista já não basta. Hoje, deve-se falar da existência das condições objetivas para a revolução era todo o sistema da economia imperialista mundial,

considerado como um todo. A existência, no seio deste sistema, de alguns países de insuficiente desenvolvimento industrial não pode constituir obstáculo insuperável à revolução, se o sistema, no seu conjunto, ou melhor, *uma vez que* o sistema no seu conjunto já está maduro para a revolução.

Antes, costumava-se falar da revolução proletária neste ou naquele país desenvolvido como de uma entidade isolada, autônoma, oposta à respectiva frente nacional do capital, como seu antípoda. Hoje, este ponto-de-vista já não basta. Hoje, deve-se falar da revolução proletária mundial, porque as diferentes frentes nacionais do capital se transformaram em elos de uma só cadeia, que se chama frente mundial do imperialismo, a que se deve opor a frente geral do movimento revolucionário de todos os países.

Antes, considerava-se a revolução proletária como o resultado exclusivo do desenvolvimento interno de um dado país. Hoje, este ponto-de-vista já não basta. Hoje é preciso considerar a revolução proletária mundial sobretudo como o resultado do desenvolvimento da contradição no sistema mundial do imperialismo, como o resultado da ruptura da cadeia da frente mundial imperialista neste ou naquele país.

Onde começará a revolução? Onde poderá ser rompida, em primeiro lugar, a frente do capital? Em que país?

Ali, onde a indústria for mais desenvolvida, onde o proletariado constituir a maioria, onde houver mais cultura, onde houver mais democracia — costumava-se responder, antes.

Não, objeta a teoria leninista da revolução, *não é obrigatório que seja ali onde a indústria é mais desenvolvida, etc..* A frente do capital se romperá lá onde a cadeia do imperialismo for mais fraca, porque a revolução proletária é o resultado da ruptura da cadeia da frente imperialista mundial no seu ponto mais débil; e bem pode ocorrer que o país que iniciou a revolução, o país que rompeu a frente do capital seja do ponto-de-vista capitalista menos desenvolvido do que outros, mais desenvolvidos, que permanecem, apesar disso, no quadro do capitalismo.

Em 1917, a cadeia da frente imperialista mundial era mais débil na Rússia do que noutros países. E aqui ela se rompeu, abrindo o caminho à revolução proletária. Por quê? Porque na Rússia se desencadeava uma grandiosa revolução popular, à frente da qual marchava o proletariado

revolucionário, que contava com um aliado tão importante como os milhões e milhões de camponeses oprimidos e explorados pelos latifundiários. Porque na Rússia a revolução tinha como adversário um representante tão repulsivo do imperialismo, como o tzarismo, destituído de toda autoridade moral, justamente odiado por toda a população. A cadeia era mais débil na Rússia, muito embora este país fosse menos desenvolvido no sentido capitalista do que, por exemplo, a França ou a Alemanha, a Inglaterra ou a América.

Onde se romperá a cadeia no futuro próximo? Mais uma vez, ali onde for mais débil. Não se excluí que a cadeia, possa romper-se, por exemplo, na Índia. Por quê? Porque ali existe um jovem proletariado revolucionário, combativo, que tem um aliado como o movimento de libertação nacional, aliado incontestavelmente poderoso e incontestavelmente importante. Porque ali a revolução tem contra si um adversário por todos conhecido, como o imperialismo estrangeiro, destituído autoridade moral e justamente odiado por todas as massas exploradas e oprimidas da Índia.

É também perfeitamente possível que a cadeia se rompa na Alemanha. Por quê? Porque os fatores que atuam, por exemplo, na Índia, começam a atuar também na Alemanha, tornando-se evidente que a imensa diferença existente entre o nível de desenvolvimento da Índia e o da Alemanha não poderá deixar de imprimir o seu sinete no curso e no êxito da revolução neste último país.

Por isso, disse Lênin:

"Os países capitalistas da Europa Ocidental levarão a termo o seu desenvolvimento para o socialismo... não por um processo gradual de amadurecimento uniforme do socialismo neles, mas através da exploração de alguns Estados por parte de outros, através da exploração do primeiro Estado entre os vencidos na guerra imperialista unida à exploração de todo o Oriente. O Oriente, por outro lado, entrou definitivamente no movimento revolucionário, justamente por força desta primeira guerra imperialista, e foi definitivamente arrastado ao turbilhão do movimento revolucionário mundial".

Em suma, a cadeia da frente imperialista, como regra, deve romper-se ali onde os elos da cadeia forem mais fracos e, em todo caso, não

necessariamente ali onde o imperialismo for mais desenvolvido, onde os proletários constituam uma determinada percentagem da população, os camponeses outros tantos por cento, etc., etc..

Por isso, os cálculos estatísticos sobre a percentagem do proletariado na população deste ou daquele país perdem, quando se trata de resolver o problema da revolução proletária, aquela importância excepcional que lhe atribuíam, com muito gosto, os escolásticos da II Internacional, que não souberam compreender o imperialismo e temem a revolução como à peste.

Prossigamos. Os heróis da II Internacional afirmavam (e continuam a afirmar) que, entre a revolução democrática burguesa, de um lado, e a revolução proletária, de outro, há um abismo, ou, pelo menos, uma muralha chinesa, que separa uma da outra por um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual a burguesia, entronizada no Poder, desenvolve o capitalismo, enquanto o proletariado reúne forças e se prepara para a "luta decisiva" contra o capitalismo. Este intervalo costuma ser avaliado em muitos decênios, senão, mais. Não é preciso demonstrar que esta "teoria" da muralha chinesa, na época do imperialismo, não tem nenhum valor científico, que ela não pode constituir senão um meio para encobrir e mascarar os apetites contra-revolucionários da burguesia. é desnecessário demonstrar que, nas condições existentes no período do imperialismo, cheio de colisões e de guerras, às "vésperas da revolução socialista", quando o capitalismo "florescente" se transforma em capitalismo "agonizante" (*Lênin*) e o movimento revolucionário se desenvolve em todos os países do mundo, quando o imperialismo se alia com todas as forças reacionárias, sem exceção, até mesmo com o tzarismo e com o regime feudal, tornando assim inevitável a coalizão de todas as forças revolucionárias, desde o movimento proletário no Ocidente até o movimento de libertação nacional no Oriente; quando a destruição das sobrevivências do regime feudal se torna impossível sem uma luta revolucionária contra o imperialismo, não é necessário demonstrar que a revolução democrático-burguesa, num país mais ou menos desenvolvido, deve, nestas condições, avizinhar-se da revolução proletária, que a primeira deve transformar-se na segunda. A história da revolução na Rússia demonstrou, com clareza, que esta afirmação é justa e incontestável. Não foi por acaso que Lênin, já em 1905, às vésperas da primeira revolução russa, apresentava, no seu folheto "*Duas táticas*", a revolução democrático-burguesa e a revolução socialista como

dois elos de uma só cadeia, como um quadro único, um quadro completo do processo da revolução russa:

"O proletariado deve levar a termo a revolução democrática, atraindo para si a massa dos camponeses, para esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia. O proletariado deve fazer a revolução socialista, atraindo para si a massa dos elementos semi-proletários da população, para quebrar pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade dos camponeses e da pequena burguesia. Tais são as tarefas do proletariado, tarefas que os partidários da nova *Iskra* apresentam de modo tão restrito em todos os seus raciocínios e resoluções sobre a envergadura da revolução".

E não falo de outros trabalhos, mas de recentes, de Lênin, em que a ideia da transformação da revolução burguesa em revolução proletária aparece com maior relevo do que em "*Duas táticas*", como uma das pedras angulares da teoria leninista da revolução.

Certos camaradas, segundo parece, acreditam que Lênin não concebeu esta ideia senão em 1916 e que até então pensara que a revolução, na Rússia, permaneceria no quadro burguês, que o Poder passaria, portanto, das mãos do órgão da ditadura do proletariado e dos camponeses para as mãos da burguesia, e não para as mãos do proletariado. Diz-se que esta afirmação penetrou até mesmo na nossa imprensa comunista. Devo dizer que esta afirmação é inteiramente falsa, que não corresponde de modo algum à realidade.

Poderia referir-me ao conhecido discurso de Lênin, perante II Congresso do Partido (1905), no qual ele qualificava a ditadura do proletariado e dos camponeses, isto é, o triunfo da revolução democrática, não como "a organização da ordem"; mas como "a organização da guerra".

Poderia referir-me, ademais, aos conhecidos artigos de Lênin "*Sobre o governo provisório*" (1905), em que traçando as perspectivas do desenvolvimento da revolução russa, põe diante do Partido a tarefa de "conseguir que a revolução russa não seja um movimento de alguns meses, mas um movimento de muitos anos, que ela não conduza tão somente à obtenção de algumas pequenas concessões de parte dos que detêm o Poder,

mas à derrubada completa deste, e nos quais Lênin, desenvolvendo esta perspectiva e ligando-a à revolução na Europa, continua:

"E se se conseguir isso, então... então as chamas da revolução incendiarão a Europa; o operário europeu, cansado da reação burguesa, se levantará por sua vez e nos ensinará como se fazem as coisas»; então, o impulso revolucionário da Europa repercutirá na Rússia e transformará uma época de alguns anos de revolução numa época de alguns decênios de revolução..."

Poderia referir-me, ainda, ao conhecido artigo de Lênin, publicado, em novembro de 1915, em que ele escreve:

"O proletariado luta e continuará lutando com abnegação pela conquista do Poder, pela República, pela confiscação das terras..., pela participação das «massas populares não proletárias» na libertação da Rússia burguesa do «imperialismo» feudal militar (isto é, o tzarismo). E desta libertação da Rússia burguesa do tzarismo, do Poder dos latifundiários, o proletariado se aproveitará imediatamente não para ajudar os camponeses acomodados na sua luta contra os operários agrícolas, mas para levar a termo a revolução socialista em aliança com os proletários da Europa".

Poderia referir-me, finalmente, a uma conhecida passagem do folheto de Lênin, "*A Revolução proletária e o renegado Kautsky*" em que ele, referindo-se ao trecho acima citado de "*Duas táticas*"¹, relativo à amplitude da revolução russa, chega a esta conclusão:

"Aconteceu tal qual havíamos dito. O curso da revolução confirmou a justeza do nosso raciocínio. A princípio, juntamente com todos os camponeses, contra a monarquia, contra os proprietários rurais, contra o regime medieval (e, portanto, a revolução continua a ser burguesa, democrático-burguesa). Em seguida, juntamente com os camponeses pobres, juntamente com os semi-proletários, com todos os semi-proletários, com todos os explorados, contra o capitalismo, inclusive os camponeses ricos, os kulaks, os especuladores, e, portanto, a revolução se torna socialista. Querer levantar uma artificial muralha chinesa entre uma e a outra, separar uma da outra com qualquer coisa que não seja o grau de preparação do proletariado e o grau da sua união

com os camponeses pobres, é a maior tergiversação do marxismo, a redução do marxismo a uma banalidade, a sua substituição pelo liberalismo."

Parece-me que basta.

Ora, poderia dizer-se, se é assim, por que Lênin combateu a ideia da "revolução permanente" (ininterrupta)?

Porque Lênin propunha que se "esgotasse" a capacidade revolucionária dos camponeses e se utilizasse até o fim a sua energia revolucionária para a destruição completa do tzarismo, para a passagem à revolução proletária, enquanto os defensores da "revolução permanente" não compreendiam a importância do papel dos camponeses na revolução russa, subestimavam a potência da energia revolucionária dos camponeses, subestimavam força e a capacidade do proletariado russo para arrastar os camponeses e desse modo dificultavam a libertação dos camponeses da influência da burguesia e o seu agrupamento em torno do proletariado.

Porque Lênin propunha coroar a obra da revolução com a passagem do Poder ao proletariado, enquanto os partidários da revolução "permanente" pensavam em começar diretamente com o Poder do proletariado, sem compreender que, desse modo, fechavam os olhos a uma "insignificância" como as sobrevivências feudais e não levavam em conta uma força tão importante como os camponeses russos, sem compreender que uma tal política não podia senão criar obstáculos à conquista dos camponeses pelo proletariado.

Lênin combatia, por isso, os partidários da revolução "permanente", não porque defendessem a continuidade da revolução de vez que o próprio sustentava o ponto-de-vista da revolução ininterrupta, mas porque subestimavam o papel dos camponeses, que são a maior reserva do proletariado, e porque não compreendiam a ideia da hegemonia do proletariado.

A ideia da revolução "permanente" não é uma ideia nova. Quem a expôs pela primeira vez foi Marx, por volta de 1850, na sua conhecida "*Mensagem*" à Liga dos Comunistas. Desse documento os nossos "permanentistas" tiraram a ideia da revolução ininterrupta. É necessário, porém, observar que os nossos "permanentistas", ao tomá-la de Marx,

bastante e, modificando-a, "estragaram-na", tornando-a inútil para uso prático. Foi necessário que a mão hábil de Lênin corrigisse este erro, tomasse a ideia da revolução ininterrupta de Marx na sua forma pura e dela fizesse uma das pedras angulares da sua teoria da revolução.

Eis o que disse Marx a propósito da revolução ininterrupta na sua "*Mensagem*", depois de ter enumerado uma série de reivindicações democrático-revolucionárias, a cuja conquista conclama os comunistas:

"Enquanto os pequeno-burgueses democráticos querem pôr fim à revolução o mais rápido possível, depois de obterem a maior parte das reivindicações acima mencionadas, nosso interesse e nossa tarefa consistem em tornar a revolução permanente até que seja eliminado o domínio das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o Poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, e não só num país, mas em todos os países dominantes do mundo, em proporções tais, que cesse a concorrência entre os proletários destes países, e até que pelo menos as forças produtivas decisivas estejam concentradas nas mãos do proletariado".

Noutros termos:

1. Marx, contrariamente aos planos dos nossos "permanentistas" russos, não propunha de modo algum que se iniciasse, na Alemanha de 1850-1860, a revolução diretamente com o Poder do proletariado;

2. Marx propunha apenas que se coroasse a revolução com o Poder proletário do Estado, desalojando, passo a passo, uma fração da burguesia após outra, para, uma vez instaurado o Poder do proletariado, desencadear a revolução em todos os países. Isso corresponde perfeitamente a tudo o que ensinou e realizou Lênin no curso da nossa revolução, segundo a sua teoria da revolução proletária nas condições existentes na fase do imperialismo.

Resulta, pois, que os nossos "permanentistas" russos, não somente subestimaram o papel dos camponeses na revolução russa e a importância da ideia da hegemonia do proletariado, mas também modificaram (para pior) a ideia da revolução "permanente" de Marx, tornando-a inútil para a sua aplicação prática.

Por isso, Lênin escarneia da teoria dos nossos "permanentistas", chamando-a "original" e "magnífica", e acusando-os de não querer "refletir sobre a razão pela qual a vida, por todo um decênio, passava ao largo desta magnífica teoria, sem levá-la em conta".

Por isso, Lênin considerava esta teoria como semi-menchevique, dizendo que ela "toma dos bolcheviques o apelo à luta revolucionária decisiva do proletariado "e à conquista do poder político por ele, e, dos mencheviques, a "negação" do papel dos camponeses".

É esse o pensamento de Lênin sobre a transformação da revolução democrático-burguesa em revolução proletária, sobre a utilização da revolução burguesa para passar "imediatamente" à revolução proletária.

Prossigamos. Antes, considerava-se impossível a vitória da revolução num só país, porque se achava que, para alcançar a vitória sobre a burguesia, fosse necessária a ação comum do proletariado de todos os países avançados, ou, pelo menos, da maioria destes. Hoje, este ponto-de-vista não mais corresponde à realidade. Hoje, é necessário partir da possibilidade desse triunfo, porque o caráter desigual e aos saltos do desenvolvimento dos diversos países capitalistas, na fase do imperialismo, o desenvolvimento das catastróficas contradições internas do imperialismo, que geram as guerras inevitáveis, o desenvolvimento do movimento revolucionário em todos os países do mundo: tudo isso determina não somente a possibilidade, mas também a inevitabilidade da vitória do proletariado em um ou outro país. A história da revolução na Rússia nos fornece uma prova direta. Basta lembrar que a derrubada da burguesia só pode ser efetuada com êxito caso existam certas condições absolutamente indispensáveis, sem as quais nem sequer é possível pensar na tomada do Poder pelo proletariado.

Eis o que disse Lênin a propósito destas condições no seu folheto "*A doença infantil*":

"A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções e particularmente pelas três revoluções russas do século XX, consiste nisso: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas estejam conscientes da impossibilidade de continuar vivendo como antes, e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam, mais viver

nem governar como antes. Somente quando as «camadas inferiores» não mais querem continuar vivendo como no passado e as «camadas superiores» não podem mais continuar governando à antiga, somente então a revolução pode vencer. Noutros termos, esta verdade se exprime do seguinte modo: é impossível a revolução sem uma crise nacional geral (que afete explorados e exploradores) Para a revolução, por conseguinte, é necessário, em primeiro lugar, que a maioria dos operários (ou pelo menos a maioria dos operários conscientes, pensantes, politicamente ativos) compreenda plenamente a necessidade da revolução e esteja disposta a enfrentar a morte por ela; em segundo lugar, que as classes dirigentes atravessem uma crise de governo que arraste à vida política também as massas mais atrasadas..., enfraqueça o governo e torne possível aos revolucionários a sua rápida derrubada."

Mas derrubar o Poder da burguesia e instaurar o Poder do proletariado num só país não significa ainda assegurar a vitória completa do socialismo. Depois de ter consolidado o seu Poder e arrastado para o seu lado os camponeses, o proletariado do país vitorioso pode e deve edificar a sociedade: socialista. Mas porventura significa que, com isso, ele chegará à vitória completa, definitiva, do socialismo, isto é, significa que o proletariado pode, com as forças de um só país, consolidar definitivamente o socialismo e garantir inteiramente o país contra a intervenção estrangeira e, por conseguinte, contra a restauração? Não, não significa isso. Para isso é necessária a vitória da revolução em pelo menos alguns países. Por isso, desenvolver e apoiar a revolução noutros países é uma tarefa essencial da revolução vitoriosa. Por isso, a revolução do país vitorioso deve ser considerada, não como uma entidade autônoma, mas como um apoio, como um meio para acelerar a vitória do proletariado nos outros países.

Lênin exprime esse pensamento em duas palavras, dizendo que a tarefa da revolução triunfante consiste em realizar

"o máximo possível num só país para desenvolver, apoiar e despertar a revolução *em todos os países*".

Capítulo IV - A Ditadura do Proletariado

Analisarei três questões fundamentais deste tema:

- a) a ditadura do proletariado, instrumento da revolução proletária;
- b) a ditadura do proletariado, domínio do proletariado sobre a burguesia;
- c) o Poder dos Soviets, forma estatal da ditadura do proletariado.

a) A Ditadura do Proletariado, Instrumento da Revolução Proletária

A questão da ditadura proletária é, sobretudo, a questão do conteúdo essencial da revolução proletária. A revolução proletária, o seu movimento, a sua amplitude, as suas conquistas só tomam corpo através da ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado é o instrumento da revolução proletária, o seu órgão, o seu ponto de apoio mais importante, criado com o fim, em primeiro lugar, de esmagar a resistência dos exploradores derrubados e consolidar as conquistas da revolução e, em segundo lugar, de levar a termo a revolução proletária, levar a revolução até a vitória completa do socialismo. Vencer a burguesia e derrubar o seu Poder é coisa que a revolução também poderia fazer sem a ditadura do proletariado. Mas esmagar a resistência da burguesia, sustentar a vitória e continuar avançando até o triunfo definitivo do socialismo, a revolução já não o poderia fazê-lo, se não criasse, ao chegar a uma determinada fase do seu desenvolvimento, um órgão especial, a ditadura do proletariado, o seu apoio fundamental.

"A questão fundamental da revolução é a questão do Poder" (*Lênin*). Quer isso dizer que tudo se reduz à tomada do Poder, à conquista do Poder? Não. A tomada do Poder é apenas o começo da obra. A burguesia, derrocada em um país, continua a ser, por muito tempo, por várias razões, mais forte do que o proletariado que a derrubou. Por conseguinte, tudo reside em conservar o Poder, em consolidá-lo, em torná-lo invencível. Que é preciso para alcançar este objetivo? E preciso cumprir, pelo menos, três tarefas principais, que se apresentam à ditadura do proletariado, "um dia depois da vitória":

a) vencer a resistência dos latifundiários e dos capitalistas derrubados e expropriados pela revolução, esmagar as suas tentativas de toda espécie para restaurar o Poder do capital;

b) organizar a edificação de modo que todos os trabalhadores se agrupem em torno do proletariado e desenvolver esta obra com vistas a preparar a liquidação, a supressão das classes;

c) armar a revolução, organizar o exército da revolução para a luta contra os inimigos externos, para a luta contra o imperialismo.

A ditadura do proletariado é necessária para resolver, para cumprir estas tarefas.

"A passagem do capitalismo ao comunismo — disse Lênin — enche toda uma época histórica. Enquanto não chegar ao fim esta época, os exploradores abrigarão, inevitavelmente, a esperança de uma restauração, e esta esperança se traduz em tentativas de restauração. Também depois da primeira derrota séria, os exploradores derrubados, que não esperavam, sua queda, que não acreditavam na sua derrubada, que nem sequer admitiam a sua possibilidade, se lançam à batalha, com energia decuplicada, com furiosa paixão, com ódio cem vezes mais intenso, para reconquistar o paraíso perdido para as suas famílias, que viviam uma vida tão doce e que a canalha popular agora condena à ruína e à miséria (ou a um trabalho vil...). E atrás dos capitalistas exploradores se arrasta a grande massa da pequena burguesia que, como demonstram decênios de experiência histórica em todo os países, oscila e hesita, hoje acompanha o proletariado, amanhã se assusta ante as dificuldades da revolução, deixa-se tomar de pânico à primeira derrota ou semi-derrota dos operários, cai presa do nervosismo, se agita, choraminga, passa-se de um campo a outro".

E a burguesia tem as suas razões para fazer tentativas de restauração, porque, depois da sua derrubada, continua, ainda por muito tempo, mais forte do que o proletariado que a derrubou.

"Se os exploradores — disse Lênin — são derrotados apenas num país, e esta é naturalmente a regra, porque uma revolução simultânea em vários países constitui rara exceção, continuarão, não obstante, mais fortes, do que os explorados".

Em que consiste a força da burguesia derrubada?

"Em primeiro lugar, «na força do capital internacional, na força e na solidez dos vínculos internacionais da burguesia".

"Em segundo lugar, no fato de que «ainda por longo tempo depois da revolução os exploradores conservam, inevitavelmente,

uma série de enormes vantagens reais: restam-lhes o dinheiro (que não se pode suprimir imediatamente) e uma certa quantidade de bens móveis, com frequência valiosos; restam-lhes as relações, a prática de organização e administração, o conhecimento de todos os «segredos» da administração (hábitos, procedimentos, meios, possibilidades); restam-lhes uma instrução mais elevada e a sua intimidade com o alto pessoal técnico (que vive e pensa como a burguesia), resta-lhes uma experiência infinitamente superior da arte militar (o que é muito importante), etc., etc."

"Em terceiro lugar, na força do hábito, na força da pequena produção; porque, por infelicidade, a pequena produção ainda existe em grande, em enorme medida, e a pequena produção gera o capitalismo e a burguesia, diariamente, de hora em hora, de modo espontâneo e em massa... porque suprimir as classes não significa apenas expulsar os latifundiários e os capitalistas — isto nós o fizemos com relativa facilidade — mas quer dizer eliminar os pequenos produtores de mercadorias, aos quais é impossível expulsar, é impossível esmagar; com este é preciso conviver, e só podem (e devem) ser transformados, reeducados, mediante um trabalho de organização muito longo, muito lento e prudente".

Eis porque disse Lênin:

"A ditadura do proletariado é a guerra mais heroica e mais implacável da classe nova contra um inimigo mais poderoso, contra a burguesia, cuja resistência é decuplicada em virtude da sua derrubada;

a ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da velha sociedade."

Não é necessário demonstrar que o cumprimento dessas tarefas em prazo curto, que realizar tudo isso em alguns anos, é coisa absolutamente impossível. Por isso, é necessário considerar a ditadura do proletariado, a passagem do capitalismo ao comunismo, não como um período curto de atos e decretos "ultra-revolucionários", mas como toda uma época histórica, cheia de guerras civis e de conflitos externos, de tenaz trabalho organizativo e de edificação econômica, de avanços e recuos, de vitórias e derrotas. Esta

época histórica é necessária não somente para criar as premissas econômicas e culturais da vitória completa do socialismo, mas também para dar ao proletariado a possibilidade, em primeiro lugar, de educar-se e temperar-se como força capaz de dirigir o país e, em segundo lugar, de reeducar e transformar as camadas pequeno-burguesas de modo a assegurar a organização da produção socialista.

"Tendes de passar — dizia Marx aos operários — por quinze, vinte, cinquenta anos de guerras civis e de batalhas internacionais, não só para transformar as relações existentes mas também para vos transformardes a vós mesmos e vos tornardes aptos ao domínio político".

Continuando e desenvolvendo o pensamento de Marx, escreve Lênin:

"...durante a ditadura do proletariado... é necessário reeducar milhões de camponeses e de pequenos proprietários, centenas de milhares de empregados, de funcionários, de intelectuais burgueses, subordiná-los todos ao Estado proletário e à direção proletária, vencer os seus hábitos e tradições burgueses», assim como será necessário «... reeducar, no curso de uma luta prolongada, sobre a base da ditadura do proletariado, os próprios proletários, que não se desvencilharão dos seus preconceitos pequeno-burgueses de golpe, por milagre, por obra e graça do espírito santo ou por efeito mágico de uma palavra de ordem, de uma resolução, de um decreto, mas somente no curso de uma luta de massas, prolongada e difícil, contra as influências pequeno-burguesas entre as massas".

b) A Ditadura do Proletariado, Domínio do Proletariado sobre a Burguesia

Do que ficou dito já se depreende que a ditadura do proletariado não é uma simples mudança de homens no governo, uma mudança de "gabinete", etc., que deixe intacta a velha ordem econômica e política. Os mencheviques e os oportunistas de todos os países, que temem a ditadura como ao fogo e que, por medo, substituem o conceito de ditadura pelo conceito de "tomada do Poder", costumam reduzir a "tomada do Poder" a uma mudança de "gabinete", a subida ao Poder de um novo ministério, composto de homens do tipo de Scheidemann e Noske, Mac Donald e Henderson. Não é necessário explicar que estas mudanças de gabinete e outras semelhantes não têm nada a ver com a ditadura do proletariado, com a conquista do verdadeiro proletariado. Quando os Mac Donald e os Scheidemann estão no Poder, deixando intacta a velha ordem burguesa, os seus governos — chamemo-los assim — não podem representar senão um aparelho a serviço da burguesia, um véu sobre as chagas do imperialismo, um instrumento da burguesia contra o movimento revolucionário das massas oprimidas e exploradas. Tais governos são necessários ao capital, como um biombo, quando lhe é inconveniente, desvantajoso, difícil explorar e oprimir as massas sem um disfarce. Naturalmente, a aparição de tais governos é um sintoma de que "entre eles" (isto é, entre os capitalistas), "em Tchipka", não reina a tranquilidade, mas, não obstante, os governos desse tipo não deixarão de ser, por mais disfarçados que se apresentem, governos do capital. Do governo de Mac Donald ou de Scheidemann à conquista do Poder pelo proletariado vai uma distância como da terra ao céu. A ditadura do proletariado não é uma mudança de governo, mas um novo Estado, com novos órgãos do Poder do centro à base, é o Estado do proletariado, saído das ruínas do velho Estado, do Estado da burguesia.

A ditadura do proletariado surge não sobre a base da ordem burguesa, mas no processo da sua demolição, depois da derrubada da burguesia, no curso da expropriação dos latifundiários e dos capitalistas, no curso da socialização dos meios e dos instrumentos essenciais de produção, no curso da revolução violenta do proletariado. A ditadura do proletariado é um Poder revolucionário que se apoia na violência contra a burguesia.

O Estado é uma máquina nas mãos da classe dominante para esmagar a resistência dos seus inimigos de classe. *Sob este aspecto*, a ditadura do proletariado realmente não se distingue, em essência, da ditadura de qualquer outra classe, porque o Estado proletário é uma máquina para esmagar a burguesia. Há, porém, uma diferença essencial. Consiste esta diferença no fato de que todos os Estados de classe existentes até hoje eram a ditadura de uma minoria exploradora sobre a maioria explorada, enquanto a ditadura do proletariado é a ditadura da maioria explorada sobre a minoria exploradora.

Era poucas palavras:

"a ditadura do proletariado é o Poder do proletariado sobre a burguesia, Poder não limitado por lei e baseado na violência e que goza da simpatia e do apoio das massas trabalhadoras e exploradas".

Daí se depreendem duas conclusões fundamentais.

Primeira conclusão: A ditadura do proletariado não pode ser uma democracia "integral", uma democracia para todos, para os ricos e para os pobres; a ditadura do proletariado "deve ser um Estado democrático de modo novo (para os proletários e os não proprietários em geral) e ditatorial de modo novo (contra a burguesia)..."

Os discursos de Kautsky e cia. sobre a igualdade universal, sobre a democracia "pura", sobre a democracia "perfeita", etc.. são uma cobertura burguesa do fato incontestável de que é impossível a igualdade entre explorados e exploradores. A teoria da democracia "pura" é a teoria da aristocracia operária domesticada e mantida pelos bandidos imperialistas. Foi criada para encobrir as chagas do capitalismo, para embelezar o imperialismo e dar-lhe força moral na luta contra as massas exploradas. Sob o capitalismo não existe nem podem existir "liberdades" verdadeiras para os explorados, além de outras razões pelo fato de que os locais, as oficinas gráficas, os depósitos de papel, etc., necessários para o exercício das "liberdades", constituem um privilégio dos exploradores. Sob o regime capitalista, não há nem pode haver uma efetiva participação das massas exploradas na direção do país, entre outros fatos, porque, sob o capitalismo, mesmo no regime mais democrático, os governos não são formados pelo povo, mas pelos Rotschild e os Stinnes, pelos Rockefeller e os Morgan. A

democracia, no regime capitalista, é uma democracia capitalista, é a democracia da minoria exploradora, baseada na limitação dos direitos da maioria explorada e voltada contra esta maioria. Somente sob a ditadura do proletariado se tornam possíveis as verdadeiras liberdades para os explorados e uma verdadeira participação dos proletários e dos camponeses no governo do país. A democracia, sob a ditadura do proletariado, é uma democracia proletária, é a democracia da maioria explorada, baseada na limitação dos direitos da minoria exploradora e voltada contra esta minoria.

Segunda conclusão: A ditadura do proletariado não pode surgir como resultado de um desenvolvimento pacífico da sociedade burguesa e da democracia burguesa; ela só pode surgir como resultado da demolição da máquina estatal burguesa, do exército burguês, do aparelho administrativo burguês, da polícia burguesa.

"A classe operária não pode tomar posse pura e simplesmente de uma máquina estatal já pronta e pô-la em marcha para os seus próprios fins, escrevem Marx e Engels no prefácio do Manifesto do Partido Comunista."

A revolução não deve consistir na... passagem de umas mãos para outras da máquina militar e burocrática, como ocorreu até agora, mas na sua destruição... tal é a condição preliminar de toda verdadeira revolução popular no continente, disse Marx na sua carta a Kugelmann, em 1871.

A ressalva de Marx relativa ao continente forneceu aos oportunistas e aos mencheviques de todos os países um pretexto para gritar que Marx admitia, por isso, a possibilidade da transformação pacífica da democracia burguesa em democracia proletária, pelo menos em alguns países que não fazem parte do continente europeu (a Inglaterra, os Estados Unidos). Efetivamente, Marx admitia esta possibilidade, e tinha razões para isso, no caso da Inglaterra e dos Estados Unidos da década de 70 do século passado, quando ainda não existia o capitalismo monopolista, quando não existia o imperialismo nem existiam ainda, naqueles países, em virtude das condições especiais do seu desenvolvimento, nem uma burocracia nem um militarismo desenvolvidos. Assim estavam as coisas antes do aparecimento de um imperialismo desenvolvido. Mas em seguida, trinta ou quarenta anos depois, quando a situação nesses países mudou radicalmente, quando o

imperialismo se desenvolveu e abarcou todos os países capitalistas, sem exceção, quando o militarismo e a burocracia fizeram a sua aparição também na Inglaterra e nos Estados Unidos, quando desapareceram as condições particulares que permitiam uma evolução pacífica da Inglaterra e dos Estados Unidos, deixou de existir por si mesma a ressalva feita a respeito desses países.

Atualmente, em 1917, na época da primeira grande guerra imperialista — disse Lênin — esta ressalva feita por Marx perdeu a razão de ser. A Inglaterra e os Estados Unidos que eram — em todo o mundo — os maiores e últimos representantes da liberdade anglo-saxônica no sentido da ausência de militarismo e de burocracia, se precipitaram inteiramente no imundo e sangrento pântano, comum a a Europa, das instituições militares e burocráticas que tudo submetem e esmagam. Agora, na Inglaterra e nos Estados Unidos, a condição prévia de toda revolução verdadeiramente popular é a demolição, a destruição da máquina estatal existente (levada, nestes países, de 1914 a 1917, a uma perfeição europeia, imperialista).

Noutros termos, a lei da revolução violenta do proletariado, a lei da demolição da máquina estatal da burguesia como condição prévia desta revolução, é a lei inelutável do movimento revolucionário dos países imperialistas de todo o mundo.

Claro está que, em futuro remoto, se o proletariado triunfar nos principais países capitalistas e se o atual cerco capitalista for substituído por um cerco socialista, será de todo possível uma trajetória "pacífica" de desenvolvimento para alguns países capitalistas, onde os capitalistas, diante de uma situação internacional "desfavorável", julgarem conveniente fazer "voluntariamente" concessões importantes ao proletariado.

Mas esta hipótese se refere apenas a um futuro distante e provável. Quanto ao futuro próximo, esta hipótese não tem nenhum fundamento, absolutamente nenhum. Por isso, tem razão Lênin quando diz:

"A revolução proletária é impossível sem a destruição violenta da máquina estatal burguesa e a sua substituição por uma nova".

c) O Poder Soviético, Forma Estatal da Ditadura do Proletariado

A vitória da ditadura do proletariado significa o esmagamento da burguesia, a demolição da máquina estatal burguesa, a substituição da democracia burguesa pela democracia proletária. Isto é claro. Mas, por meio de que organizações se pode levar a cabo esta gigantesca obra? É indubitável que as velhas formas de organização do proletariado, surgidas sobre a base do parlamentarismo burguês, não são suficientes. Quais são, pois, as novas formas de organização do proletariado, capazes de desempenhar o papel de coveiros da máquina estatal burguesa, capazes não somente de demolir esta máquina e não só de substituir a democracia burguesa pela democracia proletária, mas também de constituir a base do Poder estatal proletário?

Esta nova forma de organização do proletariado são os Soviets.

Em que consiste a força dos Soviets em relação às velhas formas de organização?

No fato de que os Soviets são as mais *amplas* organizações de massas do proletariado, pois eles e somente eles abrangem todos os operários, sem exceção.

No fato de que os Soviets são as únicas organizações de massas que abrangem todos os oprimidos e explorados, operários e camponeses, soldados e marinheiros e nas quais, por isso, a direção política da luta das massas por parte da sua vanguarda, por parte do proletariado, se pode exercer mais facilmente e de modo mais completo.

No fato de que os Soviets são os órgãos mais poderosos da luta revolucionária das massas, dos movimentos políticos das massas, da insurreição das massas, dos órgãos capazes de destruir a onipotência do capital financeiro e dos seus satélites políticos.

No fato de que os Soviets são organizações diretas das próprias massas, isto é, as mais democráticas, e, por conseguinte as que têm a maior autoridade entre as massas, as que facilitam ao máximo a participação das massas na organização e no governo do novo Estado, as que desenvolvem

ao máximo a energia revolucionária, a iniciativa, a capacidade criadora das massas na luta pela destruição do velho regime, na luta por um regime novo, proletário.

O Poder Soviético é a unificação e a integração dos Soviets locais numa só organização estatal geral, numa organização estatal do proletariado como vanguarda das massas exploradas e oprimidas e como classe dominante, é a sua unificação na República dos Soviets.

A essência do Poder Soviético consiste no fato de que as organizações mais vastas e mais revolucionárias, próprias das classes que eram oprimidas pelos capitalistas e pelos latifundiários, são agora "a base permanente e única de todo o Poder estatal, de todo o aparelho do Estado; de que "precisamente as massas que, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas", embora sendo iguais perante a lei, "vivem de fato excluídas, por mil expedientes e subterfúgios, da participação na vida política e do gozo dos direitos e das liberdades democráticas, são chamadas a participar de modo permanente e seguro e, além disso, de modo decisivo na direção democrática do Estado".

Por isso, o Poder Soviético é uma forma nova de organização estatal, que se distingue por princípio da velha forma democrático-burguesa e parlamentar, é um tipo novo de Estado, adaptado não aos fins da exploração e da opressão das massas trabalhadoras, mas aos fins da sua completa libertação de toda opressão e exploração, aos fins da ditadura do proletariado.

Lênin tem razão quando diz que, com o advento do Poder Soviético,

"a época do parlamentarismo democrático burguês chegou ao fim, começou um novo capítulo da história mundial: a época da ditadura proletária".

Em que consistem os traços característicos do Poder Soviético?

No fato de que o Poder Soviético é, entre todas as organizações estatais possíveis enquanto existem as classes, a que tem o mais destacado caráter de massas, a mais democrática, porque, sendo a arena da aliança e da colaboração dos operários e dos camponeses explorados na sua luta contra os exploradores e apoiando-se, para realizar a sua obra, nesta obra, nesta aliança e nesta colaboração, é, por isso mesmo, o Poder da maioria da

população sobre a minoria, o Estado desta maioria, expressão da sua ditadura.

No fato de que o Poder Soviético é, numa sociedade dividida em classes, a mais internacionalista entre todas as organizações estatais, destruindo toda opressão nacional e apoiando-se na colaboração das massas trabalhadoras das diversas nacionalidades, facilita, por isso mesmo, a unificação destas massas numa única união estatal.

No fato de que o Poder Soviético, pela sua própria estrutura, facilita a direção das massas oprimidas e exploradas por parte da vanguarda destas massas, por parte do proletariado, que é o núcleo mais coeso e mais consciente dos Soviets.

"A experiência de, todas as revoluções e de todos os movimentos das classes oprimidas, a experiência do movimento socialista mundial nos ensina — diz Lênin — que somente o proletariado está em condições de unificar e arrastar as camadas atrasadas e dispersas da trabalhadora explorada".

A estrutura do Poder Soviético facilita a aplicação dos ensinamentos desta experiência.

No fato de que o Poder Soviético, reunindo o Poder Legislativo e o Poder Executivo numa só organização estatal e substituindo as circunscrições eleitorais de base territorial pelas unidades de produção — as fábricas e as oficinas — liga de maneira direta os operários e as massas trabalhadoras em geral aos aparelhos administrativos do Estado, ensinando-lhes governar o país.

No fato de que somente o Poder Soviético pode libertar o exército da submissão ao comando burguês e transformá-lo de instrumento da opressão do povo, como ocorre no regime burguês, em instrumento de libertação do povo do jugo da burguesia nacional e estrangeira.

No fato de que

"só a organização soviética do Estado está em condições de destruir realmente, de um golpe, e de destruir definitivamente o velho aparelho, isto é, o aparelho administrativo e judiciário burguês".

No fato de que somente a forma soviética de Estado fazendo com que as organizações de massas dos trabalhadores e dos explorados participem, de modo contínuo e incondicional, do governo do Estado, está em condições de preparar a extinção do Estado, o que é um dos elementos essenciais da futura sociedade sem Estado, a sociedade comunista.

A República dos Soviets é, portanto, a forma política procurada, e finalmente descoberta, em cujo quadro se deve levar a termo a emancipação econômica do proletariado, se deve obter a vitória completa sobre o capitalismo.

A Comuna de Paris foi o embrião desta forma. O Poder Soviético é o seu desenvolvimento e o seu coroamento.

Eis porque diz Lênin:

A República dos Soviets de Deputados Operários, Soldados e Camponeses não é somente uma forma de instituição democrática de tipo mais elevado..., mas também a única forma capaz de assegurar a passagem ao socialismo do modo menos doloroso.

Capítulo V - A Questão Camponesa

Analisarei quatro questões deste tema:

- a) colocação do problema;
- b) os camponeses durante a revolução democrático-burguesa;
- c) os camponeses durante a revolução proletária;
- d) os camponeses depois da consolidação do Poder Soviético.

a) Colocação do Problema

Alguns pensam que o essencial do leninismo é a questão camponesa, que o ponto de partida do leninismo é a questão dos camponeses, do seu papel, do seu peso específico. Isto é absolutamente falso. A questão essencial do leninismo, o seu ponto de partida, não é a questão camponesa, mas a da ditadura do proletariado, das condições da conquista e da consolidação desta ditadura. A questão camponesa, como questão do aliado do proletariado na sua luta pelo Poder, é uma questão derivada.

Esta circunstância, contudo, não deduz de modo algum a grande importância, a palpitante importância que ela tem, sem dúvida, para a revolução proletária. É sabido que o estudo sério da questão, camponesa nas fileiras dos marxistas russos começou precisamente nas vésperas da primeira revolução (1905), quando o problema da derrubada do tzarismo e da realização da hegemonia do proletariado surgia diante do Partido em toda a sua amplitude, e o problema de estabelecer quem seria o aliado do proletariado na revolução burguesa iminente assumia um caráter de palpitante atualidade. É sabido também que a questão camponesa na Rússia assumiu caráter ainda mais atual durante a revolução proletária, quando, partindo do problema da ditadura do proletariado, da conquista e da manutenção da mesma, se chegou a colocar o problema dos aliados do proletariado na revolução proletária iminente. É compreensível: quem marcha e se prepara para tomar o Poder não pode deixar de se interessar pela questão dos seus verdadeiros aliados.

Neste sentido, a questão camponesa é uma parte da questão geral da ditadura do proletariado e é, como tal, uma das questões mais palpitantes do leninismo.

A atitude de indiferença e até francamente negativa dos partidos da II Internacional em face da questão camponesa não se explica apenas pelas condições especiais do desenvolvimento do Ocidente. Explica-se sobretudo com o fato de que esses partidos não confiam na ditadura do proletariado, temem a revolução e não pensam em levar o proletariado ao Poder. E quem teme a revolução, quem não quer levar o proletariado ao Poder, não pode interessar-se pelo problema dos aliados do proletariado na revolução; para

essa gente o problema dos aliados é um problema sem importância, sem atualidade. A atitude irônica dos heróis da II Internacional em face da questão camponesa é por eles considerada como indício de boas maneiras, de marxismo "autêntico". Na realidade, nessa atitude não há nem sombra de marxismo, porque a indiferença, às vésperas da revolução proletária, por uma questão de tanta importância como é a questão camponesa, é corresponder à negação da ditadura do proletariado, é um sintoma inegável de traição aberta ao marxismo.

Assim coloca-se a questão: já estão esgotadas, ou não, as possibilidades revolucionárias que se ocultam no seio da massa camponesa em consequência de determinadas condições da sua existência e, se não estão esgotadas, existe uma esperança, uma razão de utilizar essas possibilidades para a revolução proletária, de fazer dos camponeses, da sua maioria explorada, não, mais uma reserva da burguesia, como eram durante as revoluções burguesas do Ocidente e como continuam a ser até hoje, mas uma reserva do proletariado, um dos seus aliados?

O leninismo responde afirmativamente a esta pergunta, isto é, no sentido de reconhecer a existência de capacidade revolucionária na maioria dos camponeses e no sentido de considerar possível a utilização dessa capacidade no interesse da ditadura proletária. A história das três revoluções na Rússia confirma plenamente as conclusões do leninismo a esse respeito.

Daí a conclusão prática sobre a necessidade de apoiar, de apoiar obrigatoriamente as massas trabalhadoras dos camponeses na sua luta contra a escravização e a exploração, na sua luta para redimir-se da opressão e da miséria. Isso não significa, naturalmente, que o proletariado deve apoiar qualquer movimento camponês. Trata-se de apoiar os movimentos e as lutas dos camponeses que, direta ou indiretamente, ajudem o movimento de emancipação do proletariado, que de um modo ou de outro levem água ao moinho da revolução proletária, que contribuam para fazer do camponês uma reserva e um aliado da classe operária.

b) Os Camponeses durante a Revolução Democrático-Burguesa

Este período abrange o intervalo de tempo que vai da primeira revolução russa (1905) à segunda (fevereiro de 1917), inclusive. Traço característico deste período é a libertação dos camponeses da influência da burguesia liberal, o afastamento dos camponeses dos democratas constitucionalistas, a virada dos camponeses para o proletariado, para o Partido bolchevique. A história deste período é a história da luta entre os cadetes (burguesia liberal) e os bolcheviques (proletariado) pela conquista dos camponeses. O período das Dumas decide do êxito desta luta, porque o período das quatro Dumas foi uma lição prática para os camponeses e esta lição lhes mostrou nitidamente que eles não receberiam nada das mãos dos democratas constitucionalistas, nem a terra, nem a liberdade, que o tsar estava por completo ligado aos latifundiários e que os democratas constitucionalistas apoiavam o tsar, que a única força com cujo apoio os camponeses podiam contar eram os operários urbanos, o proletariado. A guerra imperialista não fez senão confirmar os ensinamentos deste período das Dumas, afastando definitivamente os camponeses da burguesia, isolando definitivamente a burguesia liberal, pois os danos de guerra demonstraram o quanto era vã e ilusória a esperança de obter a paz do tsar e dos seus aliados burgueses. Sem as lições práticas do período da Duma, a hegemonia do proletariado seria impossível.

Assim se criou a aliança dos operários e dos camponeses na revolução democrático-burguesa. Assim se realizou a hegemonia (direção) do proletariado na luta comum pela derrubada do tsarismo, hegemonia que levou à Revolução de Fevereiro de 1917.

As revoluções burguesas do Ocidente (Inglaterra, França, Alemanha, Áustria) seguiram, como se sabe, outro caminho. Nestas revoluções a hegemonia não pertenceu ao proletariado, que pela sua fraqueza não representava e não podia representar uma força política independente, mas à burguesia liberal.

Ali, os camponeses não receberam a libertação do regime feudal das mãos do proletariado, pouco numeroso e desorganizado, mas das mãos da

burguesia. Ali, os camponeses marcharam contra o velho regime ao lado da burguesia liberal. Ali, os camponeses constituíam uma reserva da burguesia e a revolução, em virtude disso, conduziu a um enorme aumento do peso político da burguesia.

Na Rússia, ao contrário, a revolução burguesa produziu resultados diametralmente opostos. A revolução, na Rússia, não levou a um fortalecimento, mas a um debilitamento da burguesia como força política, não a um aumento das suas reservas políticas, mas à perda da sua reserva fundamental, à perda dos camponeses. A revolução burguesa na Rússia pôs em primeiro plano não a burguesia liberal, mas o proletariado revolucionário, que agrupava em torno de si milhões e milhões de camponeses.

A esta, entre outras razões, se deve o fato de que a revolução burguesa na Rússia se transformou em revolução proletária num período de tempo relativamente curto. A hegemonia do proletariado foi o germe da ditadura do proletariado, constituiu a passagem à ditadura proletária.

Como se explica este fenômeno original da revolução russa, que não tem precedentes na história das revoluções burguesas do Ocidente? De onde se origina esta peculiaridade?

Explica-se pelo fato de que a revolução burguesa se desenvolveu na Rússia num momento em que as condições da luta de classes eram mais desenvolvidas do que no Ocidente, pelo fato de que o proletariado russo já havia alcançado, naquele momento, a posição de força política independente, enquanto a burguesia liberal, assustada com o espírito revolucionário do proletariado, havia perdido todos os resquícios de espírito revolucionário (sobretudo depois dos ensinamentos de 1905) e se aliava ao tsarismo e aos latifundiários contra a revolução, contra os operários e os camponeses.

É necessário levar em consideração as seguintes circunstâncias que determinaram a peculiaridade da revolução burguesa russa;

a) A concentração excepcional da indústria russa às vésperas da revolução. É sabido, por exemplo, que nas empresas de mais de 500 operários trabalhavam, na Rússia, 54 por cento do total dos operários, enquanto, num país desenvolvido como os Estados Unidos, nas

empresas de tamanho análogo não trabalhavam mais de 33 por cento do total dos operários. Não é necessário demonstrar que esta circunstância, por si só, dada a existência de um partido revolucionário como o Partido dos bolcheviques, havia feito da classe operária russa a força mais importante da vida política do país.

b) As escandalosas formas de exploração que imperavam nas empresas, unidas ao intolerável regime policial dos esbirros tzaristas, transformavam toda greve de envergadura dos operários num ato político de enorme importância e temperavam a classe operária como uma força revolucionária conseqüente.

c) A fraqueza política da burguesia russa, que depois da revolução de 1905 se transformou em servilismo diante da autocracia tzarista e em contra-revolução aberta, não só porque o espírito revolucionário do proletariado russo fez com que a burguesia se lançasse nos braços do tzarismo, mas também porque esta burguesia dependia diretamente das encomendas do governo.

d) A existência das mais escandalosas e intoleráveis sobrevivências do regime feudal no campo, a que se juntava a onipotência do latifundiário: circunstância que colocava os camponeses nos braços da revolução.

e) O tzarismo, que asfixiava todas as forças vivas e exacerbava, com o seu arbítrio, o jugo do capitalista e do latifundiário: circunstância que fazia confluír num só caudal revolucionário a luta dos operários e dos camponeses.

f) A guerra imperialista, que fundiu todas estas contradições da vida política da Rússia numa profunda crise revolucionária e deu formidável impulso à revolução.

Nestas condições, para onde podiam orientar-se os camponeses? Em quem procurar apoio contra a onipotência do latifundiário, contra o Poder arbitrário do tsar, contra a guerra funesta que os arruinava economicamente? Na burguesia liberal? Mas esta era sua inimiga: a longa experiência de todas as quatro Dumas o demonstrava. Nos socialistas revolucionários? Os socialistas revolucionários eram, naturalmente, "melhores" do que os democratas constitucionais e tinham um programa

"aceitável", quase camponês, mas que lhes podiam dar os socialistas revolucionários, se só pensavam em apoiar-se nos camponeses e eram débeis nas cidades, onde, sobretudo, o adversário recrutava as suas forças? Onde estava a nova força que não se deteria diante de nenhum obstáculo, nem no campo nem na cidade, que se colocaria valentemente na primeira linha da luta contra o tsar e o latifundiário, que ajudaria os camponeses a se libertarem da escravização, da falta de terra, da opressão, da guerra? Existia, em geral, na Rússia, semelhante força? Sim, existia. Esta força era o proletariado russo, que já em 1905 havia demonstrado a sua potência, a sua capacidade de conduzir a luta de modo conseqüente, a sua coragem, o seu espírito revolucionário.

De qualquer maneira, não existia outra força semelhante e não havia onde encontrá-la.

Por isso, os camponeses, depois de se afastarem dos democratas constitucionalistas e de se aproximarem dos socialistas revolucionários, terminaram por compreender a necessidade de colocar-se sob a direção de um chefe revolucionário tão valoroso quanto o proletariado russo.

Estas são as circunstâncias que determinaram a peculiaridade da revolução burguesa russa.

c) Os Camponeses Durante a Revolução Proletária

Este período abrange o intervalo de tempo que vai da Revolução de Fevereiro (1917) à Revolução de Outubro (1917). Este período é relativamente curto, oito meses ao todo, mas estes oito meses, do ponto-de-vista da formação política e da educação revolucionária das massas podem ser comparados a decênios inteiros de desenvolvimento constitucional normal, porque são oito meses de revolução. O traço característico deste período é o aguçamento do espírito revolucionário dos camponeses, o desmoronamento das suas ilusões em face dos socialistas revolucionários, o seu afastamento dos socialistas revolucionários, a nova virada dos camponeses, que tendem a agrupar-se diretamente em torno do proletariado, única força revolucionária consequente, capaz de levar o país à paz. A história deste período é a história da luta entre os socialistas revolucionários (democracia pequeno-burguesa) e os bolcheviques (democracia proletária) pela conquista dos camponeses, pela conquista da maioria dos camponeses. A sorte desta luta foi decidida pelo período da coalizão, pelo período do governo de Kerenski, pela recusa dos socialistas revolucionários e dos mencheviques a confiscar as terras dos latifundiários, pela luta dos socialistas revolucionários e dos mencheviques em favor da continuação da guerra, pela ofensiva de junho no "front", pela pena de morte para os soldados, pela revolta de Kornilov.

Se antes, no período anterior, a questão essencial da revolução consistia em derrubar o tsar e o Poder dos latifundiários, agora, no período seguinte à Revolução de Fevereiro, quando já não havia o tsar, mas a guerra interminável que dava o golpe de graça na economia nacional, depois de ter arruinado inteiramente os camponeses, a questão fundamental da revolução era pôr fim à guerra. O centro de gravidade se havia deslocado de modo claro das questões de caráter exclusivamente interno para uma questão fundamental, a da guerra. "Acabar com a guerra", "sair da guerra", era o clamor geral do país exausto e, sobretudo, dos camponeses.

Mas, para sair da guerra era preciso derrubar o governo provisório, era necessário derrubar o Poder da burguesia, era necessário derrubar o Poder dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, porque eles, e somente eles, se esforçavam por prolongar a guerra até a "vitória final". Não existia,

na prática, outro meio para sair da guerra, a não ser a derrubada da burguesia.

Era uma nova revolução, uma revolução proletária, porque alijava do Poder a última fração da burguesia imperialista, a fração da extrema esquerda, o partido dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, para criar um novo Poder, um Poder proletário, o Poder dos Soviets, para levar ao Poder o partido do proletariado revolucionário, o Partido bolchevique, o partido da luta revolucionária contra a guerra imperialista, por uma paz democrática. A maioria dos camponeses apoiou a luta dos operários pela paz, pelo Poder dos Soviets.

Não havia outra saída para os camponeses. Não podia haver outra saída.

O período do governo de Kerenski foi, portanto, uma grandiosa lição prática para as massas trabalhadoras camponesas, porque demonstrou por completo que, enquanto o Poder estivesse nas mãos dos socialistas revolucionários e dos mencheviques, o país não sairia da guerra e os camponeses não obteriam nem a terra nem a liberdade; demonstrou que os mencheviques e os socialistas revolucionários só se distinguiam dos democratas constitucionalistas pelos seus discursos melífluos e as suas promessas hipócritas, mas na realidade seguiam a mesma política imperialista, a política dos democratas constitucionalistas; demonstrou que o único Poder capaz de tirar o país do atoleiro era o Poder dos Soviets. A prolongação ulterior da guerra não fez senão confirmar a justeza desta lição, estimulou a revolução e impulsionou milhões de camponeses e de soldados a agrupar-se diretamente em torno da revolução proletária. O isolamento dos socialistas revolucionários e dos mencheviques tornou-se um fato irreversível, Sem as lições práticas do período da coalizão a ditadura do proletariado teria sido impossível.

Tais foram as circunstâncias que facilitaram o processo de transformação da revolução burguesa em revolução proletária.

Assim se chegou na Rússia à ditadura do proletariado.

d) Os Camponeses Depois da Consolidação do Poder Soviético

Se, antes, no primeiro período da revolução, a questão consistia principalmente em derrubar o tzarismo e, em seguida, depois da Revolução de Fevereiro, tratava-se, em primem lugar, de sair da guerra imperialista mediante a derrubada da burguesia, agora, ao contrário, depois de terminada a guerra civil e consolidado o Poder Soviético, passavam ao primeiro plano os problemas da edificação econômica. Reforçar e desenvolver a indústria nacionalizada; unir, para tal fim, indústria à economia camponesa através do comércio regulado pelo Estado, substituir o sistema de entrega dos produtos excedentes pelo imposto em espécie, com o objetivo de passar, em seguida, diminuindo gradualmente esse imposto, à troca de artigos industriais por produtos agrícolas; reanimar o comércio e desenvolver o cooperativismo, fazendo com que deste participem milhões de camponeses: eis como Lênin traçava as tarefas da edificação econômica para a construção das bases da economia socialista.

Diz-se que essas tarefas podem revelar-se superiores às forças de um país agrário, como a Rússia. Alguns céticos chegam a dizer que essas tarefas são inteiramente utópicas, irrealizáveis, porque os camponeses são camponeses, isto é, pequenos produtores, e por isso não podem ser utilizados para organizar as bases da produção socialista.

Mas os céticos se enganam, porque não levam em conta algumas circunstâncias que têm, no caso em foco, uma importância decisiva. Vejamos as principais:

Primeira: Não se podem confundir os camponeses da União Soviética com os camponeses do Ocidente. Os camponeses que passaram pela escola de três revoluções, que lutaram contra o tsar e o Poder burguês, ao lado do proletariado e sob a direção do proletariado, os camponeses que obtiveram a terra e a paz pela revolução proletária e se tornaram, por isso, uma reserva do proletariado, esses camponeses não podem deixar de se distinguir dos camponeses que combateram durante a revolução burguesa sob a direção da burguesia liberal, que receberam a terra das mãos desta burguesia e se tornaram, por isso,

uma reserva da burguesia. É desnecessário demonstrar que os camponeses soviéticos, habituados a apreciar a amizade política e a colaboração política do proletariado, devedores da sua liberdade a esta amizade e a esta colaboração, não podem deixar de estar extraordinariamente predispostos à colaboração econômica com o proletariado.

Engels dizia que "a conquista do Poder político pelo partido socialista tornou-se tarefa de um futuro próximo", que, "com o objetivo de conquistá-lo, o partido deve começar a ir da cidade para o campo e converter-se numa força no campo".

Engels escreveu estas palavras no último decênio do século passado, referindo-se aos camponeses do Ocidente. Será necessário demonstrar que os comunistas russos, que desenvolveram neste sentido um trabalho colossal no curso de três revoluções, conseguiram criar no campo uma influência e um apoio com os quais os nossos camaradas do Ocidente não podem sequer sonhar? Como é possível negar que esta circunstância não pode deixar de facilitar, de modo radical, a colaboração econômica entre a classe operária e os camponeses da Rússia?

Os céticos continuam a falar dos pequenos camponeses como de um elemento incompatível com a edificação socialista. Mas ouvi o que disse Engels a propósito dos pequenos camponeses do Ocidente:

"Nós somos resolutamente pelo pequeno camponês; faremos todo o possível para tornar-lhe a vida mais suportável, para facilitar-lhe a passagem ao regime cooperativista, se ele assim o quiser. Por outro lado, caso ainda não esteja, em condições de tomar esta decisão, esforçar-nos-emos para lhe dar o tempo necessário a fim de que ele reflita sobre o seu palmo de terra. Agiremos assim, não só porque consideramos possível que o pequeno camponês, que cultiva a sua terra, se passe para o nosso lado, mas também no interesse direto do Partido. Quanto maior for o número de camponeses; que não deixarmos descer até o nível dos proletários e que atrairmos para o nosso lado enquanto forem camponeses, tanto mais rápida e fácil será a transformação social. Para esta transformação não precisamos esperar que a produção capitalista se tenha desenvolvido em toda parte até as suas últimas

consequências, até que o último pequeno artesão e o último pequeno camponês tenham caído vítimas da grande produção capitalista. Os sacrifícios materiais que se tenha de fazer neste sentido, no interesse dos camponeses, à custa dos fundos públicos, poderão ser considerados, do ponto-de-vista da economia capitalista, como um desperdício, mas serão, ao invés disso, um excelente emprego de capital, pois pouparão somas talvez decuplicadas nos gastos necessários para a transformação da sociedade, no seu conjunto. Neste sentido, podemos, por conseguinte, ser muito generosos com camponeses".

Assim falava Engels a propósito dos camponeses do Ocidente. Mas, por acaso, não está claro que tudo o que dizia Engels não pode ser realizado em nenhum outro lugar de modo tão fácil e completo como no país da ditadura do proletariado? Não é claro que só na Rússia Soviética pode ocorrer, sem demora e por completo, "a passagem para o nosso lado do pequeno camponês que cultiva a sua terra" e que os "sacrifícios materiais" e a "generosidade para com os camponeses", indispensáveis para esse fim, assim como outras medidas análogas, em benefício dos camponeses, já se aplicam na Rússia? Como é possível negar que esta circunstância, por sua vez, deve facilitar e levar avante a edificação econômica do país dos Soviets?

Segunda: Não se pode confundir a economia agrícola da Rússia com a economia agrícola do Ocidente. No Ocidente o desenvolvimento da economia agrícola segue a linha habitual do capitalismo, que provoca uma profunda diferenciação dos camponeses, com grandes propriedades e latifúndios capitalistas privados, num dos polos, e, no outro, pauperismo, miséria e escravidão assalariada. Ali são de todo naturais, em consequência disso, a desagregação e a decomposição. Não ocorre o mesmo na Rússia. No nosso país, o desenvolvimento da economia agrícola não pode seguir esse caminho, de vez que a existência do Poder Soviético e a nacionalização dos instrumentos e meios de produção fundamentais não permitem tal desenvolvimento. Na Rússia, o desenvolvimento da economia agrícola deve seguir outro caminho, o caminho do ingresso de milhões de pequenos e médios camponeses nas cooperativas, o caminho do desenvolvimento, no campo, de um movimento cooperativista de massas, apoiado pelo

Estado por meio de créditos concedidos em condições favoráveis. Lênin, nos artigos sobre o cooperativismo, indicava justamente que o desenvolvimento da economia agrícola no nosso país devia seguir um caminho novo, o caminho da participação da maioria dos camponeses na edificação socialista por meio da cooperação o caminho da aplicação gradual do princípio do coletivismo na agricultura, primeiro no terreno da venda dos produtos agrícolas e depois no da sua produção.

Nesse sentido são sumamente interessantes alguns fenômenos novos que se apresentam no campo, em relação com a cooperação agrícola. É sabido que, no seio da União das Cooperativas Agrícolas se criaram novas e fortes organizações, segundo os ramos da economia rural, para a produção do linho, das batatas, da manteiga, etc., e que tais organizações têm um grande futuro. A Cooperativa Central do Linho, por exemplo, compreende toda uma rede de cooperativas de produção de camponeses que cultivam o linho. A Cooperativa se ocupa de fornecer aos camponeses sementes e instrumentos de produção, compra depois aos mesmos toda a sua produção, vende-a em larga escala no mercado, assegura aos camponeses uma participação nos lucros e, desse modo, liga a economia camponesa, através da União das Cooperativas Agrícolas, com a indústria do Estado. Que nome se deve dar a semelhante forma de organização da produção? Trata-se, a meu ver, de um sistema de grande produção socialista de Estado a domicílio, no campo da agricultura. Falo aqui de sistema de produção socialista de Estado a domicílio, por analogia com o sistema capitalista do trabalho a domicílio, no terreno, por exemplo, da produção têxtil, em que os artesãos, que recebiam do capitalista as matérias-primas e os instrumentos de produção e lhe entregavam toda a sua produção, eram, na realidade, operários semi-assalariados a domicílio. Este é um dos muitos indícios que demonstram o caminho pelo qual deve desenvolver-se, no nosso país, a economia agrícola. E não falo de outros indícios do mesmo gênero nos outros ramos da agricultura.

Não é necessário demonstrar que a enorme maioria dos camponeses seguirá de bom grado esse novo caminho de desenvolvimento, rejeitando o dos latifúndios privados capitalistas e da escravidão do salariado, que é a via da miséria e da ruína.

Eis o que disse Lênin das vias do desenvolvimento da nossa economia agrícola:

"Todos os grandes meios de produção em poder do Estado e o Poder do Estado nas mãos do proletariado, a aliança deste proletariado com milhões e milhões de camponeses pobres e paupérrimos, a direção dos camponeses assegurada ao proletariado, etc., não é porventura tudo isso que se torna necessário para edificar a sociedade socialista completa, partindo da cooperação, e somente com a cooperação, que antes tratávamos como mercantilista e que agora, durante a N.E.P., ainda temos o direito, em certo sentido, de considerar do mesmo modo; não é tudo isso, porventura, aquilo de que se precisa para levar a termo a construção de uma sociedade socialista completa? Isto não é ainda a construção da sociedade socialista, mas, sim, tudo o que é necessário e suficiente para levar a termo a construção".

Falando em seguida da necessidade de dar apoio financeiro e de outra espécie à cooperação, como "novo princípio de organização da população" e um novo "regime social" sob a ditadura do proletariado, prossegue Lênin:

"Todo regime social surge somente com o apoio financeiro de uma classe determinada. É inútil recordar as centenas e centenas de milhões de rublos que custou o nascimento do capitalismo «livre». Agora, devemos compreender e pôr em prática esta verdade: atualmente, o regime social que devemos apoiar mais do que qualquer outro é o regime cooperativo. Mas devemos apoiá-lo no verdadeiro sentido da palavra, isto é, não basta entender por esse apoio a ajuda prestada a uma forma qualquer de cooperação, mas por esse apoio se deve entender a ajuda prestada à cooperação de que participem efetivamente as verdadeiras massas da população".

Que nos dizem todos estes fatos?

Dizem-nos que os cétricos não têm razão.

Dizem-nos que quem tem razão é o leninismo, que vê nas massas trabalhadoras do campo a reserva do proletariado.

Dizem-nos que o proletariado no Poder pode e deve utilizar essa reserva, para ligar a indústria à agricultura, para dar impulso à construção socialista e assegurar à ditadura do proletariado a base indispensável e sem a qual é impossível passar à economia socialista.

Capítulo VI - A Questão Nacional

Analisarei duas questões fundamentais deste tema:

- a) colocação do problema;
- b) o movimento de libertação dos povos oprimidos e a revolução proletária.

a) Colocação do Problema

No curso dos dois últimos decênios, a questão nacional sofreu uma série de modificações da maior importância. A questão nacional no período da II Internacional e a questão nacional no período do leninismo estão longe de ser a mesma coisa. Diferem profundamente uma da outra, não só pela amplitude, mas também pelo seu caráter interno.

Antes, a questão nacional se reduzia, em geral, a um grupo restrito de problemas que se relacionavam, na maioria das vezes, com as nações "cultas". Irlandeses, húngaros, poloneses, finlandeses, sérvios e algumas outras nacionalidades da Europa: este era o conjunto de povos privados da igualdade de direitos, por cuja sorte se interessavam os heróis da II Internacional. Dezenas e centenas de milhões de homens pertencentes aos povos da Ásia e da África, que suportaram o jugo nacional nas suas formas mais brutais e cruéis, não eram em geral tomados em consideração. Não se decidia a pôr no mesmo plano brancos e negros, "cultos" e "incultos". Duas ou três resoluções agrídoces e vazias, em que se procurava fugir habilmente ao problema da libertação das colônias, eis tudo aquilo de que se podiam gabar os homens da II Internacional. Hoje, esta duplicidade e estas meias medidas na questão nacional devem considerar-se eliminadas. O leninismo desmascarou esta disparidade escandalosa; demoliu a muralha que separava brancos e negros, europeus e asiáticos, escravos "cultos" e "incultos" do imperialismo, ligando, desse modo, o problema nacional ao problema das colônias. Assim, a questão nacional deixou de ser uma questão particular e interna dos Estados, para transformar-se em questão geral e internacional, converteu-se no problema mundial da libertação do jugo do imperialismo os povos oprimidos dos países dependentes e das colônias.

Antes, o princípio da autodeterminação das nações era comumente interpretado de modo errôneo, sendo reduzido, com frequência, ao direito das nações à autonomia. Alguns líderes da II Internacional chegaram mesmo a transformar o direito à autodeterminação no direito à autonomia cultural, isto é, no direito de as nações oprimidas terem as suas próprias instituições culturais, deixando todo o poder político nas mãos da nação dominante. Este fato tinha como consequência que a ideia da autodeterminação corresse o risco de transformar-se, de instrumento de luta

contra as anexações, em meio para justificar as anexações. Hoje, esta confusão deve ser considerada como superada.

O leninismo ampliou o conceito da autodeterminação, interpretando-o como o direito dos povos oprimidos dos países dependentes e das colônias à separação completa, como o direito das nações à existência como Estados independentes. Desse modo se excluiu a possibilidade de justificar as anexações mediante a interpretação do direito à autodeterminação como direito à autonomia. Quanto ao princípio da autodeterminação, transformou-se deste modo, de instrumento para enganar as massas, como o foi sem dúvida nas mãos dos social-chauvinistas durante a guerra imperialista mundial, em instrumento para desmascarar toda a cobiça imperialista e as maquinações chauvinistas de toda espécie, num instrumento de educação política das massas no espírito do internacionalismo.

Antes, o problema das nações oprimidas era considerado, em geral, como um problema exclusivamente jurídico. Proclamação solene da "igualdade nacional", declarações inumeráveis sobre a "igualdade das nações": eis com que se contentavam os partidos da II Internacional, enquanto ocultavam o fato de que, sob o imperialismo, quando um grupo de nações (a minoria) vive da exploração de um outro grupo de nações, a "igualdade das nações" não passa de escárnio aos povos oprimidos. Hoje, esta concepção jurídico-burguesa da questão nacional deve ser tida como desmascarada. Das alturas das declarações pomposas o leninismo fez descer a questão nacional para a terra, afirmando que as declarações sobre a "igualdade das nações", desacompanhadas do apoio direto dos partidos proletários à luta de libertação dos povos oprimidos, são apenas declarações vazias e mentirosas. Desse modo, o problema das nações oprimidas se tornou o problema do apoio, da ajuda efetiva e contínua às nações oprimidas na sua luta contra o imperialismo, pela igualdade real das nações, pela sua existência como Estados independentes.

Antes, a questão nacional era considerada de modo reformista, como uma questão isolada, independente, sem relação com a questão geral do poder do capital, da derrubada do imperialismo, da revolução proletária. Admitia-se tacitamente que a vitória do proletariado na Europa era possível sem uma aliança direta com o movimento de libertação nas colônias, que a questão nacional e colonial podia ser resolvida em surdina, "automaticamente", à

margem da grande via da revolução proletária, sem uma luta revolucionária contra o imperialismo. Hoje, este ponto-de-vista contra-revolucionário deve ser considerado como desmascarado. O leninismo provou, e a guerra imperialista e a revolução na Rússia o confirmaram, que a questão nacional só pode ser resolvida em relação com a revolução proletária e sobre a base desta; que o caminho do triunfo da revolução no Ocidente passa através da aliança revolucionária com o movimento antiimperialista de libertação das colônias e dos países dependentes. A questão nacional é parte da questão geral da revolução proletária, parte da questão da ditadura do proletariado.

O problema se coloca do seguinte modo: já se acham esgotadas, ou não, as possibilidades revolucionárias existentes no seio do movimento revolucionário de libertação dos países oprimidos e, se não estão esgotadas, existe uma esperança, uma razão de utilizar estas possibilidades para a revolução proletária, de fazer dos países dependentes e coloniais, não mais uma reserva da burguesia imperialista, mas uma reservando proletariado revolucionário, um aliado seu?

O leninismo dá a essa pergunta uma resposta afirmativa, isto é reconhece a existência de capacidade revolucionária no seio do movimento de libertação nacional dos países oprimidos e considera possível utilizá-la no interesse da derrubada do inimigo comum, o imperialismo. O mecanismo do desenvolvimento do imperialismo, a guerra imperialista e a revolução na Rússia confirmam plenamente as conclusões do leninismo a esse respeito.

Daí a necessidade do apoio, apoio decisivo e ativo, por parte do proletariado, ao movimento de libertação nacional dos povos oprimidos e dependentes.

Isso não quer dizer, naturalmente, que o proletariado deva apoiar todo movimento nacional, sempre e em qualquer parte, em todos os diferentes casos concretos. Trata-se de apoiar os movimentos nacionais que tendam a debilitar, a derrubar o imperialismo, e não a consolidá-lo e a conservá-lo. Há casos em que os movimentos nacionais de determinados países oprimidos vão de encontro aos interesses do desenvolvimento do movimento proletário. Compreende-se que, em tais casos, não se pode falar de apoio. A questão dos direitos das nações não é uma questão isolada, independente, mas uma parte da questão geral da revolução proletária, uma parte subordinada ao todo e deve ser encarada do ponto-de-vista do

conjunto. Marx, entre 1840 e 1850, era favorável ao movimento nacional dos poloneses e dos húngaros e contrário ao movimento nacional dos tchecos e dos eslavos do Sul. Por quê? Porque os tchecos e os eslavos do Sul eram, então, "povos reacionários", "postos avançados russos" na Europa, postos avançados do absolutismo, ao passo que os poloneses e os húngaros eram "povos revolucionários" em luta contra o absolutismo. Porque apoiar o movimento nacional do tchecos e dos eslavos do Sul significava, então, apoiar indiretamente o tzarismo, o mais perigoso inimigo do movimento revolucionário na Europa.

"As diferentes reivindicações da democracia, — disse Lênin — inclusive a autodeterminação, não são algo absoluto, mas uma partícula do todo do movimento democrático (e hoje do todo do movimento socialista) mundial. É possível que, em casos isolados, a partícula esteja em contradição com o todo, e então, é necessário repeli-la".

Assim se apresenta a questão dos diferentes movimentos nacionais e do eventual caráter reacionário destes movimentos se, naturalmente, não se consideram estes movimentos de um ponto-de-vista formal, do ponto-de-vista dos direitos abstratos mas concretamente, do ponto-de-vista dos interesses do movimento revolucionário.

O mesmo se deve dizer do caráter revolucionário dos movimentos nacionais em geral. O caráter incontestavelmente revolucionário da imensa maioria dos movimentos nacionais é tão relativo e peculiar, como o é o caráter possivelmente reacionário de alguns movimentos nacionais determinados. Nas condições da opressão imperialista, o caráter revolucionário do movimento nacional de modo algum implica necessariamente na existência de elementos proletários no movimento, na existência de um programa revolucionário ou republicano do movimento, na existência de uma base democrática do movimento. A luta do emir do Afeganistão pela independência de seu país é, objetivamente, uma luta revolucionária, apesar das idéias monárquicas do emir e dos seus adeptos, porque essa luta enfraquece, decompõe e mina o imperialismo. Por outro lado, a luta de certos "ultra" democratas e "socialistas", "revolucionários" e republicanos do tipo de, por exemplo, Kerenski e Tsereteli, Renaudel e Scheidemann, Tchernov e Dan, Henderson e Clynes, durante a guerra imperialista, era uma luta reacionária, porque tinha por objetivo adornar

artificialmente, consolidar e levar ao triunfo o imperialismo. A luta dos comerciantes e dos intelectuais burgueses egípcios pela independência do Egito é, pelas mesmas razões, uma luta objetivamente revolucionária, conquanto os chefes do movimento nacional egípcio sejam burgueses por sua origem e situação social e conquanto sejam contra o socialismo, enquanto a luta do governo "operário" inglês, para manter a situação de dependência do Egito, é, pelas mesmas razões, uma luta reacionária, muito embora os membros desse governo sejam proletários, por origem e situação social e conquanto sejam "favoráveis" ao socialismo. E não falo do movimento nacional dos outros países coloniais e dependentes maiores, como a Índia e a China, cada um dos quais pelo caminho da libertação, mesmo quando contrariam as exigências da democracia formal, são golpes de malho sobre o imperialismo e, por isso, são incontestavelmente passos revolucionários.

Tem razão Lênin quando afirma que o movimento nacional dos países oprimidos não deve ser considerado do ponto-de-vista da democracia formal, mas do ponto-de-vista dos resultados concretos no balanço geral da luta contra o imperialismo, isto é, "não isoladamente, mas em escala mundial".

b) O Movimento de Libertação dos Povos Oprimidos e a Revolução Proletária

Ao resolver a questão nacional, o leninismo parte das seguintes teses:

a) o mundo está dividido em dois campos: de um lado, um punhado de nações civilizadas, que detêm o capital financeiro e exploram a enorme maioria da população do globo; de outro, os povos oprimidos e explorados das colônias e dos países dependentes, que constituem esta maioria;

b) as colônias e os países dependentes, oprimidos e explorados pelo capital financeiro, constituem uma imensa reserva e o mais importante manancial de forças do imperialismo;

c) a luta revolucionária dos povos oprimidos dos países dependentes e coloniais contra o imperialismo é a única via pela qual podem libertar-se da opressão e da exploração;

d) os principais países coloniais e dependentes já iniciaram o movimento de libertação nacional, que não pode deixar de conduzir à crise do capitalismo mundial;

e) os interesses do movimento proletário nos países avançados e do movimento de libertação nacional nas colônias exigem a união desses dois aspectos do movimento revolucionário numa frente comum de luta contra o inimigo comum, contra o imperialismo;

f) a vitória da classe operária nos países avançados e a libertação dos povos oprimidos do jugo do imperialismo não são possíveis sem a formação e a consolidação de uma frente revolucionária comum;

g) a formação de uma frente revolucionária comum não é possível sem o apoio direto e decisivo, por parte do proletariado dos países opressores, ao movimento de libertação dos povos oprimidos, contra o imperialismo "da sua pátria" porque "não pode ser livre um povo que oprime outros povos" (Engels);

h) esse apoio consiste em defender, sustentar e pôr em prática a palavra de ordem do direito das nações à separação, à existência como

Estados independentes;

i) sem a aplicação dessa palavra de ordem é impossível organizar a união e a colaboração das nações numa economia mundial única, como base material da vitória do socialismo no mundo inteiro.

j) esta união só pode ser uma união voluntária, só pode surgir tendo por base a confiança mútua e relações fraternais entre os povos.

Daí resultam dois aspectos, duas tendências na questão nacional: a tendência para a libertação política das cadeias do imperialismo e para a formação de Estados nacionais independentes, tendência gerada pela opressão imperialista e a exploração colonial, e a tendência para a aproximação econômica das nações, que surge com a formação de um mercado mundial e de uma economia mundial.

"No curso do seu desenvolvimento o capitalismo — disse Lênin — conhece na questão nacional duas tendências históricas: a primeira consiste no despertar da vida nacional e dos movimentos nacionais, na luta contra toda opressão nacional, na criação de Estados nacionais. A segunda consiste no desenvolvimento e na multiplicação de toda espécie de relações entre as nações, na demolição das barreiras nacionais, na criação da unidade internacional do capital, da vida econômica em geral, da política, da ciência, etc.. Ambas as tendências são uma lei universal do capitalismo. A primeira prevalece no início do seu desenvolvimento, enquanto a segunda caracteriza o capitalismo amadurecido, em marcha a sua transformação em sociedade socialista".

Para o imperialismo essas duas tendências representam uma contradição insuperável, porque o imperialismo não pode viver sem explorar e manter pela força as colônias no quadro de um "todo único", porque o imperialismo só pode aproximar as nações seguindo a via das anexações e das conquistas coloniais, sem as quais, falando de um modo geral, é ele inconcebível.

Para o comunismo, ao contrário, essas tendências não passam de dois aspectos de uma causa única, a causa da emancipação dos povos oprimidos do jugo do imperialismo, porque o comunismo sabe que a união dos povos numa economia mundial única não é possível senão na base da confiança

mútua e do livre consentimento e que o processo de formação de uma união voluntária dos povos passa através da separação das colônias do "todo único" imperialista, através da sua transformação em Estados independentes.

Daí a necessidade de uma luta tenaz, incessante, decisiva, contra o chauvinismo de grande potência que é próprio dos "socialistas" das nações dominantes (Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália, Japão, etc.), os quais não querem combater os seus governos imperialistas, não querem apoiar a luta que travam os povos oprimidos das "suas" colônias, para libertar-se da opressão e constituir-se em Estados independentes.

Sem essa luta não se pode conceber a educação da classe operária das nações dominantes no espírito de um internacionalismo real, no espírito de uma aproximação com as massas trabalhadoras dos países dependentes e as das colônias, no espírito de uma preparação real da revolução, proletária. A revolução na Rússia não teria vencido, e Koltchak e Deníkin não teriam sido derrotados, se o proletariado russo não tivesse conquistado a simpatia e o apoio dos povos oprimidos do antigo império russo. Mas, para conquistar a simpatia e o apoio desses povos, o proletariado russo teve, em primeiro lugar, de romper as cadeias do imperialismo russo e libertar esses povos da opressão nacional, sem o que teria sido impossível consolidar o Poder Soviético, implantar um verdadeiro internacionalismo, criar esta admirável organização de colaboração entre os povos que se chama União de Repúblicas Socialistas Soviéticas e que é o protótipo vivo da futura união dos povos numa economia mundial única.

Daí a necessidade da luta contra o isolamento, a estreiteza o particularismo nacional dos socialistas dos países oprimidos, que não querem ir além do seu campanário nacional e não compreendem os laços que unem o movimento de emancipação do seu país ao movimento proletário dos países dominantes.

Sem essa luta não se pode defender a política independente do proletariado das nações oprimidas, não se pode defender a sua solidariedade de classe com o proletariado dos países dominantes na luta para abater o inimigo comum, para abater o imperialismo; sem essa luta não seria possível o internacionalismo.

Tal é o caminho que se deve seguir para educar as massas trabalhadoras das nações dominantes e das nações oprimidas no espírito do internacionalismo revolucionário.

Eis o que disse Lênin a propósito desse duplo aspecto; do trabalho dos comunistas para educar os operários no espírito do internacionalismo:

"Esta educação... pode ser concretamente igual nas grandes nações, nas nações opressoras, e nas nações pequenas e oprimidas? Nas nações que anexam e nas nações anexadas?"

Evidentemente, não. A marcha para o objetivo comum — a completa igualdade de direitos, a mais estreita aproximação e a ulterior fusão de todas as nações — segue, aqui, evidentemente, por diferentes vias concretas, do mesmo modo que, por exemplo, o trajeto para chegar a um ponto situado no centro desta página vem da esquerda, se se parte de uma das margens, e da direita, se se parte da margem oposta. Se o social-democrata de uma grande nação que oprime e anexa outras, professando a fusão das nações em geral, se esquece, por um instante que seja de que o seu Nicolau II, o seu Guilherme, George, Poincaré e companhia são também pela fusão com as pequenas nações (mediante a anexação), de que Nicolau II é pela fusão com a Galícia, Guilherme II pela fusão com a Bélgica, etc., um tal social-democrata acabará sendo, em teoria, um doutrinário ridículo na prática, um cúmplice do imperialismo.

O centro de gravidade da educação internacionalista dos operários dos países opressores deve residir, necessariamente, na propaganda e na defesa da liberdade de separação dos países oprimidos. De outro modo, não há internacionalismo.

Temos o direito e o dever de tratar de imperialista e de canalha todo social-democrata de um país opressor que não faça esta propaganda. Esta é uma exigência incondicional, muito embora até o advento do socialismo a separação só seja possível e realizável em um caso dentre mil.

Pelo contrário, o social-democrata de uma pequena nação deve tomar como centro de gravidade das suas campanhas de agitação a segunda palavra da nossa fórmula geral: união voluntária das nações. Sem faltar aos seus deveres de internacionalistas, pode pronunciar-se tanto a favor da independência política da sua nação, como a favor da sua incorporação ao

Estado vizinho X, Y, Z, etc.. Mas deverá lutar em todos os casos contra a mesquinhez das pequenas nações, o seu isolamento, o seu particularismo, lutar por que se leve em conta o todo, o conjunto do movimento, por que o interesse particular seja subordinado ao interesse geral.

Aqueles que não se aprofundaram na questão acham contraditório que os social-democratas dos países opressores insistam na liberdade de separação e os social-democratas das nações oprimidas na liberdade de união. Mas com um pouco de reflexão compreende-se que não há, nem pode haver, outro caminho para chegar ao internacionalismo e à fusão das nações, não há nem pode haver outro caminho para alcançar este objetivo, partindo-se da situação atual.

Capítulo VII - Estratégia e Tática

Analisarei seis questões deste tema:

- a) a estratégia e a tática como a ciência da direção da luta de classe do proletariado;
- b) as etapas da revolução e a estratégia;
- c) os fluxos e refluxos do movimento e a tática;
- d) a direção estratégica;
- e) a direção tática;
- f) reformismo e revolucionarismo.

a) A Estratégia e a Tática, como a Ciência da Direção da Luta de Classe do Proletariado

O período do domínio da II Internacional foi, principalmente, o período da formação e da instrução dos exércitos proletários, numa situação de desenvolvimento mais ou menos pacífico. Foi o período em que o parlamentarismo era a forma preponderante da luta de classes. Os problemas relativos aos grandes conflitos de classes, à preparação do proletariado para as batalhas revolucionárias, aos meios para conquistar a ditadura do proletariado não estavam, então, segundo parecia, na ordem do dia. A tarefa reduzia-se a utilizar todos, os caminhos de desenvolvimento legal para formar e instruir os exércitos proletários, a utilizar o parlamentarismo tendo-se em conta uma situação em que o proletariado assumia e, segundo parecia, devia assumir o papel de oposição. Não creio que seja necessário demonstrar que em semelhante período e com uma tal concepção das tarefas do proletariado não podia existir nem uma estratégia completa, nem uma tática bem elaborada. Havia pensamentos fragmentários, ideias isoladas sobre tática e estratégia, mas não havia nem tática nem estratégia.

O pecado mortal da II Internacional não consiste em ter aplicado, em seu tempo, a tática da utilização das formas parlamentares de luta, mas em ter superestimado a importância dessas formas, até considerá-las quase como as únicas existentes, tanto assim que, quando chegou o período das batalhas revolucionárias abertas e a questão das formas extraparlamentares de luta, se tornou a mais importante, os partidos da II Internacional fugiram às novas tarefas, não se reconheceram.

Somente no período seguinte, período de ações abertas do proletariado, período da revolução proletária, quando o problema da derrubada da burguesia se tornou um problema prático imediato, quando a questão das reservas do proletariado (estratégia) se tornou uma das questões mais palpitantes, quando todas as formas de luta e de organização — parlamentares e extraparlamentares (tática) — se manifestaram com toda nitidez, somente nesse período foi possível elaborar uma estratégia completa e uma tática aprofundada da luta do proletariado. As ideias

geniais de Marx e Engels sobre tática e estratégia, que os oportunistas da II Internacional haviam sepultado, foram trazidas à luz do dia por Lênin, precisamente nesse período. Mas Lênin não se limitou a restaurar as diferentes teses táticas de Marx e Engels. Desenvolveu-as e completou-as com ideias e teses novas, compendiando-as num sistema de regras e princípios de orientação para dirigir a luta de classe do proletariado. Obras de Lênin como: "*Que fazer?*", "*Duas táticas*", "*O imperialismo*", "*O Estado e a Revolução*", "*A revolução proletária e o renegado Kautsky*", "*A doença infantil*" constituem, incontestavelmente, uma contribuição preciosíssima ao tesouro comum do marxismo, ao seu arsenal revolucionário. A estratégia e a tática do leninismo são a ciência da direção da luta revolucionária do proletariado.

b) As Etapas da Revolução e a Estratégia

A estratégia consiste em fixar, numa determinada etapa da revolução, a direção do golpe principal do proletariado, em elaborar um plano correspondente de disposição das forças revolucionárias (reservas principais e secundárias) e em lutar pela execução desse plano durante todo o curso dessa etapa da revolução.

A nossa revolução já percorreu duas etapas e, após a Revolução de Outubro, entrou na terceira. De acordo com isso, foi modificada a estratégia.

Primeira etapa: 1903 – fevereiro de 1917.

- Objetivo: derrubar o tzarismo, liquidar por completo as sobrevivências medievais.
- Força fundamental da revolução: o proletariado.
- Reserva imediata: os camponeses.
- Direção do golpe principal: isolamento da burguesia monárquica liberal, que se esforça por atrair para o seu lado os camponeses e por liquidar a revolução mediante uma composição com o tzarismo.
- Plano de disposição das forças: aliança da classe operária com os camponeses.

"O proletariado deve levar a termo a revolução democrática unindo a si a massa dos camponeses, para esmagar pela força a resistência da autocracia e paralisar a instabilidade da burguesia".

Segunda etapa: Março de 1917 — Outubro de 1917.

- Objetivo: derrubar o imperialismo na Rússia e sair da guerra imperialista.
- Força fundamental da revolução: o proletariado.
- Reserva imediata: os camponeses pobres. O proletariado dos países vizinhos como reserva provável. O prolongamento da guerra e a crise do imperialismo como circunstância favorável.

- Direção do golpe principal: isolar a democracia pequeno-burguesa (mencheviques, social-revolucionários) que se esforça por atrair para o seu lado as massas trabalhadoras dos camponeses e por liquidar a revolução mediante uma composição com o imperialismo.

- Plano de disposição das forças: aliança do proletariado com os camponeses pobres.

"O proletariado deve fazer a revolução socialista unindo a si a massa dos elementos semiproletários da população, para esmagar pela força a resistência da burguesia e paralisar a instabilidade dos camponeses e da pequena burguesia".

Terceira etapa: Começa depois da Revolução de Outubro.

- Objetivo: consolidar a ditadura do proletariado num só país e utilizá-la como ponto de apoio para derrubar o imperialismo em todos os países. A revolução sai dos limites de um só país; começou a época da revolução mundial.

- Forças fundamentais da revolução: a ditadura do proletariado num país, o movimento revolucionário do proletariado em todos os países.

- Reservas principais: as massas de semiproletários e de pequenos camponeses nos países avançados, o movimento de libertação nas colônias e nos países dependentes.

- Direção do golpe principal: isolar a democracia pequeno-burguesa, isolar os partidos da II Internacional, que são o principal ponto de apoio da política de composição com o imperialismo.

- Plano de disposição das forças: aliança da revolução proletária com o movimento de libertação das colônias e países dependentes.

A estratégia se ocupa das forças fundamentais da revolução e das suas reservas. Ela se modifica com a passagem da revolução de uma etapa a outra e permanece inalterada, em essência, por todo o curso de uma etapa determinada.

c) Os Fluxos e Refluxos do Movimento e a Tática

A tática tem por objeto fixar a linha de conduta do proletariado para um período relativamente curto de fluxo ou de refluxo do movimento, de ascenso ou de descenso da revolução; lutar pela aplicação dessa linha, substituindo por novas as velhas formas de luta e de organização, por novas palavras de ordem as velhas palavras de ordem, coordenando estas formas, etc.. Se a estratégia se propõe, por exemplo, o objetivo de vencer a guerra contra o czarismo, ou contra a burguesia, de levar a termo a luta contra o czarismo ou a burguesia, a tática persegue os objetivos menos essenciais, pois não se propõe vencer a guerra, no seu conjunto, mas esta ou aquela batalha, este ou aquele combate, levar a cabo esta ou aquela campanha, estas ou aquelas ações, correspondentes à situação concreta de um determinado período de ascenso ou de descenso da revolução. A tática é uma parte da estratégia; a ela está subordinada e a serve.

A tática muda segundo os fluxos e refluxos. Enquanto que, durante a primeira etapa da revolução (1903–fevereiro de 1917), o plano estratégico permanecia imutável, a tática, durante esse período, mudou várias vezes. No período de 1903-1905, a tática do partido era ofensiva, porque existia um fluxo revolucionário, o movimento revolucionário seguia uma linha ascendente e a tática devia basear-se neste fato. Em consonância com isso, as formas de luta eram também revolucionárias e correspondiam às exigências do fluxo da revolução. Greves políticas locais, manifestações políticas, greve política geral, boicote à Duma, insurreição, palavras de ordem revolucionárias combativas; tais eram as formas de luta que se sucederam umas às outras nesse período. Em relação com as formas de luta mudaram também as formas de organização. Comitês de fábrica e de usina, comitês revolucionários de camponeses, comitês de greve, Soviets de deputados operários, partido operário mais ou menos legal: tais eram as formas de organização desse período.

No período de 1907-1912, o Partido foi obrigado a passar a uma tática de retirada, porque nos achávamos diante de um descenso do movimento revolucionário, de um refluxo da revolução, e a tática não podia deixar de levar em conta este fato. Em relação com isto, mudaram tanto as formas de luta quanto as formas de organização. Ao invés de boicote à Duma,

participação na Duma; ao invés de ações revolucionárias abertas, extraparlamentares, discursos e trabalho na Duma; ao invés de greves gerais políticas, greves econômicas parciais, ou simplesmente calma. É claro que o Partido devia nesse período, passar à atividade clandestina, enquanto as organizações revolucionárias de massas eram substituídas por organizações legais, culturais, educativas, cooperativas, de ajuda mútua, etc..

O mesmo se deve dizer da segunda e da terceira etapas da revolução, no curso das quais a tática mudou dezenas de vezes, enquanto os planos estratégicos continuavam imutáveis.

A tática se ocupa das formas de luta e das formas de organização do proletariado, da sua substituição, da sua coordenação. Numa determinada etapa da revolução, a tática pode mudar várias vezes, segundo os fluxos e refluxos, o ascenso ou o descenso da revolução.

d) A Direção Estratégica

As reservas da revolução podem ser:

Diretas: a) os camponeses e, em geral, as camadas intermediárias da população do próprio país; b) o proletariado dos países vizinhos; c) o movimento revolucionário nas colônias e nos países dependentes; d) as conquistas e as realizações da ditadura do proletariado, a uma parte das quais o proletariado pode renunciar, temporariamente, conservando, porém, a superioridade de forças, com o objetivo de obter, em troca desta renúncia, uma trégua de um adversário poderoso.

Indiretas: a) as contradições e os conflitos entre as classes não proletárias do próprio país, suscetíveis de serem utilizadas pelo proletariado para enfraquecer o adversário e reforçar as suas próprias reservas; b) as contradições, os conflitos e as guerras (por exemplo, a guerra imperialista) entre os Estados burgueses hostis ao Estado proletário, conflito e guerras suscetíveis de serem utilizados pelo proletariado no curso de uma ofensiva, ou de uma manobra sua, em caso de retirada forçada.

Não é necessário deter-se sobre as reservas do primeiro gênero, porque a sua importância é conhecida de todos, sem exceção. No que se relaciona às reservas do segundo gênero, cuja importância nem sempre é clara, deve-se dizer que têm às vezes uma importância primordial para a marcha da revolução. Dificilmente se poderia negar, por exemplo, a enorme importância do conflito entre a democracia pequeno-burguesa (social-revolucionários) e a burguesia monárquico-liberal (democratas constitucionais) durante a primeira revolução e depois dela, conflito que, sem dúvida, contribuiu para subtrair os camponeses à influência da burguesia. E há ainda menos razões para negar a enorme importância que teve a guerra de morte entre os grupos fundamentais dos imperialistas, no período da Revolução de Outubro, quando os imperialistas, ocupados em guerrear uns contra os outros, não puderam concentrar as suas forças contra o jovem Poder Soviético, e o proletariado, justamente por isso, pôde dedicar-se seriamente à organização das suas forças e à consolidação do seu Poder e preparar o esmagamento de Koltchak e Deníkin. É de supor que,

hoje, quando os antagonismos entre os grupos imperialistas se aprofundam cada vez mais e uma nova guerra entre eles se torna inevitável, essa espécie de reservas terá para o proletariado uma importância cada vez maior.

A missão da direção estratégica consiste em utilizar acertadamente todas essas reservas para alcançar o fim essencial da revolução numa determinada etapa do seu desenvolvimento.

Em que consiste o saber utilizar acertadamente as reservas?

Em observar algumas condições necessárias, entre as quais devem ser consideradas principais as seguintes:

Primeira: Concentrar o grosso das forças da revolução no ponto mais vulnerável do inimigo, no momento decisivo, quando a revolução já está madura, quando a ofensiva marcha a todo vapor, quando a insurreição bate às portas e quando a reunião das reservas em torno da vanguarda é condição decisiva para o êxito. A estratégia do Partido, no período de abril-outubro de 1917, pode ser considerada como um exemplo de utilização das reservas desse modo. É indubitável que o ponto mais vulnerável do inimigo, nesse período, era a guerra. Não há dúvida de que justamente sobre esta questão, considerada como questão fundamental, o Partido reuniu em torno da vanguarda proletária as maiores massas da população. A estratégia do Partido, nesse período, consistia no seguinte: preparar a vanguarda para ações de ruas, por meio de manifestações e demonstrações, e, ao mesmo tempo, reunir em torno da vanguarda as reservas, por meio dos Soviets na retaguarda e dos comitês de soldados na frente de batalha. O êxito da revolução demonstrou que essa utilização das reservas era justa.

Eis o que disse Lênin, parafraseando as conhecidas teses de Marx e Engels sobre a insurreição, a propósito dessa condição de emprego estratégico das forças da revolução:

- 1) Não brincar jamais com a insurreição, mas, uma vez iniciada, saber firmemente que é preciso ir até o fim.
- 2) É preciso concentrar, no lugar e no momento decisivos, forças muito superiores às do inimigo, porque, em caso contrário, o inimigo, melhor preparado e organizado, aniquilará os insurretos.

3) Uma vez iniciada a insurreição, é necessário agir com a maior decisão e passar obrigatória e incondicionalmente à ofensiva «A defensiva é a morte da insurreição armada.

4) É necessário esforçar-se para tomar o inimigo de surpresa, aproveitando o momento em que as suas tropas estejam dispersas.

5) É necessário alcançar êxitos diários, ainda que sejam pequenos (e poderia dizer-se, também, êxitos de «hora em hora», se se trata de uma só cidade), conservando a todo custo a «superioridade moral.

Segunda: Escolha do momento do golpe decisivo, do momento para desencadear a insurreição, que deve ser aquele em que a crise tenha alcançado o ponto culminante, quando a vanguarda estiver disposta a lutar até o fim, quando as reservas estiverem prontas para apoiar a vanguarda e, no campo do inimigo, existir o máximo de confusão.

Pode-se considerar completamente madura a batalha decisiva — disse Lênin — se:

(1) todas as forças de classe que nos são hostis estiverem suficientemente submersas na confusão, suficientemente divididas entre si, suficientemente enfraquecidas numa luta superior às suas forças; se (2) todos os elementos intermédios, hesitantes, vacilantes, instáveis, isto é, a pequena burguesia, a democracia pequeno-burguesa, que se distingue da burguesia, estiverem suficientemente desmascarados diante do povo, suficientemente desacreditados em virtude da sua falência política no terreno prático»; se (3) no proletariado surgir e afirmar-se poderosamente uma tendência de massas para apoiar as ações revolucionárias mais decisivas, mais ousadas e corajosas contra a burguesia. Então, a revolução estará madura, então, se tivermos levado na devida conta todas as condições acima enumeradas e se tivermos escolhido com acerto o momento, a vitória estará assegurada.

A insurreição de Outubro pode ser considerada como modelo dessa estratégia.

Se não se leva em conta essa condição, cai-se num erro perigoso, chamado "perda do ritmo", que ocorre quando o Partido se atrasa em

relação à marcha do movimento ou se adianta demasiado, expondo-se ao perigo de fracassar. Um exemplo dessa "perda do ritmo", um exemplo do modo como não se deve escolher o momento da insurreição, deve ser considerada a tentativa de urna parte dos camaradas para começar a insurreição com a prisão dos membros da Conferência Democrática, em setembro de 1917, quando havia hesitação nos Soviets, quando o "front" ainda estava numa encruzilhada e as reservas ainda não estavam reunidas em torno da vanguarda.

Terceira: Aplicar firmemente a linha adotada, apesar de todas as dificuldades e complicações que possam surgir no caminho que conduz ao objetivo, para que a vanguarda não perca de vista o objetivo essencial da luta e para que não se dispersem as massas enquanto marcham na direção desse objetivo e enquanto se esforçam para reunir-se em torno da vanguarda. Se não se leva em conta essa condição, cai-se em grave erro, bem conhecido dos marinheiros pelo nome de "perda da rota". Um exemplo desta "perda da rota" deve ser considerada a errônea posição do nosso Partido, imediatamente após a Conferência Democrática, quando decidiu participar do ante-Parlamento. Era como se o Partido se tivesse esquecido, Daquele momento, de que o ante-Parlamento era uma tentativa da burguesia para desviar o país do caminho dos Soviets para o caminho do parlamentarismo burguês e de que a participação do Partido numa instituição desse gênero podia confundir todas as cartas e desviar do seu caminho os operários e os camponeses, que travavam uma luta revolucionária sob a palavra de ordem de "Todo o Poder aos Soviets!" Este erro foi corrigido com a saída dos bolcheviques do ante-Parlamento.

Quarta: Saber manobrar com as reservas de modo a poder efetuar uma retirada em boa ordem, quando o inimigo é forte, quando a retirada é inevitável, quando é visivelmente prejudicial aceitar a batalha que o inimigo quer impor e quando a retirada, em virtude da correlação das forças existentes, é para a vanguarda, o único meio de esquivar-se ao golpe e de conservar as reservas ao seu lado.

"Os partidos revolucionários — disse Lênin — devem completar a sua instrução. Aprenderam a avançar. Agora, precisam compreender a necessidade de completar esta ciência com a de saber retirar-se acertadamente. É preciso compreender — e a classe

revolucionária aprende a compreendê-lo pela sua própria e amarga experiência — que não se pode triunfar sem aprender a lançar a ofensiva e a efetuar, a retirada com acerto".

O objetivo dessa estratégia consiste em ganhar tempo, desmoralizar o adversário e acumular forças para passar em seguida à ofensiva.

Pode-se considerar modelo dessa estratégia a conclusão da paz de Brest-Litovsk, que permitiu ao Partido ganhar tempo, explorar os conflitos no campo do imperialismo, desmoralizar as forças do adversário, manter os laços com os camponeses e acumular forças para preparar a ofensiva contra Koltchak e Deníkin.

"Concluindo a paz em separado — dizia então Lênin — desembaraçamo-nos, o máximo possível no momento atual, dos dois grupos imperialistas adversários, aproveitando-nos da sua hostilidade e da sua guerra, que os impedia de se porem de acordo contra nós; assim conseguimos ter as mãos livres, durante certo tempo, para prosseguir e consolidar a revolução socialista".

Agora — escrevia Lênin, três anos depois da paz de Brest-Litovsk — até o último dos imbecis compreende que a paz de Brest-Litovsk foi uma concessão que aumentou as nossas forças e fracionou as do imperialismo internacional.

Tais são as condições principais que asseguram uma justa direção estratégica.

e) A Direção Tática

A direção tática é parte da direção estratégica, a cujas exigências e tarefas se acham subordinadas. A missão da direção tática consiste em dominar todas as formas de luta de organização do proletariado e em assegurar a sua justa utilização, com o fim de alcançar, dada a correlação de forças existente, o máximo de resultados, necessário à preparação do êxito estratégico.

Em que consiste a justa utilização das formas de luta e de organização do proletariado?

No cumprimento de algumas condições indispensáveis, das quais podem ser consideradas principais as seguintes:

Primeira: Pôr em primeiro plano precisamente as formas de luta e de organização que, melhor correspondendo às condições do fluxo ou do refluxo do movimento, facilitem e assegurem o deslocamento das massas para posições revolucionárias, o deslocamento de massas de milhões de homens para a frente da revolução, o seu alinhamento na frente da revolução.

O que importa não é que a vanguarda esteja consciente da impossibilidade de manter-se a antiga ordem de coisas e da inevitabilidade da sua derrubada. O que importa é que as massas, massas de milhões de homens, compreendam esta necessidade e se mostrem prontas a apoiar a vanguarda. Mas as massas só podem compreendê-lo através da própria experiência. Dar às massas de milhões de homens a possibilidade de constatar, à base da sua experiência, a inevitabilidade da derrubada do velho Poder, empregar meios de luta e formas de organização que permitam às massas comprovar na base da experiência a justeza das palavras de ordem revolucionárias: esta é a tarefa a resolver.

A vanguarda se distanciaria da classe operária e a classe operária perderia o contato com as massas se, no momento oportuno, o Partido não tivesse decidido participar da Duma se não tivesse resolvido concentrar as forças no trabalho parlamentar e desenvolver a luta na base desse trabalho, a fim de permitir que as massas se convencessem, pela sua própria experiência,

da inutilidade da Duma, da falácia das promessas dos democratas constitucionalistas, da impossibilidade de um acordo com o tzarismo, da inevitabilidade da aliança dos camponeses com a classe operária. Sem a experiência das massas no período da Duma, teriam sido impossível desmascarar os democratas constitucionalistas e assegurar a hegemonia do proletariado.

O perigo da tática do otsovismo consistia no fato de que ameaçava separar a vanguarda das suas reservas de milhões de homens.

O Partido se teria desligado da classe operária e a classe operária teria perdido a sua influência entre as grandes massas de camponeses e soldados, se o proletariado tivesse seguido os comunistas de esquerda, que lançaram o apelo à insurreição; em abril de 1917, quando os mencheviques e os social-revolucionários ainda não tinham tido tempo de se desmascararem como partidários da guerra e do imperialismo, quando as massas ainda não tinham tido tempo de se convencer, pela sua própria experiência, da falsidade dos discursos dos mencheviques e dos social-revolucionários sobre a paz, sobre a terra, sobre a liberdade. Sem a experiência das massas no período do governo de Kerenski, os mencheviques e os social-revolucionários não teriam sido isolados e a ditadura do proletariado teria sido impossível. Por isso, a tática da "explicação paciente" dos erros dos partidos pequeno burgueses e da luta aberta no seio dos Soviets era a única tática justa.

O perigo da tática dos comunistas de esquerda consistia no fato de que ameaçava transformar o Partido, de chefe da revolução proletária, num grupo de conspiradores vazios e sem base.

"Somente com a vanguarda — dizia Lênin — não se pode vencer. Lançar sozinha a vanguarda à batalha decisiva, antes que toda classe, antes que as grandes massas tenham tomado uma posição de apoio direto à vanguarda ou, pelo menos, de benévola neutralidade para com esta... não seria só uma estupidez, mas também um crime. Mas para que efetivamente toda a classe, para que efetivamente as grandes massas dos trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a tomar essa posição, não bastam a propaganda e a agitação por si sós. Para isso torna-se necessária a experiência política das próprias massas. Tal é a lei fundamental de todas as grandes revoluções, confirmada, hoje, com uma força e

um relevo surpreendentes, não só pela Rússia, mas também pela Alemanha. Não somente as massas russas incultas e, mesmo, analfabetas, mas também as massas alemãs, dotadas de alto grau de cultura e entre as quais não há analfabetos, para se voltarem resolutamente para o comunismo, tiveram que verificar por si mesmas toda a impotência, toda a falta de caráter, toda a incapacidade, todo o servilismo, diante da burguesia, toda a infâmia do governo dos paladinos da II Internacional, toda a inevitabilidade da ditadura dos ultra-reacionários (Kornilov na Rússia, Kapp e cia. na Alemanha), como única alternativa para a ditadura do proletariado".

Segunda: Encontrar, em cada momento dado, na cadeia dos acontecimentos, o elo especial, segurando-se ao qual será possível dominar toda a cadeia e preparar as condições do êxito estratégico.

Trata-se de destacar, entre as várias tarefas que se colocam diante do Partido, precisamente a tarefa imediata, cuja solução constitua o ponto central e cujo cumprimento assegure a feliz solução de todas as outras tarefas imediatas.

A importância dessa tese poderia ser demonstrada com dois exemplos, um tomado do passado distante (período da formação do Partido) e o outro de um passado mais recente (período da N.E.P.).

No período da formação do Partido, quando existia uma quantidade enorme de círculos e de organizações ainda não ligados entre si, quando os métodos artesãos de trabalho e este espírito estreito de grupo corroíam o Partido de cima a baixo, quando a confusão ideológica era o traço característico da vida interna do Partido, naquele período o elo básico da corrente, a tarefa fundamental da cadeia de tarefas que estavam diante do Partido, era a criação de um jornal ilegal para toda a Rússia (a *Iskra*). Por quê? Porque somente por meio de um jornal ilegal para toda a Rússia era possível, nas condições daquela época, criar um núcleo coeso de Partido, capaz de reunir num todo único os círculos e as organizações inumeráveis, de preparar as condições da unidade ideológica e tática e lançar assim, as bases para a formação de um verdadeiro partido.

No período da passagem da guerra à edificação econômica quando a indústria vegetava nas garras da desorganização e a agricultura sofria da

falta de produtos industriais, quando a ligação entre a indústria do Estado e a economia camponesa se tornara a condição essencial do êxito da edificação socialista, naquele período o elo essencial na cadeia dos processos, a tarefa fundamental entre todas as outras era o desenvolvimento do comércio. Por quê? Porque, durante a N.E.P. a ligação da indústria com a economia camponesa não era possível senão através do comércio; porque durante a N.E.P., a produção sem escoamento era a morte da indústria; porque a indústria só poderia ampliar-se mediante a extensão das vendas em consequência do fomento do comércio; porque, somente depois de consolidar-se no campo do comércio, somente depois de dominar o comércio, pode-se contar com a ligação da indústria com o mercado camponês e resolver com êxito as outras tarefas imediatas, com o objetivo de criar as condições para a construção das bases da economia socialista.

Não basta — dizia Lênin — ser revolucionário do socialismo, ou comunista em geral... É necessário saber encontrar, a cada momento, aquele elo especial da cadeia, ao qual deve agarrar-se com todas as forças, para dominar toda a cadeia e preparar solidamente a passagem ao elo seguinte...

No presente momento... este elo é a reanimação do comércio interno, com a condição de que seja bem regulado (orientado) pelo Estado. O comércio: eis o «elo» na cadeia histórica dos acontecimentos, das formas de transição da nossa edificação socialista nos anos de 1921-1922, ao qual é preciso agarrar-se com todas as forças...

Tais são as condições principais que asseguram uma justa direção tática.

f) Reformismo e Revolucionarismo

Em que a tática revolucionária se distingue da tática reformista?

Alguns acham que o leninismo é contra as reformas, contra os compromissos e os acordos, em geral. Isso é absolutamente falso. Os bolcheviques sabem melhor do que ninguém que, em certo sentido, "tudo o que cai na rede é peixe", sabem que, em determinadas circunstâncias, as reformas em geral, os compromissos e os acordos em particular, são necessários e úteis.

"Fazer a guerra — disse Lênin. — para derrubar a burguesia internacional, guerra cem vezes mais difícil, mais prolongada e mais complexa do que as mais encarniçadas das guerras habituais entre os Estados, e de antemão renunciar a toda manobra, renunciar ao aproveitamento dos antagonismos de interesses (mesmo temporários) entre os próprios inimigos, renunciar aos acordos e aos compromissos com possíveis aliados (mesmo temporários, pouco firmes, hesitantes, condicionais), não é coisa sumamente ridícula? Não é como se, na árdua escalada de um monte ainda inexplorado e inacessível, se renunciasse antecipadamente a fazer às vezes ziguezagues, a voltar às vezes sobre os próprios passos, a deixar o rumo tomado no início para tentar rumos diversos?"

Não se trata, evidentemente, das reformas ou dos compromissos e acordos em si, mas do uso que se faz deles.

Para o reformista, a reforma é tudo; o trabalho revolucionário, ao contrário, serve apenas, por assim dizer, para lançar poeira aos olhos dos outros. Por isso, com a tática reformista, enquanto existir o Poder burguês, uma reforma se converte inevitavelmente em instrumento de reforço deste Poder, em instrumento de desagregação da revolução.

Para o revolucionário, ao invés disso, o essencial é o trabalho revolucionário, não a reforma; para ele, a reforma não passa de produto acessório da revolução. Por isso, com a tática revolucionária, enquanto existir o Poder burguês, uma reforma se converte naturalmente em instrumento de desagregação desse Poder, em instrumento para reforçar a

revolução, em ponto de apoio para o desenvolvimento do movimento revolucionário.

O revolucionário aceita a reforma com o fim de utilizá-la como ajuda para combinar o trabalho legal com o ilegal, com o fim de servir-se dela como cobertura para o reforço do trabalho ilegal, que tem por objeto a preparação revolucionária das massas para a derrubada da burguesia.

Esta é a essência da utilização revolucionária das reformas e dos acordos nas condições existentes no período do imperialismo.

O reformista, ao contrário, aceita as reformas para renunciar a todo trabalho ilegal, para sabotar a preparação das massas para a revolução e repousar à sombra da reforma "concedida".

Esta é a essência da tática reformista.

Assim se apresenta o problema das reformas e dos acordos nas condições existentes no período do imperialismo.

As coisas mudam, porém, depois da derrocada do imperialismo, durante a ditadura do proletariado. Em certos casos, em certas condições, o Poder proletário pode ver-se obrigado a abandonar provisoriamente a via da reconstrução revolucionária da ordem de coisas existente e a tomar a via da sua transformação gradual, "a via reformista", como disse Lênin no seu artigo "*A importância do ouro*", a via dos movimentos envolventes, a via das reformas e das concessões às classes não proletárias, com o objetivo de desagregar essas classes e conceder à revolução uma trégua, com o fim de reunir as próprias forças e preparar as condições para uma nova ofensiva. Não se pode negar que esta via é, em certo sentido, uma via reformista. É necessário, porém, lembrar que nos achamos aqui diante de uma particularidade fundamental, que consiste no fato de que a reforma emana, neste caso, do Poder proletário, que ela reforça o Poder proletário, que ela lhe oferece a trégua necessária, que esta trégua se destina a desagregar, não a revolução, mas as classes não proletárias.

A reforma, nessas condições, se transforma, por conseguinte, no seu contrário.

A adoção de uma tal política por parte do Poder proletário torna-se possível, exclusivamente porque, no período anterior, a revolução se ampliou suficientemente e por isso deixou espaço suficiente para bater em

retirada, para substituir a tática da ofensiva pela tática de uma retirada temporária, a tática dos movimentos envolventes.

Se, antes, portanto, sob o Poder burguês, as reformas eram um produto acessório da revolução, agora, durante a ditadura do proletariado, a origem das reformas está nas conquistas revolucionárias do proletariado, nas reservas acumuladas nas mãos do proletariado e constituídas por estas conquistas.

"Somente o marxismo — disse Lênin — determinou exata e justamente a relação entre as reformas e a revolução. Marx só podia ver esta relação sob um dos seus aspectos, isto é na situação anterior a uma primeira vitória do proletariado mais ou menos sólida, mais ou menos duradoura, mesmo num só país. Naquela situação, a base de uma justa relação entre as reformas e a revolução era esta: a reforma é um produto acessório da luta de classe revolucionária do proletariado... Depois da vitória do proletariado, ainda que num só país, surge alguma coisa de novo na relação entre as reformas e a revolução. Em princípio, as coisas estão como antes, na forma, porém, sobrevém uma modificação, que Marx pessoalmente não podia prever, mas cuja presença só pode ser percebida por nós se tomarmos por base a filosofia e a política do marxismo... Depois da vitória, elas (isto é, as reformas, J. St.) (mesmo que em escala internacional continuem a ser o mesmo produto acessório) constituem, ademais, para o país onde tiver vencido o proletariado, uma trégua, necessária e legítima nos casos em que as forças, depois de uma tensão extrema, são manifestamente insuficientes para superar de modo revolucionário uma ou outra etapa. A vitória proporciona uma tal «reserva de forças», que permite resistir, mesmo no caso de uma retirada forçada, resistir material e moralmente".

Capítulo VIII - O Partido

No período pré-revolucionário, no período de desenvolvimento mais ou menos pacífico, quando os partidos da II Internacional eram a força dominante do movimento operário e as formas parlamentares de luta eram consideradas as principais, naquelas condições o Partido não tinha, nem podia ter, a importância séria e decisiva que adquiriu em seguida, num período de grandes batalhas revolucionárias. Defendendo a II Internacional dos ataques de que é alvo, Kautsky disse que os partidos da II Internacional são instrumentos de paz e não de guerra, que justamente por isso não estavam em condições de empreender alguma coisa de sério, durante a guerra, no período das ações revolucionárias do proletariado. Isto é verdade. Mas, que significa isto? Significa que os partidos da II Internacional não servem para a luta do proletariado, que não são partidos de luta do proletariado, que possam conduzir os operários à conquista do Poder, mas um aparelho eleitoral, adaptado às eleições parlamentares e à luta parlamentar. Assim se explica, precisamente, o fato de que, no período de domínio dos oportunistas da II Internacional, a organização política fundamental do proletariado não era o Partido, mas o grupo parlamentar. É sabido que, naquele período, o Partido era na prática um apêndice, um elemento a serviço do grupo parlamentar. É desnecessário demonstrar que, em tais condições e sob orientação de tal partido, não se podia falar sequer na preparação do proletariado para a revolução.

As coisas mudaram, porém, radicalmente, ao se iniciar o novo período. O novo período é o dos conflitos abertos de classes, é o período das ações revolucionárias do proletariado, o período da revolução proletária, o período da preparação imediata das forças para a derrocada do imperialismo, para a tomada do Poder pelo proletariado. Este período coloca diante do proletariado tarefas novas: a reorganização de todo o trabalho do Partido numa base nova, numa base revolucionária, a educação dos operários no espírito da luta revolucionária pelo Poder, a preparação e mobilização das reservas, aliança com os proletários dos países vizinhos, a criação de sólidos laços com o movimento de libertação das colônias e dos países dependentes, etc. etc.. Pensar que estas novas tarefas podem ser resolvidas com as forças dos velhos partidos social-democratas, educados

nas pacíficas condições do parlamentarismo, significa condenar-se irremediavelmente à desesperação, a uma derrota certa. Permanecer sob a direção dos velhos partidos, quando se tem sobre os ombros tarefas dessa ordem, significa ficar inteiramente desarmado. Não é preciso demonstrar que proletariado não podia resignar-se a tal situação.

Daí a necessidade de um novo partido, de um partido combativo, de um partido revolucionário, bastante audaz para conduzir os proletários à luta pelo Poder, bastante experiente para saber orientar-se nas complicadas condições de uma situação revolucionária, e bastante ágil para evitar toda sorte de escolhos no caminho que leva ao objetivo.

Sem um partido desse tipo não se pode sequer pensar na derrubada do imperialismo, na conquista da ditadura do proletariado.

Este novo partido é o Partido do leninismo.

Quais são as particularidades deste novo Partido?

1. O Partido, Destacamento de Vanguarda da Classe Operária

O Partido deve ser, antes de tudo, o destacamento de vanguarda da classe operária.. O Partido deve incorporar às suas fileiras todos os melhores elementos da classe operária, assimilar a sua experiência, o seu espírito revolucionário, a sua dedicação infinita à causa do proletariado. Mas, para ser efetivamente o destacamento de vanguarda, o Partido precisa armar-se de uma teoria revolucionária, deve conhecer as leis do movimento, deve conhecer as leis da revolução. Em caso contrário, não está em condições de dirigir do proletariado, arrastar consigo o proletariado. O Partido não pode ser um verdadeiro partido se se limita a registrar o que a massa da classe operária sente e pensa, se vai a reboque do movimento espontâneo, se não sabe vencer a inércia e a indiferença política do movimento espontâneo, se não sabe colocar-se acima dos interesses momentâneos do proletariado, se não sabe elevar as massas ao nível dos interesses de classe do proletariado. O Partido deve pôr-se à frente de classe operária, deve enxergar mais longe do que a classe operária, deve arrastar consigo o proletariado e não ficar a reboque do movimento espontâneo. Os partidos da II Internacional, que pregam o "seguidismo", são agentes da política burguesa, que condena o proletariado ao papel de instrumentos nas mãos da burguesia. Somente um partido que se coloque no ponto-de-vista do destacamento de vanguarda do proletariado e seja capaz de elevar as massas ao nível dos interesses de classe do proletariado somente um partido desse tipo é capaz de afastar a classe operária do caminho do trade-unionismo e de transformá-la em força política independente.

O Partido é o chefe político da classe operária. Já falei das dificuldades da luta da classe operária, da complexidade das condições da luta, da estratégia e da tática, das reservas e das manobras, da ofensiva e da retirada, Estas condições não são menos complexas, e talvez sejam mais complexas do que as condições de guerra. Quem pode orientar-se nestas condições, quem pode dar uma orientação justa a uma massa de milhões de proletários? Nenhum exercito em guerra pode prescindir de um Estado-Maior experimentado, se não quer condenar-se à derrota. Não é porventura claro que o proletariado, com maior razão ainda, não pode prescindir de um

tal Estado-Maior, se não quer ficar a mercê dos seus inimigos jurados? Mas, onde encontrar esse Estado-Maior? Somente o Partido revolucionário do proletariado pode ser esse Estado-Maior. A classe operária, sem um partido revolucionário, é um exercito sem Estado-Maior.

O Partido é o Estado-Maior da luta do proletariado. Mas o Partido não pode ser apenas destacamento de vanguarda. Deve ser, ao mesmo tempo, um destacamento, uma parte da classe operária, parte intimamente ligada a esta com todas as fibras da sua existência. A diferença entre a vanguarda e a massa restante da classe operária, entre os membros do Partido e os sem partido, não pode desaparecer enquanto não desaparecerem as classes, enquanto o proletariado engrossar as suas fileiras com elementos de outras classes, enquanto a classe operária, no seu conjunto, estiver impossibilitada de elevar-se ao nível do destacamento de vanguarda. Mas o Partido deixaria de ser o Partido se esta diferença se transformasse em ruptura, se o Partido se fechasse dentro de si mesmo e se se divorciasse das massas sem partido. O Partido não pode dirigir a classe se não se liga às massas sem partido, se não existem vínculos entre o Partido e as massas sem partido, se estas massas não aceitam a sua direção, se o Partido não desfruta entre as massas de crédito moral e político. Recentemente, foram admitidos no nosso Partido duzentos mil novos membros operários. É digno de nota que não ingressaram no Partido por si mesmos, mas, antes, foram enviados pelas restantes massas sem partido, que participaram ativamente na admissão dos novos membros e sem cuja aprovação não foram admitidos, em geral, novos membros. Este fato mostra que as grandes massas dos operários sem partido consideram o nosso Partido como seu partido, partido que lhes é próximo e querido, a cujo desenvolvimento e fortalecimento se ligam os seus interesses vitais e a cuja direção confiam voluntariamente o seu destino. Não é preciso demonstrar que, sem esses vínculos morais imperceptíveis, que unem o Partido às massas sem partido, o partido não poderia tornar-se a força decisiva da sua classe. O Partido é a parte inseparável da classe operária.

"Nós — disse Lênin — somos o Partido da classe e, por isso, quase toda a classe (e, em tempo de guerra, na época da guerra civil, a classe inteira) deve agir sob a direção do nosso Partido, deve manter com o nosso - Partido - a mais estreita ligação possível; mas seria manilovismo e seguidismo pensar que, no

regime capitalista, quase toda ou toda a classe pode algum dia alcançar o grau de consciência e de atividade do seu destacamento de vanguarda, do seu partido social-democrata. Nenhum social-democrata sensato jamais pôs em dúvida que, sob o regime capitalista, nem mesmo a organização sindical (por mais rudimentar e acessível à consciência das camadas atrasadas) está em condições de abranger quase toda ou toda a classe operária. Esquecer a diferença que existe entre o destacamento de vanguarda e todas as massas que gravitam em torno dele, esquecer o dever constante do destacamento de vanguarda de elevar camadas cada vez mais amplas a este nível da vanguarda, seria enganar a si próprio, fechar os olhos diante da grandiosidade das nossas tarefas, restringir estas tarefas".

2. O Partido, Destacamento Organizado da Classe Operária

O Partido não é apenas o destacamento de vanguarda da classe operária. Se quer realmente dirigir a luta da sua classe, deve ser, ao mesmo tempo, o destacamento organizado da mesma. No regime capitalista, as tarefas do Partido são extraordinariamente grandes e várias. O Partido deve dirigir a luta do proletariado em condições extraordinariamente difíceis de desenvolvimento interno e externo, deve conduzir o proletariado à ofensiva quando a situação exige a ofensiva, deve subtrair o proletariado aos golpes de um adversário poderoso quando a situação exige a retirada, deve infundir em massas de milhões de operários sem partido, desorganizados, o espírito de disciplina e de método na luta, o espírito de organização e de firmeza. Mas o Partido só pode cumprir essas tarefas se ele próprio é a personificação da disciplina e da organização, se ele próprio é um destacamento organizado do proletariado. Sem estas condições não se pode sequer falar de uma verdadeira direção, pelo Partido, de milhões de proletários.

2. O Partido é o Destacamento Organizado da Classe Operária

O conceito de partido, como de um todo organizado, foi estabelecido na conhecida formulação dada por Lênin ao artigo primeiro dos estatutos do nosso Partido, em que o Partido é considerado como a soma das suas organizações, e seus membros, como integrantes de uma das organizações do Partido. Os mencheviques que, já em 1903, se opunham a esta fórmula, propunham, em lugar dela, um "sistema" de auto-adesão ao Partido, um "sistema" da extensão do "título" de membro do Partido a qualquer "professor" e "estudante", a todo "simpatizante" e "grevista", que de um modo ou de outro apoiasse o Partido, mesmo sem aderir e sem querer aderir a nenhuma das organizações do Partido. É desnecessário demonstrar que esse "sistema" original, se chegasse a prevalecer no nosso Partido, teria provocado inevitavelmente uma invasão do Partido pelos professores e estudantes e o teria levado a degenerar numa "entidade" mal definida, amorfa, desorganizada, submersa num mar de "simpatizantes", que teria extinguido as fronteiras entre o Partido e a classe e levado ao malogro a tarefa de elevar as massas desorganizadas ao nível da vanguarda. Nem é preciso dizer que, com tal "sistema" oportunista, o nosso Partido não teria podido desempenhar o seu papel de núcleo organizador da classe operária no curso da nossa revolução.

Segundo o ponto-de-vista de Mártoov — disse Lênin — as fronteiras do Partido ficam absolutamente indeterminadas, porque todo grevista pode declarar-se membro do Partido.

Qual a utilidade de semelhante imprecisão? A grande difusão dum título. O dano que traz é dar curso à ideia desorganizadora da confusão da classe operária com o Partido.

Mas o Partido não é somente a soma das suas organizações. O Partido é ao mesmo tempo o sistema único destas organizações, a sua união formal num todo único, no qual existem órgãos de direção superiores e inferiores, no qual existe uma submissão da minoria à maioria, no qual existem decisões práticas, obrigatórias para todos os membros do Partido. Sem esta condição, o Partido não se acha em condições de ser um todo único

organizado, capaz de assegurar uma direção organizada e sistemática da luta da classe operária.

"Antes — disse Lênin — o nosso Partido não era um todo formalmente organizado, mas apenas uma soma de grupos particulares, e, por isso, entre esses grupos não podia existir relação alguma, além da influência ideológica. Hoje, já somos um partido organizado, e isto significa a criação de uma autoridade, a transformação do prestígio da ideia no prestígio da autoridade, submissão das instâncias inferiores do Partido às instâncias superiores".

O princípio da subordinação da minoria à maioria, o princípio da direção do trabalho do Partido por um organismo central suscita, com frequência, ataques dos elementos instáveis, acusações de "burocratismo", de "formalismo", etc.. Não é preciso demonstrar que, a aplicação desses princípios, o Partido, como um todo único, não poderia trabalhar sistematicamente, nem dirigir a luta da classe operária. No campo da organização, o leninismo é a aplicação inflexível desses princípios. Lênin chama à luta esses princípios de "nihilismo russo" e "anarquismo senhorial", que devem ser postos em ridículo e repudiados.

Eis o que disse Lênin de tais elementos instáveis, no seu livro "*Um passo à frente*":

Este anarquismo senhorial é característico do nihilista russo. A organização do Partido parece-lhe uma fábrica monstruosa; a subordinação da parte ao todo e da minoria à maioria parece-lhe uma servidão... a divisão do trabalho sob a direção de um organismo central leva-o a proferir alaridos tragicômicos contra a transformação dos homens em rodas e parafusos..., a simples menção dos estatutos de organização do Partido suscita nele um gesto de desdém e a desdenhosa... observação de que poderia passar muito bem sem os estatutos...

É claro, parece-me, que os clamores contra o famoso burocratismo não servem senão para mascarar o descontentamento diante da composição dos organismos centrais, não são senão folha de parreira... És um burocrata, porque foste designado pelo Congresso sem o meu consentimento e contra ele; és um

formalista, porque te apoias nas decisões formais do Congresso e não no meu consentimento; ages de modo brutal e mecânico, porque recorres à maioria mecânica do Congresso do Partido e não levavas em conta o meu desejo de ser cooptado; és um autocrata, porque não queres pôr o poder nas mãos da velha tertúlia de bons compadres!

3. O Partido, Forma Suprema de Organização de Classe do Proletariado

O Partido é o destacamento organizado da classe operária. Mas o Partido não é a única organização da classe operária. O proletariado tem toda uma série de outras organizações, sem as quais não pode lutar com êxito contra o capital: sindicatos, cooperativas, organizações de fábrica, grupos parlamentares, associações de mulheres sem partido, imprensa, organizações culturais, educativas, federações de jovens, organizações revolucionárias de combate (durante as grandes batalhas revolucionárias), Soviets de deputados como forma de organização estatal (se o proletariado está no Poder) etc.. A imensa maioria dessas organizações não são organizações de partido e somente uma parte delas adere diretamente ao Partido ou constitui uma das suas ramificações. Todas essas organizações são, em condições dadas, absolutamente necessárias à classe operária, porque sem a sua existência é impossível consolidar as posições de classe do proletariado nos diversos campos da luta, porque sem a sua existência é impossível temperar o proletariado como força chamada a substituir a ordem burguesa pela ordem socialista. Mas, como organizar uma direção única, com tal abundância de organizações? Que garantia há de que a existência de uma multiplicidade de organizações não tornará a direção incoerente? Poder-se-ia responder que cada uma dessas organizações exerce a sua atividade no campo que lhe é próprio e que, por conseguinte, não podem perturbar-se mutuamente. Isto, naturalmente, é certo. Mas é também certo que todas essas organizações devem trabalhar sob uma direção única, porque elas servem a uma só classe, a classe dos proletários. Pergunta-se: quem determina a linha, a direção comum, segundo a qual todas essas organizações devem desenvolver o seu trabalho? Qual a organização central que não só tem a capacidade de elaborar esta linha comum, por ter a experiência necessária, mas também a possibilidade, por ter o prestígio suficiente para fazê-lo, de estimular todas essas organizações e pôr em prática esta linha, com o objetivo de realizar a unidade de direção e de excluir a possibilidade de incoerência?

Esta organização é o Partido do proletariado. O Partido tem todos os requisitos para esse papel, porque, em primeiro lugar, o Partido é o ponto

em torno do qual se reúnem os melhores elementos da classe operária, que mantêm laços diretos com as organizações proletárias sem partido e que com frequência as dirigem; porque, em segundo lugar, o Partido, como ponto em torno do qual se reúnem os melhores elementos da classe operária, é a melhor escola para a formação de chefes da classe operária, capazes de dirigir todas as formas de organização da sua classe; porque, em terceiro lugar, o Partido, como a melhor escola de chefes da classe operária, é, pela sua experiência e prestígio, a única organização capaz de centralizar a direção da luta do proletariado e de transformar, desse modo, as organizações operárias sem partido de toda espécie em organismos auxiliares e em correias de transmissão que o ligam à classe.

O Partido é forma suprema de organização de classe do proletariado.

Não quer isto dizer, naturalmente, que as organizações sem partido, os sindicatos, as cooperativas, etc., devam ficar formalmente subordinadas à direção do Partido. O que importa é que os membros do Partido, que integram essas organizações e nas quais exercem incontestável influência, tomem todas as medidas de persuasão, a fim de que as organizações sem partido se aproximem, no seu trabalho, do Partido do proletariado e aceitem de bom grado a sua direção política.

Por isso, disse Lênin que o Partido é "a forma suprema de união de classe dos proletários" e que a sua direção política deve estender-se a todas as outras formas de organização do proletariado.

Eis porque a teoria oportunista da "independência" e "neutralidade" das organizações sem partido, teoria que gera os parlamentares independentes e os jornalistas desligados do Partido, os funcionários sindicais de mentalidade estreita e os cooperativistas imbuídos de espírito pequeno-burguês é absolutamente incompatível com a teoria e com a prática do leninismo.

4. O Partido, Instrumento da Ditadura do Proletariado

O Partido é a forma suprema de organização do proletariado. O Partido é o fator essencial de direção no seio da classe dos proletários e entre as organizações desta classe. Mas disso não se depreende, de modo algum, que o Partido se possa considerar como um fim em si, como força que se baste a si mesma. O Partido não é apenas a forma suprema de união de classe dos proletários, é, ao mesmo tempo, um instrumento nas mãos do proletariado para a conquista da ditadura, quando esta ainda não foi conquistada, e para a consolidação e ampliação da ditadura, quando esta já foi conquistada. O Partido não teria podido adquirir importância tão grande, nem prevalecer sobre todas as outras formas de organização do proletariado, se o proletariado não tivesse diante de si o problema do Poder, se as condições existentes no período do imperialismo, a inevitabilidade das guerras, a existência da crise, não tivessem exigido a concentração de todas as forças do proletariado num só ponto, a convergência para um só ponto de todos os fios do movimento revolucionário, com o objetivo de derrubar a burguesia e conquistar a ditadura do proletariado. O Partido é necessário ao proletariado, antes de tudo, como Estado-Maior de combate, indispensável para a conquista vitoriosa do Poder. É supérfluo demonstrar que, sem um partido capaz de reunir em torno de si as organizações de massas do proletariado e de centralizar, no curso da luta, a direção do movimento em seu conjunto, o proletariado na Rússia não teria podido instaurar a sua ditadura revolucionária. Mas o Partido é necessário ao proletariado não somente para a conquista da ditadura; é ainda mais necessário para manter a ditadura, para consolidá-la e no interesse da vitória completa do socialismo.

"É certo — disse Lênin — que já agora quase todos veem que os bolcheviques não se teriam mantido no Poder, não digo por dois anos e meio, mas nem mesmo dois meses e meio, se não existisse uma disciplina severíssima, verdadeiramente férrea, no nosso Partido, se o Partido não tivesse tido o apoio total e cheio de abnegação de toda a massa da classe operária, isto é, de tudo o que ela tem de consciente, de honesto, de abnegado, de influente e capaz de arrastar ou de atrair as camadas atrasadas".

Mas, que significa "manter" e "estender" a ditadura? Significa infundir nas massas de milhões de proletários o espírito de disciplina e de organização; significa criar nas massas proletárias uma coesão, uma barreira contra as influências deletérias do caráter pequeno-burguês e dos hábitos pequeno-burgueses; significa reforçar o trabalho de organização dos proletários para a reeducação e a transformação das camadas pequeno-burguesas, significa ajudar as massas proletárias a se educarem a si mesmas como força capaz de suprimir as classes e de preparar as condições para a organização da produção socialista. Mas, não é possível realizar tudo isso sem um partido forte pela sua coesão e a sua disciplina.

"A ditadura do proletariado - disse Lênin — é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica, e administrativa, contra as forças e as tradições da velha sociedade. A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de homens é a mais terrível das forças. Sem um partido de ferro, temperado na luta sem um partido que desfrute da confiança de tudo quanto há de honesto na sua classe, sem um partido que saiba observar o estado de ânimo das massas e influenciá-lo, é impossível levar a efeito com êxito semelhante luta".

O Partido é necessário ao proletariado para conquistar e manter a ditadura. O Partido é o instrumento da ditadura do proletariado.

Daí se depreende que, com o desaparecimento das classes, com a extinção da ditadura do proletariado, deverá extinguir-se também o Partido.

5. O Partido, Unidade de Vontade, Incompatível com a Existência de Frações

A conquista e a manutenção da ditadura do proletariado não são possíveis sem um partido forte pela sua coesão e a sua disciplina de ferro. Mas não se concebe uma disciplina férrea no Partido sem unidade de vontade, sem uma completa e absoluta unidade de ação de todos os membros do Partido. Isto não significa, naturalmente, que desse modo se exclui a possibilidade de uma luta de opiniões no seio do Partido. Ao contrário, a disciplina férrea não exclui, mas pressupõe, a crítica e a luta de opiniões no seio do Partido. Com maior razão, não significa que a disciplina deva ser "cega". Ao contrário, a disciplina férrea não exclui, mas pressupõe, a subordinação consciente e voluntária, porque só uma disciplina consciente pode ser uma disciplina verdadeiramente férrea. Mas, uma vez terminada a luta de opiniões, esgotada a crítica, tomada uma decisão, a unidade de vontade e a unidade de ação de todos os membros do Partido são uma condição indispensável, sem a qual não se podem conceber nem um partido unido nem uma disciplina férrea no Partido.

"Na época atual de guerra civil aguda — disse Lênin — o Partido Comunista só poderá cumprir o seu dever se for organizado do modo mais centralizado, se no seu seio reinar uma disciplina férrea, confinante com a disciplina militar, e se o centro do Partido for um órgão de grande prestígio e autoridade, dotado de amplos poderes, que desfrute da confiança geral dos membros do Partido".

Assim está colocada a questão da disciplina do Partido nas condições da luta anterior à conquista da ditadura.

O mesmo se deve dizer, mas em grau ainda maior, da disciplina do Partido depois da conquista da ditadura.

"O que enfraquece, por pouco que seja — disse Lênin — a disciplina férrea do Partido do proletariado (sobretudo durante a ditadura do proletariado) ajuda na realidade a burguesia contra o proletariado."

Não se pode deixar de concluir que a existência de frações não é compatível nem com a unidade do Partido, nem com a disciplina férrea. Não é preciso demonstrar que a existência de frações leva à existência de diversos organismos centrais, que a existência desses organismos significa a inexistência de um centro comum a todo o Partido, a ruptura da vontade única, o relaxamento e a desagregação da disciplina, o enfraquecimento e a decomposição da ditadura. Naturalmente, os partidos da II Internacional, que lutam contra a ditadura do proletariado e não querem levar o proletariado ao Poder, podem permitir-se um liberalismo como o de dar liberdade às frações, porque eles na realidade não precisam de uma disciplina férrea. Mas os partidos da Internacional Comunista, que organizam o seu trabalho levando em consideração as tarefas da conquista e do fortalecimento da ditadura do proletariado, não podem aceitar nem "liberalismo" nem liberdade de frações.

O Partido é uma unidade de vontade que exclui todo fracionismo, toda divisão do poder no Partido.

Daí os esclarecimentos de Lênin sobre o "perigo do fracionismo, do ponto-de-vista da unidade do Partido e da realização da unidade de vontade da vanguarda do proletariado, como condição essencial do êxito da ditadura do proletariado", esclarecimentos fixados na resolução especial do X Congresso do nosso Partido, "Sobre a unidade do Partido."

Daí a exigência feita por Lênin sobre "a supressão completa de todo fracionismo" e "a dissolução imediata de todos os grupos, sem exceção, formados na base desta ou daquela plataforma", sob pena de "imediata e incondicional expulsão do Partido."

6. O Partido se Reforça Depurando-se dos Oportunistas

Fonte de fracionismo no Partido são os seus elementos oportunistas. O proletariado não é uma classe fechada dentro de si mesma. A ele afluem continuamente elementos proletarizados pelo desenvolvimento do capitalismo, de origem camponesa, pequeno-burguesa e intelectual. Ao mesmo tempo se desenvolve um processo de decomposição das camadas superiores do proletariado, compostas principalmente de funcionários sindicais e de parlamentares que a burguesia corrompe, servindo-se dos superlucros coloniais.

"Essa camada de operários aburguesados — dizia Lênin — essa "aristocracia operária", inteiramente pequeno-burguesa pelo seu gênero de vida, pelos seus vencimentos, por toda a sua concepção do mundo, é o apoio principal da II Internacional e hoje constitui o principal apoio social (não militar) da burguesia. Trata-se, com efeito, de verdadeiros agentes da burguesia no movimento operário, de lugares-tenentes operários da classe dos capitalistas, de verdadeiros veículos do reformismo e do chauvinismo."

Todos esses grupos pequeno-burgueses penetram de um modo ou de outro no Partido, nele introduzindo o espírito de vacilação e do oportunismo, o espírito da desagregação e da incerteza. São a fonte principal do fracionismo e da desagregação, a fonte da desorganização e da demolição do Partido por dentro. Fazer a guerra ao imperialismo tendo à retaguarda tais "aliados", significa ocupar posição de quem se acha entre dois fogos, alvejado pela frente e pela retaguarda. Por isso, a luta implacável contra esses elementos, a sua expulsão do Partido, é condição prévia do êxito da luta contra o imperialismo.

A teoria da "superação" dos elementos oportunistas mediante a luta ideológica no seio do Partido, a teoria da "liquidação" desses elementos no quadro de um só partido, é uma teoria podre e perigosa, que ameaça condenar o Partido à paralisia e a uma enfermidade crônica, que ameaça deixar o proletariado sem partido revolucionário, que ameaça privar o proletariado da arma principal na luta contra o imperialismo. O nosso Partido não teria

podido tomar o caminho justo, não teria conquistado o Poder e organizado a ditadura do proletariado, não teria saído vitorioso da guerra civil, se tivesse nas suas fileiras os Márto e os Dan, os Potressov e os Axelrod. Se o nosso Partido conseguiu criar uma unidade interna e uma coesão sem paralelo das suas fileiras, deve-se isto sobretudo ao fato de que soube livrar-se a tempo da podridão oportunista, soube expulsar do seu seio os liquidacionistas e os mencheviques. A via do desenvolvimento e da consolidação dos partidos proletários passa através da sua depuração dos elementos oportunistas e dos reformistas, dos social-imperialistas e dos social-chauvinistas, dos social-patriotas e dos social-pacifistas.

O Partido se reforça depurando-se dos elementos oportunistas.

"Tendo nas próprias fileiras os reformistas, os mencheviques — disse Lênin — não se pode fazer triunfar a revolução proletária, não se pode defendê-la. Isto é evidente do ponto-de-vista dos princípios. Isto foi confirmado luminosamente pela experiência da Rússia e da Hungria... Na Rússia, muitas vezes estivemos em situações difíceis, nas quais o regime soviético certamente teria sido derrubado, se os mencheviques, os reformistas, os democratas pequeno-burgueses tivessem ficado no nosso Partido... Na Itália, segundo a opinião geral, as coisas marcham para batalhas decisivas entre o proletariado e a burguesia, pela conquista do Poder do Estado. Em tal momento, não só é absolutamente indispensável afastar do Partido os mencheviques, os reformistas, os turatistas, mas pode ser mesmo útil afastar de todos os postos de responsabilidade aqueles que, embora excelentes comunistas, sejam suscetíveis de vacilações e manifestem inclinação para a «unidade» com os reformistas... Nas vésperas da revolução e nos momentos da luta mais encarniçada pela sua vitória, a mais leve hesitação no seio do Partido pode pender tudo, pode levar a revolução ao fracasso arrebatando o Poder das mãos do proletariado, porque este Poder ainda não está consolidado, porque as arremetidas contra ele ainda são demasiado fortes. Se, num momento como esse, os dirigentes vacilantes se afastam, isto não enfraquece, mas reforça o Partido, o movimento operário, a revolução".

Capítulo IX - O Estilo no Trabalho

Não se trata do estilo literário. Refiro-me ao estilo no trabalho, ao que há de específico e peculiar na prática do leninismo, que cria o tipo especial do militante leninista. O leninismo é uma escola teórica e prática, que forma um tipo especial de militante do Partido e do Estado, que cria um estilo especial de trabalho, um estilo leninista. Em que consistem os traços característicos deste estilo? Quais são as suas peculiaridades?

Estas peculiaridades são duas:

- a) o ímpeto revolucionário russo e
- b) o espírito prático americano.

O estilo do leninismo consiste na união destas duas peculiaridades no trabalho do Partido e do Estado.

O ímpeto revolucionário russo é um antídoto contra a inércia, contra o espírito rotineiro e conservador, contra a submissão servil às tradições seculares. O ímpeto revolucionário russo é uma força vivificante, que desperta o pensamento, que impulsiona, que destrói o passado, que dá uma perspectiva. Sem ele não é possível nenhum movimento para a frente. Mas o ímpeto revolucionário russo pode degenerar na prática em vazio manilovismo "revolucionário", se não se une, no trabalho, ao espírito prático americano. Abundam exemplos dessa degeneração. Quem não conhece a doença do arbítrio "revolucionário", da planomania "revolucionária", que têm origem na fé cega na força de um decreto, capaz de tudo organizar, de tudo transformar? Um escritor russo, I. Ehrenburg, descreve, no seu conto "*O homo comper*", ("O homem comunista perfeito"), o tipo de um "bolchevique" que, atacado dessa doença, se lança à tarefa de fazer o esquema do homem idealmente perfeito e... se "afoga" nesse "trabalho". O conto exagera muito, mas é indubitável que pinta bem a enfermidade. Parece-me, porém, que ninguém soube escarnecer dessa espécie de doença de modo tão cruel e implacável como Lênin. "Presunção comunista", assim qualificava Lênin essa fé mórbida nos projetos miraculosos e na decretomania.

"A presunção «comunista — disse Lênin — significa que um indivíduo, que se acha no Partido Comunista e ainda não foi expulso, imagina poder cumprir todas as tarefas a golpes de decretos comunistas".

À tagarelice "revolucionária", Lênin costumava opor coisas simples, cotidianas, sublinhando desse modo que o arbítrio "revolucionário" é contrário ao espírito e à letra do verdadeiro leninismo.

Menos frases pomposas — disse Lênin — mais trabalho concreto, cotidiano...

Menos estrépito político, maior atenção aos fatos mais simples, mais vivos... da edificação comunista...

O espírito prático americano é, ao contrário, o antídoto contra o manilovismo "revolucionário" e o arbítrio fantasista. O espírito prático americano é uma força indomável, que não conhece nem admite barreiras, que remove com a sua tenacidade prática toda espécie de obstáculos, que, uma vez iniciada uma obra, por menor que seja, não pode deixá-la sem acabar, uma força sem a qual é inconcebível um trabalho construtivo sério.

Mas o espírito prático americano tem todas as probabilidades de degenerar num utilitarismo mesquinho e sem princípios, se não se unir ao ímpeto revolucionário russo. Quem não conhece a enfermidade do praticismo mesquinho e do utilitarismo sem princípios que costuma levar certos, "bolcheviques" à degeneração e ao abandono da causa da revolução? Esta doença peculiar é descrita num conto de Pilniak, "A Fome", em que são representados tipos "bolcheviques" russos, cheios de vontade e de decisão prática, que "funcionam" de modo muito "enérgico", mas não têm perspectivas, ignoram "o porquê e o como" e em consequência se desviam do caminho do trabalho revolucionário. Ninguém escarneceu de modo mais causticante do que Lênin a doença do utilitarismo. "Praticismo mesquinho" e "utilitarismo estúpido", assim Lênin qualificava essa doença, à qual costumava opor a atividade revolucionária viva e a necessidade de uma perspectiva revolucionária em todos os aspectos do nosso trabalho cotidiano, sublinhando desse modo que o utilitarismo sem princípios é tão contrário ao verdadeiro leninismo quanto o arbítrio "revolucionário".

União do ímpeto revolucionário russo com o espírito prático americano: eis a essência do leninismo no trabalho do Partido e do Estado.

Somente essa união produz o tipo completo do militante leninista, o estilo do leninismo no trabalho.

Em Torno dos Problemas do Leninismo

Capítulo I - Definição de Leninismo

No folheto Sobre os Fundamentos do Leninismo, é apresentada a conhecida definição do leninismo que, pelo visto, obteve consagração geral. É a seguinte:

"O leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária, ou mais exatamente: o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral a teoria e a tática da ditadura do proletariado em particular".

Será exata esta definição?

Creio que sim. É exata, em primeiro lugar, porque indica com acerto as raízes históricas do leninismo, caracterizando-o como o marxismo da época do imperialismo, em oposição a alguns críticos de Lênin que, erradamente, entendem ter o leninismo surgido depois da guerra imperialista. Em segundo lugar, é exata, porque assinala acertadamente o caráter internacional do leninismo, em oposição à social-democracia, que pensa o leninismo só ser aplicável às condições nacionais da Rússia. Em terceiro lugar, é exata, porque mostra com fidelidade a ligação orgânica existente entre o leninismo e a doutrina de Marx, caracterizando o leninismo como sendo o marxismo da época do imperialismo em oposição a alguns críticos do marxismo, que não veem no leninismo um novo desenvolvimento do marxismo, mas apenas a restauração do marxismo e sua aplicação à realidade da Rússia.

Não cremos ser necessário nos determos a comentar essas opiniões.

No nosso Partido, entretanto, há, ao que parece, pessoas que consideram necessário definir o leninismo de modo um pouco diferente. Zinoviev, por exemplo, julga que...

"o leninismo é o marxismo da época das guerras imperialistas e da revolução mundial, que se iniciou de modo direto num país

onde predominam os camponeses".

Que significam as palavras sublinhadas por Zinoviev? Que significa introduzir na definição de leninismo o atraso da Rússia, seu caráter agrário?

Significa converter o leninismo de uma doutrina proletária internacional num produto da ordem de coisas especificamente russa.

Significa fazer o jogo, no gênero, de Bauer e Kautsky, que negam a possibilidade de se aplicar o leninismo a outros países mais desenvolvidos no sentido capitalista.

É indubitável que o problema agrário tem para a Rússia grande importância, pois que nosso país é um país de camponeses. Mas, que importância poderá encerrar este fato, para caracterizar os fundamentos do leninismo? O leninismo acaso se formou exclusivamente tendo como base a Rússia e para a Rússia e não tendo como base o imperialismo e para os países imperialistas em geral? As obras de Lênin, *"Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo"*, *"O Estado e a Revolução"*, *"A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky"*, *"Extremismo, Doença Infantil do Comunismo"*, etc., são livros importantes apenas para a Rússia e não para todos os países imperialistas em geral? Não é leninismo a síntese da experiência do movimento revolucionário de todos os países? Os fundamentos da teoria e da tática do leninismo não têm valor e não são obrigatórios para os partidos proletários de todos os países? Lênin não tinha razão quando dizia que "o bolchevismo pode servir de modelo de tática para todos"? Não teria Lênin razão quando falava da significação internacional do Poder Soviético e dos fundamentos da teoria e da tática bolchevique? Vejamos então, se são exatas as seguintes palavras de Lênin:

"Na Rússia, a ditadura do proletariado tem que se distinguir inevitavelmente por certas particularidades, em comparação com os países avançados, como consequência do enorme atraso e do caráter pequeno-burguês de nosso país. Mas as forças fundamentais — e as formas fundamentais da economia social — são, na Rússia, as mesmas que em qualquer outro país capitalista, motivo pelo qual as **particularidades citadas não se referem, de modo algum, ao essencial**".

E, se tudo isso é certo, pode ser considerada exata a definição do leninismo dada por Zinoviev?

Como confrontar esta definição nacionalmente limitada do leninismo com o internacionalismo?

Capítulo II - O Que é Fundamental no Leninismo

No folheto Sobre os Fundamentos do Leninismo, afirma-se:

"Pensam alguns que o fundamental no leninismo é o problema camponês, que o ponto de partida do leninismo é o problema dos camponeses, do seu papel, de sua importância. Isso é completamente falso. O problema fundamental do leninismo, seu ponto de partida, não é o problema agrário, mas o problema da ditadura do proletariado, das condições em que se a conquista e das condições em que se a consolida. O problema do campesinato, assim como o problema do aliado do proletariado na sua luta pelo Poder, é um problema derivado".

É exata esta tese?

Creio que sim. Esta tese é totalmente derivada da definição do leninismo. Se o leninismo é, com efeito, a teoria e a tática da revolução proletária e se o conteúdo básico da revolução proletária é a ditadura do proletariado, é evidente que o fundamental no leninismo está no problema da ditadura do proletariado na análise desse problema, na fundamentação e concretização desse problema.

Pelo que vimos, entretanto, Zinoviev não está do acordo com essa tese. No seu artigo "Em memória de Lênin", diz:

"O problema do papel dos camponeses é, como já disse, o problema fundamental do bolchevismo, do leninismo".

Assim, essa tese de Zinoviev deriva integralmente da falsa definição de leninismo por ele mesmo fornecida. Por esse motivo, essa tese é tão falsa como sua definição do leninismo.

É exata a tese de Lenine de que a ditadura do proletariado constitui o

"conteúdo básico da revolução proletária"?

Indiscutivelmente, é exata. É certa a tese de que o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária? Creio que sim. Que se conclui, então, de tudo isso? Conclui-se que o problema fundamental do leninismo, seu ponto de partida, sua base, é o problema da ditadura do proletariado.

Acaso não será certo que o problema do imperialismo, o problema do desenvolvimento por saltos do imperialismo, o problema da vitória do socialismo num só país, o problema do Estado do proletariado, o problema da forma soviética desse Estado, o problema do papel do Partido dentro do sistema da ditadura do proletariado, o problema dos meios para a construção do socialismo não foram todos esses problemas esclarecidos precisamente por Lenine? Acaso não será certo que são precisamente estes os problemas que constituem a base, o fundamento da ideia da ditadura do proletariado? Acaso, não será certo que, sem analisar esses problemas fundamentais, seria inconcebível a análise do problema do campesinato do ponto de vista da ditadura do proletariado?

Lenine era, de fato, grande conhecedor do problema do campesinato. Na verdade, o problema do camponês, o problema do aliado do proletariado, tem grande importância para o proletariado e é parte integrante do problema fundamental da ditadura do proletariado. Mas, se o leninismo não tivesse apresentado o problema fundamental da ditadura do proletariado, por acaso teria surgido um novo problema dele derivado, o problema do aliado do proletariado, o problema dos camponeses? Não será, acaso, evidente que, frente ao leninismo, se não se tivesse colocado o problema prático da conquista do Poder pelo proletariado, não teria tampouco surgido o problema da aliança com os camponeses?

Lenine não seria o maior ideólogo do proletariado, como indiscutivelmente o é, mas, apenas um simples "filosofo camponês", como frequentemente o pintam os filisteus literários do estrangeiro, se tivesse analisado o problema camponês, não na base da teoria e da tática da ditadura do proletariado, mas se afastado dessa base, ficando à margem dela.

Duas questões, portanto, se colocam uma em face da outra:

- ou o problema do campesinato é fundamental no leninismo e, então, o leninismo não serve, não é obrigatório para os países desenvolvidos do ponto de vista capitalista, para os países que não são agrários;
- ou o fundamental, no leninismo, é a ditadura do proletariado e, então, o leninismo é a teoria internacional dos proletários de todos os

países e serve e é obrigatório para todos os países sem exceção, incluindo os países desenvolvidos do ponto de vista capitalista.

Deve-se optar por uma ou outra das duas soluções.

Capítulo III - O Problema da Revolução "Permanente"

No folheto Sobre os Fundamentos do Leninismo, considera-se a "teoria da revolução permanente" como uma "teoria" que subestima o papel dos camponeses. Eis o que está nesse folheto:

"A luta de Lenine contra os partidários da revolução "permanente" não girava em torno do problema da continuidade da revolução, pois o próprio Lenine sustentava o ponto de vista da revolução ininterrupta, mas em torno do fato de que aqueles partidários menosprezavam o papel dos camponeses, que formam a reserva mais importante do proletariado".

Até estes últimos tempos, gozava de aceitação geral esta caracterização dos "permanentistas" russos. Embora seja certa, entretanto, de modo geral, não pode essa caracterização ser considerada como completa. A discussão de 1924, de um lado, e o estudo minucioso das obras de Lenine, de outro, demonstraram que o erro dos "permanentistas" russos não consistia apenas em menosprezar o papel dos camponeses, mas também em subestimar a força e a capacidade do proletariado para arrastar atrás de si os camponeses, ou, seja, na falta de confiança na ideia da hegemonia do proletariado.

Por isso, em meu folheto "A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos" (dezembro de 1924), ampliei esta caracterização e substituí-a por outra mais completa. Eis o que diz esse folheto a respeito dos "permanentistas".

"Até agora, costumava-se assinalar somente uma face da teoria da "revolução permanente": a falta de confiança nas possibilidades revolucionárias do movimento camponês. Agora, para se fazer justiça, deve-se completar essa face com a outra: a falta de confiança nas forças e na capacidade do proletariado da Rússia".

Isto não significa, naturalmente, que o leninismo tenha estado ou seja contrário à ideia da revolução permanente, sem aspas, como foi proclamada por Marx, na década dos 40 do século passado. Lenine, ao contrário, foi o único marxista que soube compreender e desenvolver de modo acertado a

ideia da revolução permanente. A diferença entre Lenine e os "permanentistas", nesta questão, consiste em que os "permanentistas" falseavam a ideia da revolução permanente de Marx, convertendo-a em sabedoria inerte, livresca, enquanto que Lenine a tomou em sua forma pura e a converteu num dos fundamentos de sua teoria da revolução. Convém recordar que a ideia da transformação da revolução democrático-burguesa em socialista, que Lenine já esboçara em 1905, é uma das formas por que aparece a teoria marxista da revolução permanente. Eis o que Lenine escrevia, já em 1905, sobre esse assunto:

"Da revolução democrática começaremos a passar, imediatamente, e de acordo com a medida de nossas forças, das forças do proletariado consciente e organizado para a revolução socialista. Nós somos partidários da revolução ininterrupta. Não haveremos de parar na metade do caminho...

"Sem cair no aventureirismo, sem trair nossa consciência científica sem pretender a popularidade barata, podemos afirmar, e de fato afirmamos uma coisa somente: ajudaremos, com todas as nossas forças, a todos os camponeses, a fazer a revolução democrática, para que, a nós, o partido do proletariado, seja mais fácil passarmos, o mais depressa possível, a enfrentar a tarefa nova e superior — a revolução socialista".

Eis o que escreve Lenine, a propósito desse assunto, 16 anos mais tarde, depois da conquista do poder pelo proletariado:

"Os Kautsky, os Hilferding, os Martov, os Chemov, os Hillquit, os Longuet, os MacDonald, os Turati, e os demais heróis do marxismo da "Internacional II e meia" não souberam compreender... a correlação entre a revolução democrático-burguesa e a revolução socialista proletária. A primeira transforma-se na segunda. A segunda resolve, no seu desenvolvimento, os problemas da primeira. A segunda consolida a obra da primeira. A luta, somente a luta, determina até que ponto a segunda consegue superar a primeira".

Chamo especialmente a atenção para a primeira citação extraída do artigo de Lenine, "A Atitude da Social Democracia Frente ao Movimento Camponês", publicado em 1.º de setembro de 1905. Lembro isso para

conhecimento dos que continuam afirmando Lenine não ter concebido a ideia da transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista, a ideia da revolução permanente, a não ser depois de começada a guerra imperialista, aproximadamente no ano de 1916. Esta citação não deixa lugar a duvidas a respeito do equivoco profundo em que incorre essa gente.

Capítulo IV - A Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado

Em que consistem os traços característicos da revolução proletária, que a distinguem da revolução burguesa?

A diferença entre a revolução proletária e a revolução burguesa poderia resumir-se em cinco pontos fundamentais:

1. A revolução burguesa começa geralmente pela existência de formas mais ou menos delineadas do sistema capitalista, formas que surgem e amadurecem no seio da sociedade feudal mesmo antes de estalar a revolução, enquanto que a revolução proletária começa com a ausência total ou quase total de formas definidas do sistema socialista.

2. A missão fundamental da revolução, burguesa consiste em tomar o poder e ajustá-lo à economia burguesa existente, enquanto que a missão fundamental da revolução proletária consiste em construir, uma vez tomado o poder, uma economia nova, socialista.

3. A revolução burguesa termina, geralmente, com a tomada do poder, enquanto que, para a revolução proletária, a tomada do poder não é senão o começo, além de que, nesse caso, o poder é utilizado como alavanca para transformação da velha economia e a organização da nova.

4. A revolução burguesa limita-se a substituir, no poder, um grupo de exploradores por outro grupo de exploradores, razão por que não precisa destruir a velha máquina do Estado, enquanto que a revolução proletária expulsa do poder todos os grupos exploradores e coloca em seu lugar o chefe de todos os trabalhadores e explorados, a classe dos proletários, razão pela qual não pode deixar de destruir a velha máquina do Estado e de substituí-la por outra nova.

5. A revolução burguesa não pode agrupar em torno à burguesia, por um período mais ou menos longo, os milhões de homens das massas trabalhadoras e exploradas, precisamente porque se trata de trabalhadores explorados, enquanto que a revolução proletária pode e deve unir ao proletariado esses milhões de homens numa aliança

duradoura, justamente por se tratar de massas trabalhadoras e exploradas, se é que a revolução proletária deseja cumprir sua missão fundamental de consolidar o poder do proletariado e de construir a economia nova, socialista.

Vejamos algumas teses essenciais de Lenine a esse respeito:

"Uma das diferenças fundamentais entre a revolução burguesa e a revolução socialista está em que, para a revolução burguesa, que brota do feudalismo, vão se criando, gradativamente, no seio de velho regime, novas organizações econômicas, que modificam, pouco a pouco, todos os aspectos da sociedade feudal. A revolução burguesa tinha uma única missão: varrer, destruir, romper todos os laços da sociedade anterior. Ao cumprir essa missão, toda a revolução burguesa cumpre tudo o que dela se exige: intensifica o desenvolvimento do capitalismo. Completamente diferente é a situação em que se coloca a revolução socialista. Quanto mais atrasado seja o país, que, devido aos ziguezagues da história, teve que começar a revolução socialista, mais difícil se torna para ele, passar das velhas relações do capitalismo para as do socialismo. Nesse caso, às tarefas destrutivas acrescentam-se outras, novas, de dificuldade inaudita: as tarefas de organização".

"Se a iniciativa criadora popular da revolução russa, que passou pela grande experiência em 1905, não tivesse criado os Soviets logo em fevereiro de 1917, estes não poderiam, de modo algum, tomar o poder em outubro, pois o êxito dependia somente da existência de formas de organização já preparadas, para um movimento que atingia a milhões de homens. Essas formas previamente dispostas foram os Soviets, e por isso, podíamos contar, no terreno político, com tão brilhantes êxitos e com uma marcha triunfal tão grandiosa como a que percorremos, pois a nova forma do poder político estava já criada e só nos restava transformar, por meio de alguns decretos, o Poder dos Soviets, daquele estado embrionário em que se encontrava durante os primeiros meses da revolução, na forma legalmente reconhecida e aceita no Estado Russo: a República Soviética da Rússia".

"Restavam ainda duas tarefas de dificuldade gigantesca, cuja solução não podia ser, de modo algum, aquele caminho triunfal pelo qual avançou nos primeiros meses a nossa Revolução".

"Em primeiro lugar, eram estas as tarefas de organização interna, que se apresentam a toda revolução socialista. A diferença entre a revolução socialista e a burguesa reside, precisamente, no fato de que, nesta última, existem formas definidas de relações capitalistas, enquanto que o Poder Soviético, proletário, não encontra, ao organizar-se, estas relações plasmadas, desde que prescindia das formas mais desenvolvidas do capitalismo que, no fundo, atingiam somente as pequenas camadas superiores da indústria e afetavam muito pouco a agricultura. A organização da contabilidade, o controle sobre as empresas mais importantes, a transformação de todo o mecanismo econômico do Estado numa só máquina gigantesca, num organismo econômico funcionando de tal modo que centenas de milhões de pessoas se governem por um só plano: essa é a gigantesca tarefa de organização que caiu sobre nossos ombros. Sob as atuais condições do trabalho, esta tarefa não admitia, de modo algum, solução de audácia, da maneira como conseguimos resolver os problemas da guerra civil".

"A segunda das gigantesca dificuldades... era a questão internacional. Se pudemos acabar, tão facilmente, com os bandos de Kerenski se instauramos, com tanta facilidade, o poder em nosso país; se conseguimos, sem a menor dificuldade, os decretos sobre a nacionalização da terra, sob o controle operário; se conseguimos, tão facilmente tudo isto, foi devido exclusivamente ao fato das condições favoráveis criadas durante breve espaço de tempo nos haverem protegido contra o imperialismo internacional. O imperialismo internacional, com toda a força de seu capital, com sua técnica militar organizadíssima, que representa a verdadeira força, a verdadeira fortaleza do capital internacional, não podia, de modo algum, sob nenhuma espécie de condições, existir ao lado da União Soviética, tanto por sua situação objetiva, como pelos interesses econômicos de classe, capitalistas, que nele tomavam corpo; não podia, em virtude dos vínculos comerciais, das relações financeiras internacionais, existir ao mesmo tempo que os Soviets.

Aqui o conflito é inevitável. Nisso reside a maior dificuldade da revolução russa, o seu problema histórico mais sério: a necessidade de resolver os problemas internacionais, a necessidade de provocar a revolução internacional".

Esse ó o caráter interior e o sentido fundamental da revolução proletária.

Pode-se, acaso, realizar uma reconstrução tão radical, a partir da velha ordem burguesa, sem uma revolução violenta, sem a ditadura do proletariado?

Evidentemente, não. Acreditar que semelhante revolução pode ser levada a cabo pacificamente, sem ultrapassar os quadros da democracia burguesa, adaptada à dominação da burguesia, significa que, quem nisso acredita, enlouqueceu e perdeu o senso comum ou está renegando cínica e abertamente a revolução proletária.

Deve-se destacar esta tese com tanto mais força e tão categoricamente, por se tratar de uma revolução proletária que, até agora, só triunfou num país, cercado de países capitalistas inimigos, cuja burguesia não pode deixar de ser apoiada pelo capital internacional.

É por isso que Lenine diz que:

"a libertação da classe oprimida é impossível, não só sem uma revolução violenta, como também sem a destruição do aparelho do poder estatal criado pela classe dominante".

"Que, antes, — mantendo-se ainda a propriedade privada, isto é, o poder e o jugo do capital — a maioria da população se pronuncie a favor do partido do proletariado; só então poderá e deverá este tomar o poder, dizem os democratas pequeno-burgueses, de fato lacaios da burguesia e que se chamam "socialistas".

"Que, antes, o proletariado revolucionário derrube a burguesia, acabe com a opressão do capital, destrua o aparelho do Estado burguês; só então poderá o proletariado vitorioso ganhar rapidamente as simpatias e o apoio da maioria das massas trabalhadoras não proletárias, satisfazendo as aspirações destas à custa dos exploradores, é o que dizemos nós.

"A fim de atrair para seu lado a maioria da população, o proletariado necessita derrubar, primeiro, a burguesia, e apossar-se do Poder do Estado; em segundo lugar, é preciso implantar o Poder Soviético, desprezando o velho aparelho estatal, com o que se destrói imediatamente a dominação, a autoridade, a influência da burguesia e dos conciliadores pequeno-burgueses entre as massas trabalhadoras não proletárias. Em terceiro lugar, deve-se acabar radicalmente com a influência da burguesia e dos conciliadores pequeno-burgueses entre a maioria das massas trabalhadoras não proletárias, satisfazendo revolucionariamente as necessidades econômicas dessas massas às custas dos exploradores".

Eis aí os traços característicos da revolução proletária.

Quais são, em relação a isso, os traços fundamentais da ditadura do proletariado, se se reconhece que a ditadura do proletariado forma o conteúdo fundamental da revolução proletária?

Eis a definição mais geral da ditadura do proletariado fornecida por Lenine:

"A ditadura do proletariado não é o termo da luta de classes, mas a continuação desta sob novas formas. A ditadura do proletariado é a luta de classes do proletariado, que triunfou e tomou em suas mãos o poder político contra a burguesia vencida, mas não aniquilada, não desaparecida, e que não deixou de opor resistência, enfim, contra a burguesia, cuja resistência se reforçou".

Desfazendo a confusão entre a ditadura do procriado e o poder "de todo o povo", poder eleito "por sufrágio universal", poder que "não é de classe", diz Lenine:

"A classe, que tomou em suas mãos a dominação política, tomou-a na certeza de ser ela unicamente quem tem a seu cargo essa dominação. Isso é o que encerra o conceito da ditadura do proletariado. Esse conceito só tem sentido quando uma classe sabe que é ela apenas quem toma em suas mãos o poder político e não engana a si mesma nem engana os demais com palavreado sobre o poder "de todo o povo", poder "eleito por sufrágio universal", consagrado por todo o povo".

Isto, entretanto, não significa que o poder de uma só classe, a classe dos proletários, que esta não divide nem pode compartilhar com outras classes, não precisa, para alcançar seus objetivos, do auxílio, aliança das massas trabalhadoras e exploradas de outras classes. Do contrario, esse poder, o poder de uma só classe, só se pode garantir e levar à prática até o fim, mediante uma forma especial de aliança entre a classe dos proletários e as massas trabalhadoras classes pequeno-burguesas, começando pelas massas trabalhadoras do campo.

Qual é esta forma especial de aliança e em consiste? Esta aliança com as massas trabalhadas de outras classes não proletárias não está, em geral em luta com a idéia da ditadura de uma só classe?

Esta forma especial de aliança consiste em que a força dirigente da aliança é o proletariado. Esta forma especial de aliança consiste em que o dirigente do Estado, o dirigente, no sistema da ditadura do proletariado, é um só Partido, o partido do proletariado, o Partido Comunista, que não compartilha nem pode compartilhar a direção com os demais partidos.

Como se vê, a contradição é apenas aparente.

"A ditadura do proletariado é uma forma especial de aliança de classe entre o proletariado, vanguarda dos trabalhadores, e as numerosas camadas trabalhadoras não proletárias (pequena burguesia, pequenos patrões, camponeses, intelectuais, etc.) ou com a maioria delas, aliança dirigida contra o capital, aliança que se propõe derrubar completamente o capital e esmagar completamente a resistência da burguesia e de suas tentativas de restauração, aliança que tem como fim criar e consolidar definitivamente o socialismo. Esta é uma aliança de tipo especial, que se forma sob condições especiais, ou, seja, sob as condições de uma furiosa guerra civil, a aliança dos partidários firmes do socialismo com seus aliados vacilantes e, às vezes, "neutros" (neste caso, o pacto de luta converte-se em pacto de neutralidade), aliança entre classes diferentes do ponto de vista econômico, político, social e espiritual".

Num dos seus informes, Kamenev, criticando este modo de encarar a ditadura do proletariado, diz:

"A ditadura não é a aliança de uma classe com outra".

Creio que Kamenev se refere aqui, antes de mais nada, a uma passagem do meu folheto A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos, onde se lê:

"A ditadura do proletariado não é uma simples cúpula governamental "habilmente selecionada" pela mão destra de um "estrategista competente" e que "se apoia inteligentemente" em tais ou quais camaradas da população. A ditadura do proletariado é a aliança de classe entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campo para derrubar o capital e para o triunfo final do socialismo, sempre e desde que o proletariado seja a força dirigente dessa aliança".

Sustento em sua totalidade essa formulação da ditadura do proletariado, pois entendo que coincide integral e plenamente com a formulação de Lenine, que acabo de citar.

Afirmo que a declaração de Kamenev de que "a ditadura não é a aliança de uma classe com outra", feita de forma tão categórica, nada tem a ver com a teoria leninista da ditadura do proletariado.

Afirmo que, deste modo, só podem falar os que não tenham compreendido o sentido da ideia da aliança entre o proletariado e os camponeses, da ideia da hegemonia do proletariado dentro dessa aliança.

Unicamente podem falar assim os que não compreenderam a tese leninista de que...

"só o acordo com os camponeses pode salvar a revolução socialista na Rússia, desde que não rebente a revolução noutros países".

Unicamente podem falar assim os que não compreenderam a tese de Lenine, de que...

"o princípio supremo da ditadura é manter a aliança entre o proletariado e os camponeses, para que o proletariado possa conservar o papel diligente e o poder estatal".

Assinalando um dos objetivos mais importantes da ditadura, o de esmagar os exploradores, diz Lenine:

"Cientificamente, ditadura não significa senão o poder ilimitado, não restringido por nenhuma lei, absolutamente por nenhuma norma, um poder que se apoia diretamente na violência"...
"Ditadura significa — tendo-se em conta de uma vez por todas, senhores kadetes! — um poder ilimitado que se apoia na força e não na lei. Durante a guerra civil, o poder vitorioso, seja qual for, só pode ser ditatorial".

Mas, naturalmente, a ditadura do proletariado não se reduz somente à violência, ainda que, sem violência não possa haver ditadura.

"Ditadura — diz Lenine — não significa somente violência, ainda que não seja possível sem violência: significa também organização do trabalho, organização superior à precedente".

"A ditadura do proletariado... não é somente o exercício da violência contra os exploradores, nem sequer é principalmente violência. A base econômica dessa violência revolucionária, a garantia de sua vitalidade e de seu êxito, está em que o proletariado representa, e põe em prática, um tipo mais elevado de organização social do trabalho que o do capitalismo. Nisso reside a sua essência. Nisso reside a fonte da força e da garantia do triunfo completo e inevitável do comunismo". "Sua essência fundamental] (isto é, a da ditadura, J. Stálin) está na organização e na disciplina do destacamento de primeira linha dos trabalhadores, de sua vanguarda, de seu único dirigente; o proletariado. Seu objetivo é construir o socialismo, suprimir a divisão da sociedade em classes, converter todos os membros da sociedade em trabalhadores, destruir a base sobre a qual descansa toda a exploração do homem pelo homem. Este objetivo não pode ser alcançado de uma vez; isto exige um período de transição bastante longo do capitalismo ao socialismo, seja porque é empresa difícil reorganizar a produção seja porque é necessário muito tempo para implantar mudanças radicais em todos os domínios da vida, seja também porque a enorme força do costume que é o manejo da economia de modo pequeno-burguês só pode ser superada por meio de uma luta tenaz e ampla. É precisamente por isto que Marx fala de todo um período de ditadura do proletariado como sendo um período de transição do capitalismo ao socialismo".

Estes são os traços característicos da ditadura do proletariado.

Donde se conclui serem estes os três aspectos fundamentais da ditadura do proletariado:

1. Utilização do poder do proletariado para esmagar os exploradores, para a defesa do país, para consolidar as relações com os proletários de outros países, para o desenvolvimento e a vitória da revolução proletária em todos os países.

2. Utilização do poder do proletariado para desligar definitivamente, da burguesia, as massas trabalhadoras e exploradas, para consolidar a aliança entre o proletariado e estas massas, para fazer com que estas massas participem na obra de construção socialista, para a direção estatal destas massas pelo proletariado.

3. Utilização do poder do proletariado para organizar o socialismo, para suprimir as classes, para alcançar a sociedade sem classes, a Sociedade sem Estado.

A ditadura do proletariado é a soma destes três aspectos.

Nem um só destes três aspectos pode Ser considerado como o único traço característico da ditadura do proletariado. Basta, pelo contrario, que falte um deles, mesmo que seja um apenas, para que a ditadura do Proletariado deixe de ser ditadura, dentro das condições do cerco capitalista. Por isso, não se pode eliminar nenhum destes três aspectos sem se correr o perigo de contradizer a ideia da ditadura do proletariado. Somente os três aspectos em conjunto é que dão ideia completa e acabada da ditadura do proletariado.

A ditadura do proletariado tem seus períodos, suas formas especiais, seus diversos métodos de trabalho. Durante o período da guerra civil, o que salta a nossos olhos é, sobretudo, o aspecto da violência da ditadura. Mas disso não se depreende, de modo algum, que, durante o período da guerra civil, não se leve a cabo nenhum trabalho construtivo. Sem trabalho construtivo é impossível sustentar a guerra civil. Pelo contrário, durante o período da construção do socialismo, ressalta sobretudo o trabalho pacífico, organizador e cultural da ditadura, a legalidade revolucionária, etc. Mas daí não se conclui, também, do mesmo modo, que o aspecto de violência da ditadura tenha desaparecido ou possa desaparecer durante o período da construção. Os órgãos de repressão, o exército e outras organizações, continuam sendo necessários agora, no período da construção, da mesma

maneira que na guerra civil. Sem esses órgãos, a ditadura não poderia realizar trabalho construtivo mais ou menos garantido. Não se deve esquecer que, por enquanto a revolução não triunfou senão num só país. Não se deve esquecer que, enquanto existir o cerco capitalista, o perigo de intervenção, com todas as consequências derivadas do mesmo, continuará existindo.

Capítulo V - O Partido e a Classe Operária Dentro do Sistema da Ditadura do Proletariado

Falei mais atrás da ditadura do proletariado do ponto de vista de seu caráter historicamente inevitável, do ponto de vista de seu conteúdo de classe, do ponto de vista de seu caráter como Estado, e, finalmente, do ponto de vista de seus objetivos destrutivos e criadores, objetivos que se realizam no decorrer de todo um período histórico, que é o período de transição do capitalismo ao socialismo.

Vamos falar, agora, da ditadura do proletariado do ponto de vista de sua estrutura, do ponto de vista de seu "mecanismo", do ponto de vista do papel e do significado "correias de transmissão", "alavancas" e "força orientadora", as quais, em seu conjunto, formam o "sistema da ditadura do proletariado" (Lenine) e por meio das quais se leva a cabo a tarefa diária da ditadura do proletariado.

Quais são estas "correias de transmissão" ou "alavancas" dentro do sistema da ditadura do proletariado? Qual é essa "força orientadora"? Para que fins são necessárias?

As alavancas ou correias de transmissão são aquelas organizações de massa do proletariado sem cujo auxílio é impossível pôr em prática a ditadura.

A força orientadora é o destacamento de primeira linha do proletariado, sua vanguarda, que constitui a força dirigente e fundamental da ditadura do proletariado.

Estas correias de transmissão, alavancas e força orientadora são necessárias para o proletariado porque, sem elas, este se encontraria, em sua luta pela vitória, na situação de um exército sem armas frente ao capital organizado e armado. Estas organizações são necessárias para o proletariado, porque, sem elas, ele sofreria uma derrota irremediável em sua luta pela derrubada da burguesia, na luta pela consolidação de seu poder, na luta pela construção do socialismo. O auxílio sistemático destas organizações e a força orientadora da vanguarda são necessárias, porque,

sem estas condições, é impossível uma ditadura do proletariado mais ou menos estável e sólida.

Quais são estas organizações?

São, em primeiro lugar, os sindicatos operários com suas ramificações no centro e na base, sob a forma de toda uma serie de organizações de produção, de cultura, de educação, etc. Estas organizações unificam todos os operários de todos os ofícios. Não se trata de uma organização de partido. Pode-se dizer que os sindicatos são a organização geral da classe operária dominante em nosso país. Os sindicatos são a escola do comunismo. Destacam-se de seu seio os melhores homens para o trabalho dirigente em todos os ramos da administração. Servem de ligação entre os elementos mais avançados e os mais atrasados dentro da classe operária. Unem as massas operárias com a vanguarda da classe operária.

São, em segundo lugar, os Soviets, com suas numerosas ramificações no centro e na base, sob a forma de organizações administrativas, econômicas, militares e culturais, além das demais organizações do Estado, ligadas a inumerável quantidade de associações de massas de trabalhadores surgidas espontaneamente e que envolvem essas organizações, unindo-as à população. Os Soviets são uma organização de massas de todos os trabalhadores da cidade e do campo. Não são uma organização de partido. Os Soviets são a expressão direta da ditadura do proletariado. Através dos Soviets passam todas e cada uma das medidas de consolidação da ditadura e da construção do socialismo. Por meio dos Soviets, leva-se a cabo a direção estatal dos camponeses pelo proletariado. Os Soviets unem os milhões e milhões de trabalhadores com a vanguarda do proletariado.

São, em terceiro lugar, todos os tipos de cooperativas, com todas as suas ramificações. A cooperativa é uma organização de massas dos trabalhadores, uma organização sem partido, que unifica os trabalhadores, antes de mais nada, como consumidores e, no decorrer do tempo, também como produtores (nas cooperativas agrícolas). Esta organização adquire importância especial depois da consolidação da ditadura do proletariado, durante o período da construção em grande escala. Facilita o contacto da vanguarda do proletariado com as massas camponesas e fornece a possibilidade de arrastar essas massas para os canais da edificação socialista.

Em quarto lugar, temos a União das Juventudes. É esta uma organização de massas da juventude operária e camponesa, organização que não pertence ao Partido, mas lhe dá apoio. Sua missão é ajudar o Partido a educar a nova geração no espírito do socialismo. Fornece reservas novas às demais organizações de massas do proletariado, em todos os ramos da administração. A União das Juventudes adquiriu importância especial depois da consolidação da ditadura do proletariado, durante o período de realização do vasto trabalho cultural e educativo do proletariado.

Por último, é o Partido do proletariado, sua vanguarda. A força do Partido consiste em absorver os melhores homens do proletariado, saídos de todas as suas organizações de massas. Sua missão consiste em unificar o trabalho de todas as organizações de massas do proletariado, sem exceção, e encaminhar suas atividades para um só objetivo: a libertação do proletariado. E isto, unificar e encaminhar seus atos na direção de um só objetivo, é absolutamente necessário, pois, sem isso, é impossível a unidade de luta do proletariado, sem isso, é impossível dirigir as massas proletárias na sua luta pelo poder, na sua luta pela construção do socialismo. Mas só a vanguarda do proletariado, o seu Partido, é capaz de unificar e encaminhar o trabalho das organizações de massas do proletariado. Só o Partido do proletariado, só Partido dos comunistas é capaz de desempenhar este papel de dirigente principal dentro do sistema da ditadura do proletariado.

Por que?

"Primeiro, porque o Partido é o ponto no qual se concentram os melhores elementos da classe operária, mantém vinculos diretos com as organizações sem partido do proletariado e, com frequência, as dirige; segundo, porque o Partido, como um ponto no qual se concentram os melhores elementos da classe operária, é a melhor escola para a formação dos chefes da classe, operária, capazes de dirigir todas as formas de organização de sua classe; terceiro, porque o Partido, como a melhor escola para a formação dos chefes da classe operária, é, por sua experiência e autoridade, a única organização capaz de centralizar a direção da luta do proletariado, convertendo assim todas e cada uma das organizações sem partido da classe operária em órgãos auxiliares e em correias de transmissão que unem o Partido à classe".

O Partido é a força dirigente fundamental dentro do sistema da ditadura do proletariado.

"O Partido é a forma superior da unificação de classe do proletariado".

Resumindo: os sindicatos, como organização de massas do proletariado, que vinculam o Partido à classe operária, principalmente no que se refere à produção, os Soviets, como organização de massas dos trabalhadores, que vinculam o Partido a estes, principalmente no sentido do Estado; as cooperativas, como organização de massas, principalmente dos camponeses, que vinculam o Partido às massas camponesas, principalmente no sentido econômico, no sentido de atrair os camponeses para a edificação socialista; a União das Juventudes, com organização de massas da juventude operária e camponesa, chamada a facilitar à vanguarda do proletariado a educação socialista da nova geração e a formação de reservas juvenis; e, finalmente, o Partido, como força fundamental, orientadora, dentro do sistema da ditadura do proletariado, chamada a dirigir todas essas organizações de massas. Tal é, em traços gerais, o quadro do "mecanismo" da ditadura, o quadro do "sistema da ditadura do proletariado".

Sem o Partido, como força dirigente fundamental, não pode haver ditadura do proletariado mais ou menos estável e sólida.

Desse modo, para usar as palavras de Lenine,

"obteremos, em conjunto, um aparelho proletário, formalmente não comunista, flexível e relativamente amplo, potentíssimo, por meio do qual o Partido estará estreitamente ligado à classe e à massa e por meio do qual se conseguirá a ditadura de classe sob a direção do Partido".

Isso, naturalmente, não significa que o Partido possa ou deva substituir os sindicatos, os Soviets e as demais organizações de massas. O Partido realiza a ditadura do proletariado, não o fazendo, porém, diretamente, mas sim com o auxílio dos sindicatos, por meio dos Soviets e de suas ramificações. Sem essas "correias de transmissão", seria impossível uma ditadura mais ou menos sólida.

"Não é possível — diz Lenine — levar a ditadura *er seu fermo* sem que haja algumas "correias de transmissão" entre a vanguarda

e a massa da classe avançada, entre essa e a massa dos trabalhadores... "O Partido absorve, por assim dizer, a vanguarda do proletariado, e esta vanguarda leva a seu termo a ditadura do proletariado. E, sem uma base como a dos sindicatos, não se pode chegar à ditadura, não se pode cumprir as funções do Estado. Estas têm que se realizar por meio de uma série de instituições especiais também de tipo novo, e concretamente por meio do aparelho soviético".

Em nosso país, a União Soviética, no país da ditadura do proletariado, deve-se, por exemplo, considerar como expressão superior do papel dirigente do Partido o fato de que não haja uma só questão importante de política ou de organização que as organizações soviéticas ou as outras organizações de massas de nosso país resolvam sem as indicações orientadoras do Partido. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a ditadura do proletariado é, substancialmente, a "ditadura" de sua vanguarda, a "ditadura" de seu Partido, com força fundamental dirigente do proletariado. Eis o que Lenine dizia, a respeito, no II Congresso da Internacional Comunista:

"Tanner diz ser partidário da ditadura do proletariado, mas não imaginar a ditadura do proletariado como nós a imaginamos. Diz que entendemos a ditadura do proletariado, substancialmente, como sendo a ditadura de sua minoria organizada e consciente. Na época do capitalismo, com efeito, quando as massas operárias se encontram submetidas a uma exploração permanente e não podem desenvolver suas faculdades humanas, o que mais caracteriza os partidos políticos operários é precisamente o fato de só poderem abranger uma minoria de sua classe. Um partido político só pode unificar a minoria da classe, do mesmo modo que os operários realmente conscientes de toda a sociedade capitalista formam apenas uma minoria dentro da totalidade dos operários. Isto obriga-nos a reconhecer que só essa minoria consciente pode dirigir as grandes massas operárias e levá-las consigo, E, se o camarada Tanner diz que é inimigo dos partidos, mas, ao mesmo tempo, advoga que a minoria dos operários, mais organizados e mais revolucionários, deve apontar o caminho a todo o proletariado, então posso dizer que, na realidade, não há diferença entre nós".

Mas significa isso que se pode traçar entre a ditadura do proletariado e o papel dirigente do Partido ("ditadura" do Partido) um sinal de igualdade, isto é, que se pode identificar a primeira com o segundo, que se pode substituir a primeira pelo segundo? Naturalmente que não! Naturalmente que não se pode fazer isso! Sorin, por exemplo, diz que

"a ditadura do proletariado é a ditadura do nosso Partido".

Como vedes, esta tese identifica a "ditadura do Partido" com a ditadura do proletariado. Pode-se considerar exata esta identificação sem sair do terreno do leninismo? Não, não se pode. E eis porque não se pode:

Primeiro — No trecho atrás citado, de seu discurso, no II Congresso da Internacional Comunista, Lenine não identifica de modo algum o papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado. Diz unicamente que

"só a minoria consciente (isto é, o Partido, J. Stalin) pode dirigir as grandes massas operárias e levá-las consigo" e, nesse sentido, precisamente, "por ditadura do proletariado entendemos, substancialmente, a ditadura de sua minoria organizada e consciente".

Dizer "substancialmente" não quer dizer "integralmente". Dizemos, com frequência, que o problema nacional é, substancialmente, um problema camponês. E isto é bastante exato. Mas isso não significa que o problema nacional se limita ao problema camponês, que o problema camponês seja igual ao problema nacional em toda a sua grandeza, que o problema camponês se identifique com o problema nacional. Não é preciso demonstrar que o problema nacional é, por sua grandeza, um problema mais amplo e de mais conteúdo que o problema camponês. O mesmo deve-se dizer, por analogia, no que se refere papel dirigente do Partido e à ditadura do proletariado. Se o Partido leva a seu termo a ditadura do proletariado e, nesse sentido, pode-se dizer que a ditadura do proletariado é, substancialmente, a "ditadura" de seu Partido, isto não significa que a "ditadura do Partido" (seu papel dirigente) seja idêntica à ditadura do proletariado, que a primeira seja igual à segunda, no que se refere à sua amplitude. Não é preciso demonstrar que a ditadura do proletariado é, por sua amplitude, mais extensa e de mais conteúdo do que o papel dirigente do Partido. O Partido leva a seu termo a ditadura do proletariado, mas o que ele realiza é a ditadura do proletariado e nenhuma outra. Quem identifica o

papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado substitui a ditadura do proletariado pela "ditadura" do Partido.

Segundo — Nem uma só resolução importante das organizações de massas do proletariado é adotada sem as indicações orientadoras do Partido. Isso é completamente exato. Mas, acaso, isto significa que a ditadura do proletariado se reduz às indicações orientadoras do Partido? Acaso isso significa que, por esta razão, as indicações orientadoras do Partido possam identificar-se com a ditadura do proletariado? Naturalmente que não! A ditadura do proletariado consiste nas indicações orientadoras do Partido, mais a realização dessas indicações pelas organizações de massas do proletariado, e mais a sua encarnação na realidade pelo trabalho da população. Estamos, pois diante de toda uma serie de transições e graus intermediários, que constituem um elemento nada desprezível da ditadura do proletariado. Entre as indicações orientadoras do Partido e sua encarnação na realidade, intervêm, pois, a vontade e a ação dos dirigidos a vontade e a ação da classe, sua inclinação (ou aversão) a apoiar estas indicações, sua aptidão (ou inaptidão) para levá-las à prática precisamente na forma que exige a situação. Não é preciso demonstrar que o Partido, que tomou a seu cargo a direção, não pode deixar de tomar em consideração a vontade, o estado e o nível de consciência dos dirigidos, não pode deixar de lado a vontade, o estado e o nível de consciência de sua classe. Por isso, quem identifica o papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado substitui a vontade e a ação da classe pelas diretivas do Partido.

Terceiro — "A ditadura do proletariado — diz Lenine — é a luta de classes do proletariado que triunfou e tomou em suas mãos o poder político". Em que se pode expressar esta luta de classes? Pode expressar-se numa serie de ações armadas do proletariado contra as intentonas da burguesia derrotada ou contra a intervenção da burguesia estrangeira. Pode expressar-se na guerra civil, se o poder do proletariado ainda não se consolidou. Pode expressar-se num amplo trabalho construtivo e de organização do proletariado, já depois da consolidação do poder, atraindo para esse obra as grandes massas. Em todos esses casos, quem atua é o proletariado como classe. Ainda não se deu o caso de o Partido, só o Partido, ter organizado todas essas ações exclusivamente com suas forças, sem o apoio da classe. Geralmente, o Partido não faz senão dirigir essas ações e as dirige na medida em que conta com o apoio da classe, pois o

Partido não pode igualar, não pode substituir a classe, pois o Partido, com todo o seu importante papel dirigente, continua sendo, de qualquer modo, uma parte da classe. Por isso, quem identifica o papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado substitui a classe pelo Partido.

Quarto — O Partido leva a seu termo a ditadura do proletariado. "O Partido é a vanguarda diretamente governante do proletariado, é o dirigente" (Lenine). Nesse sentido, o Partido toma o Poder e governa o país. Mas isso não significa que o Partido leve a seu termo a ditadura do proletariado passando por cima do poder do Estado, sem o poder do Estado; que o Partido governe o país prescindindo dos Soviets e não por meio dos Soviets. Isso não significa que o Partido possa identificar-se com os Soviets, com o poder do Estado. O Partido é o núcleo central do poder. Mas não é o poder do Estado nem se pode identificar com ele.

"Como partido governante — dizia Lenine — não podíamos deixar de fundir as "camadas superiores" dos Soviets com as "camadas superiores" do Partido: em nosso país estão e continuarão a estar fundidas".

É absolutamente certo. Mas com isso Lenine não quer dizer, nem de longe, que nossas instituições soviéticas, em conjunto, por exemplo: nosso exército, nosso transporte, nossas instituições econômicas, etc., sejam instituições de nosso Partido, que o Partido possa substituir os Soviets e suas ramificações, que se possa identificar o Partido com o Poder do Estado.

Lenine repetiu mais de uma vez que

"o sistema dos Soviets é a ditadura do proletariado", que "o Poder soviético é a ditadura do proletariado".

mas não disse nunca que o Partido é o poder do Estado, que os Soviets e o Partido são a mesma coisa. O Partido, que conta com algumas centenas de milhares de membros dirige os Soviets e suas ramificações no centro e na base, ramificações que abrangem milhões de pessoas, filiadas ao Partido e sem partido; mas não pode nem deve substituí-las. Eis porque Lenine diz que

"a ditadura é realizada pelo proletariado organizado, dentro dos Soviets, dirigido pelo Partido Comunista bolchevique", que "todo o

trabalho do Partido se realiza através dos Soviets, que unificam as massas trabalhadoras sem distinção de ofícios".

Quem identificar, portanto, o papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado estará substituindo os Soviets, ou, seja, o poder do Estado pelo Partido.

Quinto — O conceito ditadura do proletariado é um conceito estatal. A ditadura do proletariado contém, forçosamente, a ideia de violência. Sem violência não pode haver ditadura, sempre e desde que a ditadura seja compreendida no sentido exato da palavra. Lenine define a ditadura do proletariado como

"o poder que se apoia diretamente na violência".

Por isso, falar da ditadura do Partido em relação à classe dos proletários e identificá-la com a ditadura do proletariado significa a mesma coisa que dizer que o Partido deve ser, com relação à sua classe, não só o dirigente, não só o chefe e o mestre, mas também uma espécie de poder estatal que emprega a violência contra a classe. Quem identificar, portanto, a "ditadura do Partido" com a ditadura do proletariado parte logicamente do fato de que a autoridade do Partido se pode basear na violência, o que é coisa absurda e absolutamente incompatível com o leninismo. A autoridade do Partido mantêm-se baseada na confiança da classe operária. Mas a confiança da classe operária não se conquista pela violência — pela violência é que ela se extingue — mas pela justeza da teoria do Partido, pela política justa do Partido, pela abnegada lealdade do Partido à classe operária, por sua união com as massas da classe operária, por sua disposição, por sua capacidade para convencer as massas do acerto e da justeza de suas palavras de ordem.

Que se conclui de tudo isso? Conclui-se:

1. que Lenine não fala de ditadura do Partido no sentido literal da palavra ("poder que se apóia na violência), mas em sentido figurado, no sentido de direção;
2. que, quem identifica a direção do Partido com a ditadura do proletariado, contradiz Lenine, atribuindo ao Partido, erradamente, funções de violência com relação à classe operária em seu conjunto;
3. que, quem atribui ao Partido funções de violência, que não lhe são próprias com relação à classe operária, falta às exigências elementares

a que devem corresponder as relações mútuas acertadas entre a vanguarda e a classe, entre o Partido e o proletariado.

Chegamos, pois, ao problema das relações mútuas entre o Partido e a classe, entre os membros do Partido e os homens sem partido dentro da classe operária.

Lenine define essas relações com uma "confiança mútua" entre a vanguarda da classe operária e a massa operária".

Que significa isso?

Significa, em primeiro lugar, que o Partido deve estar atento à voz das massas; prestar atenção ao instinto revolucionário das massas; estudar a experiência da luta das massas, comprovando, desse modo, a justeza de sua política; e, portanto, deve não somente ensinar às massas, mas também aprender com elas.

Significa, em segundo lugar, que o Partido deve conquistar, dia após dia, a confiança das massas proletárias; e, por meio de sua política e de seu trabalho ganhar para si o apoio das massas; que não deve dar ordens, mas, antes de tudo, persuadir, facilitando às massas o trabalho de convencer-se, através de sua própria experiência, da justeza da política seguida pelo Partido; e que deve, por conseguinte, ser o dirigente, o chefe, o mestre de sua classe.

Infringir essas condições equivale a contrariar as relações mútuas acertadas entre a vanguarda e a classe, minando a "confiança mútua", destruindo tanto a disciplina de classe como a disciplina de Partido.

"Hoje, seguramente, quase todo mundo vê que os bolcheviques não se teriam mantido no poder nem dois anos e meio, nem mesmo dois meses e meio, sem a disciplina severíssima, verdadeiramente férrea dentro do nosso Partido, sem o apoio mais completo e abnegado dado a ele por toda a massa da classe operária, ou seja, por tudo o que ela tem de consciente, de honrado, de abnegado, de influente, e capaz de conduzir consigo e de arrastar atrás de si as camadas atrasadas".

"A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da velha sociedade.

A força do costume de milhões e dezenas de milhões de homens é a força mais terrível. Sem um Partido férreo e temperado na luta, sem um Partido que goze da confiança de tudo o que há de honrado dentro da classe, sem um Partido que saiba aquilatar o estado de espírito das massas e influir sobre ele é impossível levar a cabo, com êxito, a referida luta."

Mas como adquire o Partido essa confiança e este apoio da classe? Como se forja a disciplina férrea necessária para a ditadura da proletariado? Em que terreno brota?

Eis o que diz Lenine sobre este assunto:

"Como se mantém a disciplina do Partido revolucionário do proletariado? Como se controla? Como se reforça? Primeiro, pela consciência da vanguarda proletária e por sua abnegada lealdade à revolução, por sua firmeza, por seu espírito de sacrifício, por seu heroísmo. Segundo, por sua capacidade de ligar-se, aproximar-se e, até certo ponto, se desejais, fundir-se com as grandes massas trabalhadoras, em primeiro lugar com a massa proletária, mas também com a massa trabalhadora não proletária. Terceiro, pela justeza e pelo acerto da direção política que esta vanguarda realiza; pelo acerto, pela justeza de sua estratégia e de sua tática política, desde que as massas extensas se convençam disso por experiência própria. Sem essas condições, não seria possível a disciplina em nenhum partido revolucionário verdadeiramente apto para ser o Partido da classe avançada, destinada a derrubar a burguesia e a transformar toda a sociedade. Sem essas condições, as tentativas de implantar uma disciplina convertem-se inevitavelmente em ficção, em meras palavras, em gestos grotescos. Mas, por outro lado, essas condições não podem brotar de repente. Vão se formando somente através de um trabalho prolongado, através de uma dura experiência; sua formação só é facilitada através de uma justa teoria revolucionária, que, por sua vez, não é nenhum dogma, mas forma-se definitivamente apenas em estreita relação com a prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário".

E mais adiante:

Para alcançar a vitória sobre o capitalismo é preciso estabelecer uma correlação exata entre o Partido dirigente, — o Partido Comunista, a classe revolucionária — o proletariado e as massas, ou, seja, a totalidade dos trabalhadores e explorados. Só o Partido Comunista, desde que realmente forme a vanguarda da classe revolucionária, desde que compreenda os melhores representantes da mesma, se é constituído por comunistas, totalmente conscientes e abnegados, instruídos e temperados na experiência de uma tenaz luta revolucionária, se esse Partido soube vincular-se inseparavelmente a toda a vida de sua classe e por meio dela a toda a massa dos explorados e se soube inspirar a esta classe e a esta massa completa confiança; só um Partido assim está apto para dirigir o proletariado na luta mais implacável, na luta final decisiva, contra todas as forças do capitalismo. Por outro lado, somente sob a direção de um Partido nessas condições é o proletariado capaz de desenvolver toda a potência de seu impulso revolucionário, desfazendo a inevitável apatia e, em parte, a resistência da pequena minoria, da aristocracia operária, corrompida pelo capitalismo, a resistência dos velhos líderes das *tradetunions*, das cooperativas, etc. Só assim é o proletariado capaz de desenvolver toda sua força, que é incomensuravelmente maior devido à própria estrutura econômica da sociedade capitalista, que a proporção que ela representa na população".

Destas citações compreende-se o seguinte:

1. a autoridade do Partido e a disciplina férrea dentro da classe operária, indispensáveis para a ditadura do proletariado, não se baseiam no temor nem nos direitos "ilimitados" do Partido, mas na confiança que a classe operária nele deposita, no apoio que a classe operária dá ao Partido;

2. a confiança da classe operária no Partido não se adquire de um golpe, nem por meio da violência sobre a classe operária, mas somente por meio de um trabalho constante do Partido entre as massas, por meio de uma acertada política do Partido, pela capacidade do Partido para persuadir as massas, através de sua própria experiência, acerca da justeza de sua política; pela capacidade do Partido conseguir para si o apoio da classe operária e arrastar consigo as massas operárias;

3. sem uma política acertada do Partido, reforçada pela experiência de luta das massas, sem a confiança da classe operária, não há, nem pode haver, verdadeira direção a cargo do Partido;

4. o Partido e sua direção não podem, se ele goza da confiança da classe e se essa direção é uma verdadeira direção, ser opostos à ditadura do proletariado, pois sem a direção do Partido ("ditadura" do Partido), que goza da confiança da classe operária, não pode haver ditadura proletária mais ou menos sólida.

Se não existirem essas condições, a autoridade do Partido e a disciplina férrea serão, ou frases ocas, ou fanfarronadas e aventureirismo.

Não se pode contrapor a ditadura do proletariado à direção ("ditadura") do Partido. Não se pode contrapor, visto que a direção do Partido é o principal da ditadura do proletariado, se se tem em conta uma ditadura mais ou menos sólida e completa e não somente algo como, por exemplo, a Comuna de Paris, que era uma ditadura incompleta e pouco sólida. Não se pode contrapor, visto que a ditadura do proletariado e a direção do Partido trabalham, por assim dizer, na mesma linha, atuam num mesmo sentido.

"Ditadura do Partido ou ditadura de classe? Ditadura (Partido) dos chefes ou ditadura (Partido) das massas?" O simples fato de fazer essas perguntas demonstra a mais incrível e irremediável confusão de ideias... É sabido por todos que as massas se dividem em classes..., que as classes são, geralmente, na maioria dos casos, pelo menos nos países civilizados modernos, dirigidas por Partidos políticos; que os Partidos políticos são dirigidos, em geral, por grupos mais ou menos estáveis constituídos das pessoas mais autorizadas, influentes, experimentadas, eleitas para os cargos mais responsáveis e que se chamam chefes ... Chegar... a contrapor, em termos gerais, a ditadura das massas à ditadura dos chefes, é um absurdo ridículo e uma imbecilidade".

Isso é absolutamente exato. Mas esta tese exata parte da premissa de que existem relações mutuas ajustadas entre a vanguarda e as massas operárias, entre o Partido e a classe. Parte do suposto de que as relações mutuas entre a vanguarda e a classe continuam sendo, por assim dizer, normais, se se mantêm dentro dos limites da "confiança mutua".

Mas, se as relações mutuas ajustadas entre a vanguarda e a classe, se as relações de "confiança mutua" entre o Partido e a classe se rompem? E se o próprio Partido começa a colocar-se, de um modo ou de outro, contra a classe, violando as bases das relações mutuas combinadas, infringindo as bases da confiança mutua? Podem-se verificar, em geral, casos como estes? Sim, podem verificar-se, nos seguintes casos:

1. se o Partido começa a colocar sua autoridade, no seio das massas, não na base de seu trabalho e da confiança dessas massas, mas na base de seus direitos "ilimitados";
2. se a política do Partido é manifestamente falsa e o Partido não quer rever nem corrigir seus erros;
3. se, mesmo que sua política seja de modo geral acertada, as massas não estiverem ainda preparadas para assimilá-la e o Partido não quiser ou não souber esperar, até que possa dar às massas a possibilidade de convencer-se, por sua própria experiência, da justeza da política do Partido.

A história do nosso Partido oferece toda uma serie de casos como esses. Diversos grupos e frações de nosso Partido fracassaram e desagregaram-se por ter desrespeitado uma dessas três condições, ou, até, às vezes, todas três.

Donde se conclui que contrapor a ditadura do proletariado à "ditadura" (à direção) do Partido só pode ser considerado falso nos seguintes casos:

1. se a ditadura do Partido, em relação à classe operária, se considera não como o que é a ditadura no verdadeiro sentido dessa palavra ("Poder que se apoia na violência") mas, precisamente, tal como a entende Lenine: como a direção do Partido que afasta qualquer violência sobre a classe em conjunto sobre sua maioria;
2. se o Partido conta com as condições necessárias para ser o verdadeiro dirigente da classe, ou, seja, se a política do Partido é justa, se essa política corresponde aos interesses da classe;
3. se a classe, ou a maioria da classe, aceita essa política, se a compreende, se se convence, graças a trabalho do Partido, da sua justeza e confia no Partido e o apoia.

O desrespeito a essas condições traz, como consequência inevitável, um conflito entre o Partido e a classe, determina uma cisão entre eles, joga-os um contra a outra.

Pode-se, porventura, impor à classe pela força a direção do Partido? Não, não se pode. Em todo caso, semelhante direção não poderia ser senão mais ou menos duradoura. O Partido, se quiser manter-se como Partido do proletariado, deve saber que é, antes de tudo e acima de tudo, o dirigente, o chefe, o mestre da classe operária. Não podemos esquecer as palavras de Lenine, escritas a este respeito, no folheto *O Estado e a Revolução*".

"Educando o Partido operário, o marxismo educa a vanguarda do proletariado capaz de tomar o poder e de conduzir todo o povo ao socialismo, de dirigir, e organizar o novo regime, de ser o mestre, o dirigente, o chefe de todos os trabalhadores e explorados, na obra de construir a sua própria vida social sem a burguesia e contra a burguesia".

Pode-se, acaso, considerar o Partido como o verdadeiro dirigente da classe, se sua política é falsa, se a sua política se choca com os interesses da classe? Naturalmente que não! Nesses casos, o Partido, se quer manter-se como dirigente, deve fazer uma revisão em toda sua política, reconhecer seu erro e corrigi-lo. Para ilustrar esta tese, poderíamos recordar, ainda que só se referisse a um fato, tirado da história de nosso Partido, passado no período da abolição do sistema de requisição de víveres, em que as massas operárias e camponesas estavam claramente descontentes com nossa política, e no qual o Partido empreendeu franca e honradamente a revisão dessa política. Eis o que disse então Lenine, no X Congresso do Partido, sobre a abolição do sistema de requisição de víveres e da implantação da Nova Política Econômica:

"Não devemos ocultar nada, mas dizer francamente que os camponeses estão descontentes com a forma de relações estabelecidas entre eles e nós, que não querem essa forma de relações e não continuarão a viver assim daqui por diante. Isso é indiscutível. Esta vontade manifestou-se de maneira decidida. É a vontade das imensas massas da população trabalhadora. Devemos tomá-la em conta e somos políticos suficientemente sensatos para

dizer abertamente: Deve-se fazer uma revisão em nossa política no que se refere aos camponeses!"

Pode-se, porventura, entender que o Partido deve assumir a iniciativa e a direção na organização das ações decisivas das massas, baseando-se somente em que sua política é, em geral, acertada, se esta política não goza ainda da confiança e do apoio da classe, devido, suponhamos, ao atraso político desta, se o Partido não conseguiu convencer ainda a classe da justeza de sua política, devido, suponhamos, a que os acontecimentos não estejam ainda maduros? Não, não se pode. Em tais casos, o Partido, se quer ser o verdadeiro dirigente, deve saber esperar, deve convencer as massas de sua política ajustada, deve ajudar as massas a se convencerem, através de sua própria experiência, da justeza dessa política.

"Se o partido revolucionário — diz Lenine — não conta com a maioria dentro dos destacamentos de vanguarda das classes revolucionárias, nem dentro de seu país, não se pode falar de insurreição".

"Se não se produz uma modificação nas opiniões da maioria da classe operária, a revolução é impossível, e essa modificação se consegue através da experiência política das massas".

"A vanguarda proletária é conquistada ideologicamente. Isto é o principal. Sem isso, não é possível dar nem sequer o primeiro passo para o triunfo. Mas disto ao triunfo ainda falta muito. Apenas com a vanguarda é impossível triunfar. Lançar somente a vanguarda à batalha decisiva, quando toda a classe, quando as grandes massas não adotaram ainda posição de apoio direto a esta vanguarda, ou, pelo menos, de neutralidade benévola com relação a ela, e de uma incapacidade completa de apoiar seu inimigo, seria não só uma estupidez, mas até mesmo um crime. E para que, na realidade, toda a classe, as grandes massas de trabalhadores e dos oprimidos pelo capital cheguem a ocupar semelhante posição, são insuficientes a propaganda e a agitação. Para isso é necessária a própria experiência política dessas massas".

Já se sabe que nosso Partido procedeu exatamente desse modo durante o período que medeia entre as Teses de Abril, de Lenine, e a insurreição da

outubro de 1917. E, precisamente por isso, por atuar de acordo com essas indicações de Lenine, é que saiu vencedor da insurreição.

Tais são, essencialmente, as condições que devem presidir as relações mútuas ajustadas entre a vanguarda e a classe.

Que significa dirigir, se a política do Partido é certa e se as relações ajustadas entre a vanguarda e a classe não são contrariadas?

Dirigir, nessas condições, significa saber convencer as massas do acerto da política do Partido; significa lançar e pôr em prática as palavras de ordem, que levam as massas às posições do Partido e as ajudam a convencer-se, por sua própria experiência, do acerto da política do Partido; significa elevar as massas ao nível de consciência do Partido e assegurar-se assim apoio das massas, a sua disposição para a luta decisiva.

Por isso, o método fundamental na direção da classe pelo Partido é o método da persuasão.

"Se, hoje, na Rússia — diz Lenine, — depois dos dois anos e meio de triunfos sem precedentes sobre a burguesia russa e a da Entente, estabelecêssemos com condição indispensável para o ingresso nos sindicatos o "reconhecimento da ditadura", cometeríamos uma tolice, enfraqueceríamos nossa influência sobre as massas, ajudaríamos aos mencheviques. Porque a tarefa dos comunistas consiste em saber convencer os elementos atrasados, em saber trabalhar entre eles e não em isolarmo-nos deles por meio de fantásticas palavras de ordem, infantilmente "esquerdistas".

Isso não significa, naturalmente, que o Partido deve convencer a todos os operários, do primeiro ao último; que só depois de tê-los convencido a todos pode-se passar aos fatos, que só então pode iniciar a ação. De maneira alguma. Significa unicamente que, antes de lançar-se a ações políticas decisivas, o Partido deve assegurar para si, mediante um trabalho revolucionário constante, o apoio da maioria das massas operárias ou, pelo menos, a neutralidade benévola da maioria da classe. Do contrário, a tese leninista, que apresenta como condição indispensável para a revolução vitoriosa a conquista para o Partido da maioria da classe operária, careceria de todo o sentido.

Pois bem. Que se deve fazer com a minoria, se esta não quer, se não se presta a submeter-se de bom grado à vontade da maioria? Pode o Partido, deve o Partido, gozando da confiança da maioria, obrigar a minoria a submeter-se à vontade da maioria? Sim, pode e deve fazê-lo. A direção assegura-se pelo método de persuadir as massas como o método fundamental do Partido para influir sobre estas. Mas isso não exclui o emprego da coação, mas sim que, pelo contrario, o pressupõe, sempre e quando esta coação se baseie na confiança e no apoio que a maioria da classe operária dá ao Partido, sempre e quando esta coação se aplique à minoria depois de ter sabido convencer a maioria. Seria conveniente recordar as polemicas suscitadas, a este respeito, em nosso Partido, na época em que se discutiu o problema sindical. Em que consistiu, então, o erro da oposição, o erro do Comitê Central do Sindicato dos Transportes? Acaso considerava a oposição possível a aplicação, naquela época, da coação? Não, não foi isto. O erro da oposição consistia, então, em que, sem estar em condições de persuadir a maioria do acerto da sua posição, tendo perdido a confiança da maioria, não obstante, começou a aplicar a coação, insistindo em afastar os homens que gozavam da confiança da maioria.

Eis o que disse, então, Lenine, no X Congresso do Partido, em seu discurso sobre os sindicatos:

"Para estabelecer relações mútuas, relações de confiança mútua entre a vanguarda da classe operária e a massa operária, caso o Comitê Central do Sindicato do Transporte tivesse cometido um erro..., seria necessário que o corrigisse. Mas, se este erro começa a ser defendido, isto se converte, numa fonte de perigos políticos. Se não se tivesse feito todo o possível no sentido da democracia, partindo do estado de espírito que Kutusov aqui exprime, teríamos chegado à bancarrota política. Devemos, antes de tudo, persuadir e depois coagir. Devemos, custe o que custar, persuadir, só depois coagir. Não soubemos convencer as grandes massas e, desrespeitamos a correlação ajustada entre a vanguarda e as massas".

Em seu folheto Sobre os sindicatos, Lenine diz a mesma coisa:

"Só temos aplicado de modo certo e eficaz a coação, quando soubemos antes cimentá-la na persuasão".

E isto é completamente exato, pois, sem se ajustar a estas condições, não há direção possível, pois só deste modo é que se pode assegurar a unidade de ação no Partido, se se trata do Partido, ou a unidade de ação da classe, se se trata da classe em sua totalidade. De outro modo, sobrevém a cisão, a debandada, a decomposição dentro das fileiras da classe operária.

Tais são, de modo geral, as bases em que deverá assentar uma direção consequente do Partido.

Qualquer outra interpretação sobre o que é direção será sindicalismo, anarquismo, burocratismo, tudo o que se quiser, menos bolchevismo, menos leninismo.

Não se pode contrapor a ditadura do proletariado à direção ("ditadura") do Partido, se se tem em conta as relações ajustadas entre o Partido e a classe operária, entre a vanguarda e as massas operárias. Mas disso mesmo se conclui que também não se pode identificar o Partido com a classe operária, a direção ("ditadura") do Partido com a ditadura da classe operária. Baseando-se em que a "ditadura" do Partido não se pode contrapor à ditadura do proletariado, Sorin chega à conclusão falsa de que "a ditadura do proletariado é a ditadura do nosso Partido". Mas Lenine não somente diz que aquela contraposição é inadmissível, como diz, ao mesmo tempo, que é inadmissível contrapor a "ditadura das massas à ditadura dos chefes". Não lhes ocorrerá identificar, baseados nisso, a ditadura dos chefes à ditadura do proletariado? Por este caminho, deveríamos dizer que a "ditadura do proletariado é a ditadura de nossos chefes". A esta imbecilidade, precisamente, é que conduz, propriamente falando, a política que identifica a "ditadura" do Partido com a ditadura do proletariado...

Qual a posição de Zinoviev sobre este assunto?

Zinoviev mantém, no fundo, o mesmo ponto de vista de identificar a "ditadura" do Partido com a ditadura do proletariado que mantém Sorin, com uma diferença, entretanto: é que Sorin se expressa mais clara e rapidamente, enquanto que Zinoviev "faz piruetas", para se convencer disso, basta ler a seguinte passagem livro de Zinoviev, "O leninismo":

"Que representa o regime existente na URSS do ponto de vista de seu conteúdo de classe? É a ditadura do proletariado. Qual é o suporte imediato do Poder na URSS? Quem exerce o Poder da

classe operária? O Partido Comunista! Neste sentido, governa em nosso país a ditadura do Partido. Qual é a forma jurídica do Poder da URSS? Qual é o novo tipo de regime de Estado, criado pela Revolução de Outubro? O sistema soviético. Uma coisa não contradiz de modo algum a outra".

Dizer que uma coisa não contradiz a outra é naturalmente exato, se, por ditadura do Partido em relação à classe operária em seu conjunto, se entender a direção do Partido. Mas como é que se pode equiparar, nesta base, a ditadura do proletariado e a "ditadura" do Partido, o sistema soviético e a "ditadura" do Partido? Lenine identificava o sistema soviético com a ditadura do proletariado, e tinha razão, pois os Soviets, os nossos Soviets, são a organização da coesão das massas trabalhadoras em torno ao proletariado, sob a direção do Partido. Mas, quando, onde, em qual de suas obras, Lenine equipara a "ditadura" do Partido à ditadura do proletariado, a "ditadura" do Partido ao sistema soviético, como o faz agora Zinoviev? A ditadura do proletariado não somente não está em contradição com a direção ("ditadura") do Partido, como não o está, tampouco, com a direção ("ditadura") dos chefes. Baseados nisso não lhes ocorrerá proclamar que nosso país é o país da ditadura do proletariado, ou, seja, o país da ditadura do Partido, ou, seja, ainda, o país da ditadura dos chefes? Pois a esta imbecilidade precisamente, é que conduz o "princípio" da identificação da "ditadura" do Partido com a ditadura ao proletariado, conforme supõe Zinoviev, numa pusilânime insinuação.

Nas numerosas obras de Lenine, consegui anotar somente cinco casos em que toca de passagem no problema da ditadura do Partido.

O primeiro caso deu-se por ocasião de uma polémica com os social-revolucionários e os mencheviques, na qual ele nos diz:

"Quando se nos critica sermos a ditadura de um só Partido, e se nos propõe, como acabais de ouvir, a frente-única socialista, dizemos: "Sim, ditadura de um só partido! Neste terreno pisamos e dele não podemos sair, pois se trata de um partido que conquistou, no decorrer de dezenas de anos, o posto de vanguarda de todo o proletariado fabril e industrial".

O segundo caso deu-se na Carta aos operários e camponeses a propósito da vitória sobre Kolchak, na qual Lenine nos diz:

"Assustam os camponeses (particularmente os mencheviques e os social-revolucionários, todos, inclusive os "esquerdistas") com o espantinho da "ditadura de um só partido", do Partido dos bolcheviques-comunistas. Pelo exemplo de Kolchak, os camponeses aprenderam a não ter medo de espantinhos. Ou a ditadura (isto é, o poder férreo dos proprietários de terras e dos capitalistas, ou a ditadura da classe operária".

O terceiro caso, no discurso pronunciado por Lenine no II Congresso da Internacional Comunista, na polêmica contra Tanner. Já citei este discurso mais atrás.

O quarto caso, nalgumas linhas do folheto *Extremismo, Doença Infantil do Comunismo*. Já transcrevemos as citações correspondentes.

E o quinto caso é o do esboço do esquema da ditadura do proletariado, publicado no terceiro tomo da Recopilação Leninista, na qual há um subtítulo que diz: A ditadura de um só partido.

Convém lembrar que, em dois casos dos cinco que são o último e o segundo, Lenine põe as palavras "ditadura de um só partido" entre aspas, querendo fazer ressaltar, de modo claro, o sentido inexato, figurado, dessa fórmula.

É conveniente indicar, também, que, em todos estes casos, Lenine entende por "ditadura do Partido" em relação à classe operária, não a ditadura no sentido exato da palavra ("poder que se apoia na violência"), mas o fato de ter o Partido a direção.

É interessante notar que, em nenhuma de suas obras, nem nas fundamentais, nem nas secundárias, nas quais Lenine trata ou, pelo menos, aborda a ditadura do proletariado e o papel do Partido no sistema da ditadura do proletariado, não alude sequer ao fato de que a "ditadura do proletariado é a ditadura do nosso Partido". Pelo contrário, cada página, cada linha dessas obras, é um grifo de protesto contra essa fórmula.

E é ainda mais característico o fato de que, nas teses do II Congresso da Internacional Comunista sobre o papel do Partido político, teses feitas sob a orientação imediata de Lenine e às quais Lenine se refere reiteradamente em seus discursos como um modelo de definição acertada do papel e das

tarefas do Partido, não encontremos nem uma só palavra, absolutamente nem uma, sobre a ditadura do Partido.

Que se deduz daí?

O seguinte:

1. que Lenine não considerava impecável, exata, a formula da "ditadura do Partido", razão pela qual só raramente empregava em suas obras e a punha as vezes entre aspas.

2. que, nas raras vezes em que Lenine se via obrigado a falar, em suas polêmicas com os adversários, da ditadura do Partido, falava geralmente, da "ditadura de um só partido", isto é, de que nosso Partido está sozinho no poder, de que não divide o poder com outros partidos, esclarecendo ainda, sempre, que por ditadura do Partido no que se refere à classe operaria, deve-se entender a direção do Partido, seu papel dirigente;

3. que, em todos os casos em que Lenine julga necessário definir cientificamente o papel do Partido dentro do sistema da ditadura do proletariado, fala alusivamente (e estes casos contam-se aos milhares) ao papel dirigente do Partido no que se refere à classe operária;

4. que foi precisamente por isso que Lenine não julgou "acertado" incluir na resolução fundamental sobre o papel do Partido — refiro-me à resolução do II Congresso da Internacional Comunista — a forma da "ditadura do Partido";

5. que os camaradas que identificam ou tentam identificar a "ditadura" do Partido — e também, por conseguinte, a "ditadura dos chefes" — com a ditadura do proletariado, não têm razão do ponto de vista leninista e são, politicamente, míopes, pois, com isso, vão contra as condições para que as relações mutuas entre a vanguarda e a classe sejam ajustadas.

E não falemos do fato da formula "ditadura Partido", tomada sem as reservas indicadas mais acima, poder criar toda uma série de perigos e deficiências políticas em nosso trabalho prático. Esta formula, tomada sem reservas, poderia indicar:

1. às massas sem partido: não vos atreveis contradizer, não vos atreveis a raciocinar, pois o Partido tudo pode, já que estamos sob a ditadura do Partido!;

2. aos quadros do Partido: atuai com a maior ousadia, fazei pressão com o máximo rigor, não é preciso ouvir a voz das massas sem partido, pois estamos sob a ditadura do Partido!

3. à cúpula do Partido: podeis permitir-vos o luxo de certa vaidade e talvez ser um pouco mais presunçosos, pois estamos sob a ditadura do Partido e, "por conseguinte", sob a ditadura dos chefes!

É conveniente, recordar esses perigos precisamente agora, no período de ascensão da atividade política das massas, em que a disposição do Partido para ouvir atentamente a voz das massas tem para nós especial importância; em que o prestar atenção às exigências das massas é o postulado fundamental de nosso Partido; em que se exige deste prudência especial e flexibilidade especial na sua política; em que o perigo da presunção é um dos perigos mais sérios que ameaçam o Partido na obra de dirigir acertadamente às massas.

Não se pode deixar de recordar as preciosas palavras pronunciadas por Lenine no XI Congresso de nosso Partido:

"Nós (os comunistas, J. Stalin) somos, apesar de tudo, no meio da massa do povo, como uma gota no mar e só podemos governar quando sabemos exprimir com acerto o que o povo traz em sua consciência. Sem isso, nem o Partido Comunista conduzirá o proletariado, nem o proletariado conduzirá as massas e toda a máquina se esboroará".

"Exprimir com acerto o que o povo traz em sua consciência", esta é, precisamente a condição indispensável que assegura ao Partido o honroso papel de força fundamental dirigente no sistema da ditadura do proletariado.

Capítulo VI - O Problema da Vitória do Socialismo num só País

O folheto Sobre os Fundamentos do Leninismo, contem duas formulações sobre a vitória do socialismo num só país. À primeira parte diz:

"Antes, considerava-se impossível a vitória da revolução num só país. Tal conceito significava que, para alcançar o triunfo sobre a burguesia, era necessária a ação conjunta dos proletários de todos os países adiantados ou, pelo menos, da maioria deles. Hoje, este ponto de vista já não corresponde à realidade. Hoje, é preciso partir da possibilidade deste triunfo, pois o desenvolvimento desigual, aos saltos, dos diferentes países capitalistas, sob as condições do imperialismo, o desenvolvimento dentro do imperialismo de contradições catastróficas que conduzem a guerras inevitáveis, o incremento do movimento revolucionário todos os países do mundo, tudo isso conduz não só à possibilidade, inclusive à necessidade da vitória do proletariado em diversos países tomados em separado."

Esta tese é completamente certa e não necessita de comentários. É dirigida contra a teoria dos social-democratas, que consideram utopia a tomada do poder pelo proletariado num só país se não for acompanhada, ao mesmo tempo, pela revolução vitoriosa noutros países.

Mas, no folheto Sobre os Fundamentos do Leninismo há também outra formulação que diz:

"Mas derrubar o poder da burguesia e instaurar o poder do proletariado num só país, não significa ainda garantir o êxito do socialismo. Fica para resolver a missão principal do socialismo: a organização da produção socialista. Pode-se cumprir essa missão, pode-se conseguir a vitória definitiva do socialismo num só país sem os esforços conjuntos dos proletários de alguns países adiantados? Não, não se pode. Para derrubada da burguesia bastam os esforços de um só país, como o indica a história da nossa

revolução. Para a vitória definitiva do socialismo, para a organização da produção socialista, já não bastam os esforços de um só país, principalmente de um país tão camponês como a Rússia; para isso fazem falta os esforços dos proletários de alguns países adiantados".

Esta segunda formulação era dirigida contra a afirmação dos críticos do leninismo, contra os trotskistas, que declaravam não poder a ditadura do proletariado num só país, sem a vitória noutros países "sustentar-se contra a Europa conservadora".

Para esse fim — mas somente para esse fim — esta formulação foi então (abril de 1924) suficiente e prestou, indubitavelmente, certo serviço.

Mais tarde, porém, quando já se havia vencido dentro do Partido a crítica ao leninismo, no que se refere a esse assunto, e se pôs em ordem do dia um novo problema, o problema da possibilidade da construção da sociedade socialista completa com as forças de nosso país e sem o auxílio do exterior, a segunda formulação era já claramente insuficiente e, portanto, falsa.

Em que consiste o defeito dessa formulação?

Seu defeito consiste em juntar num só dois problemas diferentes: o problema da possibilidade de construir o socialismo com as forças de um só país, problema ao qual se deve dar uma resposta afirmativa, e o problema de saber se um país sob a ditadura do proletariado pode considerar-se completamente garantido contra a intervenção e, portanto, contra a restauração da velha ordem, sem uma revolução vitoriosa numa outra série de países, problema ao qual se deve dar resposta negativa. Isso, sem falar que essa formulação pode dar motivo para se acreditar ser impossível organizar a sociedade socialista com as forças de um só país, o que, naturalmente, é falso.

Baseando-me nisso, no meu folheto A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos (dezembro de 1924), modifiquei e corrigi essa formulação, dividindo esse problema em dois, no problema da garantia completa contra a restauração da ordem burguesa e no problema da possibilidade de construir a sociedade socialista completa num só país. Conseguiu-se isso, primeiro, tratando "o triunfo completo do socialismo" como "garantia completa contra a restauração da antiga ordem de coisas",

triunfo que só é possível mediante "os esforços conjuntos dos proletários de alguns países" e, segundo, proclamando, na base do folheto de Lenine "Sobre a Cooperação", a verdade indiscutível de que contamos com todos os elementos necessários para a construção da sociedade socialista completa.

Esta nova formulação foi a que serviu de base à conhecida resolução da XIV Conferência do Partido Sobre as Tarefas da Internacional Comunista e do P. C. (b) da Rússia, que trata do problema da vitória do socialismo num só país, em relação com a estabilização do capitalismo (abril de 1925) e considera possível e necessária a construção do socialismo com as forças de nosso país.

Esta formulação serviu também de base ao meu folheto Sobre o Balanço dos Trabalhos da XIV Conferência do Partido, publicado imediatamente depois dessa conferência, em maio de 1925.

No que se refere à discussão do problema da vitória do socialismo num só país, afirmo nesse folheto:

"No nosso país apresentam-se dois grupos de contradições. Um grupo compreende as contradições internas existentes entre o proletariado e os camponeses [alude-se aqui à construção do socialismo num só país, J. Stalin]. O outro compreende as contradições externas existentes entre nosso país, como país do socialismo, e todos os demais países capitalistas [aqui alude-se ao triunfo definitivo do socialismo. J. Stalin]..." "Quem confunda o primeiro grupo de contradições, que é perfeitamente possível vencer com os esforços de um só país, com o segundo grupo de contradições, as quais para serem vencidas, exigem os esforços dos proletários de alguns países comete o mais grave erro contra o leninismo e é ou confusionista ou oportunista incorrigível".

No que se refere à questão da vitória do socialismo em nosso país, esse folheto diz:

"Podemos construir o socialismo até terminá-lo e o construiremos pelo braço do camponês, sob a direção da classe operária"... , pois "sob a ditadura do premissas se encontram em nosso país... todas as premissas necessárias para construir a

sociedade socialista completa, vencendo todas e a cada uma das dificuldades internas, visto que podemos e devemos vencê-las com as nossas próprias forças".

No que se refere ao problema do êxito definitivo do socialismo, diz-se:

"O êxito definitivo do socialismo é a garantia completa contra as tentativas de intervenção, e, portanto, de restauração inclusive, pois uma tentativa de restauração, por pouco importante que seja, só pode ter lugar com um apoio considerável do exterior, com o apoio do capital internacional. Por isso, o apoio que os operários de todos os países emprestam à nossa revolução e, com maior razão, a vitória desses operários, ainda que seja somente em alguns países, é condição indispensável para garantir plenamente o primeiro país triunfante contra as tentativas de intervenção e de restauração, condição indispensável para o êxito definitivo do socialismo".

Creio que está claro.

Já se sabe que nesse sentido se interpreta este problema no meu folheto Perguntas e Respostas (junho de 1925) e no informe político do C.C. no XIV Congresso do P.C. (b) da URSS (dezembro de 1925).

Tais são os fatos.

Creio que esses fatos são conhecidos de todo o mundo, e até mesmo de Zinoviev.

Se hoje, com quase dois anos de luta ideológica, mantida no seio do Partido, e depois da resolução adotada na XIV Conferência do Partido (abril de 1925), Zinoviev, em seu discurso-resumo, pronunciado no XV Congresso do Partido (dezembro de 1925), acha possível levantar a velha fórmula completamente insuficiente do folheto de Stálin, escrito em abril de 1924 como base para resolver o problema, já resolvido, da vitória do socialismo num só país, essa maneira peculiar de Zinoviev atesta apenas que se confundiu definitivamente nesse problema. Argumentar com o Partido de época passada, depois que este já se adiantou e fugiu à resolução da XIV Conferência do Partido, depois de ter sido confirmada pelo pleno do C. C, significa emaranhar-se irremissivelmente em contradições, não ter fé na obra da construção do socialismo desviar-se do caminho de Lenine e decretar sua própria derrota.

Que significa a possibilidade da vitória do socialismo num só país?

Significa a possibilidade de resolver as contradições entre o proletariado e os camponeses com as forças internas de nosso país, a possibilidade do proletariado tomar o poder e o utilizar para edificar a sociedade socialista completa em nosso país, contando com a simpatia e o apoio dos proletários dos demais países, mas sem que previamente triunfe, nesses países, a revolução proletária.

Sem essa possibilidade, a construção do socialismo é uma construção sem perspectivas, uma construção sem a segurança de estruturar completamente o socialismo. Não se pode dar forma ao socialismo sem ter a segurança de poder construí-lo até o seu ponto final, sem ter a segurança de que o atraso técnico de nosso país não é um obstáculo insuperável para a construção da sociedade socialista completa. Negar esta possibilidade é não ter fé na causa da construção do socialismo, é separar-se do leninismo.

Que significa a impossibilidade do triunfo completo, definitivo, do socialismo num só país, sem a vitória da revolução noutros países?

Significa a impossibilidade de ter uma garantia completa contra a intervenção e, por conseguinte, contra a restauração da ordem burguesa, se não triunfar a revolução numa serie de países, pelo menos. Negar essa tese indiscutível é afastar-se do internacionalismo, é afastar-se do leninismo.

"Não vivemos apenas — diz Lenine — dentro de Um Estado, mas dentro de um sistema de Estados, e a existência da República Soviética junto a aos Estados imperialistas é inconcebível durante um período de tempo prolongado. No fim de contas, acabará triunfando um ou outro. Mas, enquanto esse fim não chega, terão que se produzir, inevitavelmente, os choques mais terríveis entre a República Soviética e os Estados burgueses. Isso significa que, se a classe dominante, o proletariado, quer dominar e continuar dominando, tem que demonstrá-lo também por meio sua organização militar".

"Estamos — diz Lenine, noutro trecho — frente um equilíbrio sumamente instável, mas que é, contudo, um certo equilíbrio indubitável, indiscutível. Durará muito tempo? Eu o ignoro e não creio que se possa saber. Por isso se exige de nossa parte a maior

prudência. E o primeiro postulado de nossa política, nosso primeiro ensinamento, que se deriva de nossa atuação governamental durante esse ano, ensinamento que todos os operários e camponeses devem assimilar, é o de estar em guarda, o de recordar que estamos rodeados por homens, por classes, por governos que manifestam abertamente o maior ódio contra nós. Temos que recordar que estamos sempre a um passo da intervenção".

Creio que está claro.

Como apresenta Zinoviev o problema da vitória do socialismo num só país?

Vejamos:

"Por vitória definitiva do socialismo deve entender-se pelo menos: 1) a supressão das classes e, portanto, 2) a supressão da ditadura de uma só classe, nesse caso, da ditadura do proletariado"... "Para se aperceber com maior clareza — diz mais adiante Zinoviev — de como se coloca esse problema em nosso país, na URSS, em 1925, é preciso distinguir duas coisas: 1) a possibilidade garantida de construir o socialismo, possibilidade que pode também ser concebida plenamente, subentende-se, dentro dos limites de um só país, e 2) a construção, definitiva e a consolidação do socialismo, isto é, a implantação do regime socialista, da sociedade socialista".

Que pode significar tudo isso?

Que Zinoviev não entende por vitória definitiva do socialismo num só país a garantia contra a intervenção e a restauração, mas a possibilidade de construir a sociedade socialista. E por vitória do socialismo num só país, Zinoviev entende a construção do socialismo que não possa nem deva conduzir à construção definitiva do socialismo. Uma construção ao acaso, sem perspectivas, uma construção do socialismo empreendida com a impossibilidade de construir a sociedade socialista completa: tal é a posição de Zinoviev.

Construir o socialismo sem a possibilidade de construí-lo completamente: construir sabendo que a construção não se realizará por completo — eis a que incongruências chega Zinoviev!

Mas isto é contornar o problema e não resolvê-lo!

Eis outro trecho tirado do discurso-resumo de Zinoviev, no XIV Congresso do Partido:

"Vede, por exemplo, até onde se deixou levar o camarada Yakovlev na última Conferência do Partido na região de Kursk. "Poderemos — pergunta este camarada — construir num só país, cercado de inimigos capitalistas por todos os lados, poderemos nestas condições construir completamente o socialismo num só país?" E responde: "Baseando-nos no que foi exposto, temos o direito de dizer que não só construiremos o socialismo, como também que, apesar de sermos, no momento, os únicos, apesar de sermos o único país soviético, o único Estado soviético do mundo, o construiremos completamente (Pravda de Kursk. n. 278, 8 de dezembro de 1925). Será esta uma maneira leninista de colocar o problema? Não tem isso, porventura, o cheiro de uma estreiteza nacional?".

De acordo, portanto, com Zinoviev, o fato de se reconhecer a possibilidade de construir o socialismo num só país significa adotar uma posição de estreiteza nacional e negar esta possibilidade significa adotar a posição do internacionalismo.

Mas, se isso fosse certo, valeria a pena lutar, de algum modo, pelo triunfo contra os elementos capitalistas de nossa economia? Isso não supõe a impossibilidade desse triunfo?

A uma capitulação diante dos elementos capitalistas de nossa economia: eis ao que conduz a lógica interna da argumentação de Zinoviev.

E Zinoviev propõe-nos esse absurdo, que não tem nada a ver com o leninismo, como se fosse "internacionalismo", "leninismo cem por cento"!

Eu afirmo que, no importantíssimo problema da construção do socialismo, Zinoviev se separa do leninismo, aproximando-se do ponto de vista do menchevique Sukhanov.

Voltemos a Lenine. Eis o que dizia Lenine, ainda antes da Revolução de Outubro, no mês de agosto de 1915, a respeito da vitória do socialismo num só país:

"A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Disso se deduz que é possível o socialismo começar por triunfar somente nalguns países capitalistas ou mesmo num só país isoladamente. O proletariado triunfante deste país, depois de expropriar os capitalistas e depois de organizar a produção socialista dentro de suas fronteiras, terá de enfrentar todo o resto do mundo, o mundo capitalista, atraindo para seu lado as classes oprimidas dos demais países, organizando neles a insurreição contra os capitalistas, empregando, caso necessário, inclusive a força das armas, contra as classes exploradoras e seus Estados".

Que significa a frase de Lenine que sublinhamos: "depois de organizar a produção socialista dentro de suas fronteiras"? Significa que o proletariado do país vitorioso pode e deve organizar, em seu país, depois da tomada do poder, a produção socialista. Que significa "organizar a produção socialista"? Significa construir definitivamente a sociedade socialista. Não é preciso demonstrar que esta tese de Lenine, clara e incisiva, não necessita de mais comentários. A não ser assim, seriam incompreensíveis os apelos de Lenine para que o proletariado tomasse o poder, em outubro de 1917.

Vede, pois, que esta tese tão clara de Lenine se distingue, como o céu da terra, da "tese" confusa e anti-leninista de Zinoviev, segundo a qual se pode construir o socialismo "dentro dos limites de um só país", sem a possibilidade de construí-lo.

Isto foi dito por Lenine em 1915, antes da tomada do poder pelo proletariado. Mas porventura se modificaram as suas concepções depois da experiência da tomada do poder, depois de 1917? Consultemos o folheto de Lenine "Sobre a Cooperação", escrito em 1923:

"Com efeito — diz Lenine —, todos os grandes meios de produção em poder do Estado e o poder estatal em mãos do proletariado; a aliança deste proletariado com os muitos milhões de pequenos e muito pequenos camponeses; a garantia de que o proletariado dirija os camponeses, etc., porventura não é isto tudo necessário para que, com a cooperação e tão somente com a cooperação, à qual antes apelidávamos de mercantilista e que, agora, sob a NEP, merece também, de certo modo, o mesmo

tratamento, porventura não é isto tudo necessário para se construir a sociedade socialista completa? Não é ainda a construção da sociedade, mas é tudo o que é necessário e suficiente para esta construção".

Dito por outros termos: podemos e devemos construir definitivamente a sociedade socialista completa, pois dispomos de tudo o que é necessário e suficiente para essa construção.

Parece que é difícil expressar com maior clareza.

Comparai esta tese clássica de Lenine com a replica anti-leninista de Zinoviev, feita a Yakovlev, o compreenderéis que Yakovlev não faz mais do que repetir as palavras de Lenine acerca da possibilidade de construir o socialismo num só país, enquanto que Zinoviev, ao manifestar-se contra essa tese, ao criticar Yakovlev se separa de Lenine, adotando o ponto de vista do menchevique Sukhanov, o ponto de vista da impossibilidade de construir o socialismo em nosso país, por causa de seu atraso técnico.

Para que tomamos, então, o poder em outubro de 1917, se não nos propúnhamos a construir definitivamente o socialismo?

Não se devia ter tomado o poder em outubro de 1917: eis a conclusão a que leva a lógica interna da argumentação de Zinoviev.

Afirmo ainda que, no importantíssimo problema da vitória do socialismo, Zinoviev toma posição contrária a determinados acordos de nosso Partido, que são estabelecidos na conhecida resolução, da XIV Conferência do Partido "Sobre as tarefas da Internacional Comunista e do P.C (b) da Rússia, de acordo com o Plano Ampliado do CE, da Internacional Comunista".

Vejamos esta resolução. Aqui está o que ela diz acerca da vitória do socialismo num só país:

"A existência de dois sistemas sociais diametralmente opostos provoca a ameaça constante de um bloqueio capitalista, de outras formas de pressão econômica, de intervenção armada, de restauração. A única garantia para um êxito definitivo do socialismo, isto é, a garantia contra a restauração, é, portanto, a vitória da revolução socialista numa série de países..." "O leninismo ensina que a vitória definitiva do socialismo no sentido de garantia completa contra a restauração da ordem burguesa só é

possível num plano internacional..." "Daí não se depreende, de modo algum, que seja impossível a construção da sociedade socialista completa num país tão atrasado como a Rússia, sem a "ajuda estatal" (Trotski) dos países mais desenvolvidos do ponto de vista técnico e econômico".

Vistes, pois, que esta resolução trata do êxito definitivo do socialismo como sendo uma garantia contra a intervenção e a restauração, completamente ao contrário de modo como o considera Zinoviev em seu livro "O Leninismo".

Vistes, pois, que esta resolução reconheço a possibilidade da construção da sociedade socialista completa num país tão atrasado como a Rússia sem "ajuda estatal" dos países mais desenvolvidos no aspecto técnico e econômico, completamente ao contrário da afirmação feita por Zinoviev, em sua replica a Yakovlev, em seu discurso-resumo, pronunciado no XIV Congresso do Partido.

Como qualificar tal coisa senão como uma luta de Zinoviev contra a resolução da XIV Conferência do Partido?

Naturalmente, nem sempre são impecáveis as resoluções do Partido. Pode acontecer que as resoluções do Partido contenham erros. Falando em termos gerais, pode-se aceitar, por hipótese, que a resolução da XIV Conferência do Partido contenha também certos erros. É possível que Zinoviev considere que esta resolução contenha equívocos. Mas, neste caso, é preciso dizê-lo, clara e abertamente, como corresponde a um bolchevique. Zinoviev, entretanto, tem suas razões para não fazê-lo. Prefere seguir outro caminho, o caminho de atacar pelas costas a resolução da XIV Conferência do Partido silenciando a respeito desta resolução, sem a criticar de modo mais ou menos aberto. Zinoviev acredita, pelo que vemos, que este caminho conduz melhor ao seu objetivo. E seu objetivo não é senão o seguinte: "melhorar "a resolução e corrigir "um pouquinho" Lenine. Será preciso acaso demonstrar que Zinoviev se equivoca em seus cálculos?

Donde provem o erro de Zinoviev? Onde está a origem de seu erro?

A causa de seu erro reside, a meu ver, na segurança de Zinoviev sobre o fato do atraso técnico de nosso país ser obstáculo insuportável para a construção da sociedade socialista completa, de que o proletariado não pode

construir o socialismo devido ao atraso técnico de nosso país. Zinoviev e Kamenev tinham procurado, certa vez, expor este argumento numa das sessões do C.C. do Partido, nas vésperas da Conferencia celebrada pelo Partido em abril. Mas lhes foi dada a réplica oportuna e viram-se obrigados a retroceder, submetendo-se formalmente ao ponto de vista oposto, ao ponto de vista da maioria do C.C. Mas, apesar de ter-se submetido formalmente, Zinoviev prosseguiu durante todo o tempo sua luta contra a maioria. Eis o que diz, a propósito desse "incidente", ocorrido no C.C. do P.C. (b) da URSS, o Comitê de Moscou de nosso Partido, em sua Resposta à carta da Conferencia do Partido da região de Leningrado:

"Não faz muito tempo, Zinoviev e Kamenev mantiveram no Bureau Político o ponto de vista de que não poderemos, segundo eles, vencer as dificuldades internas, por causa de nosso atraso técnico e econômico, se não nos vier salvar a revolução internacional. Mas nós, com a maioria do C.C., entendemos que podemos construir o socialismo, que o estamos construindo, e que o construiremos completamente, apesar de nosso atraso técnico e a despeito dele. Entendemos que esta construção irá, naturalmente, muito mais devagar do que iria sob as condições de um triunfo mundial, mas que, não obstante, avançamos e continuaremos avançando. Achamos também que o ponto de vista de Kamenev e de Zinoviev exprime a falta de confiança nas forças internas de nossa classe operária e das massas camponesas que a acompanham. Cremos que este ponto de vista significa desviar-se das posições leninistas".

Este documento apareceu na imprensa durante as primeiras sessões do XIV Congresso do Partido. Zinoviev teve, naturalmente, possibilidade de se manifestar contra este documento já no próprio Congresso. É característico que Zinoviev e Kamenev não encontrassem argumentos contra esta grave acusação que contra eles levantava o Comitê de Moscou de nosso Partido. Isso se deu por acaso? Creio que não foi por acaso. Pelo visto, a acusação acertou no alvo. Zinoviev e Kamenev deram — como "resposta" a esta acusação o silencio — porque não tinham nada para "responder".

A nova oposição sente-se ofendida pelo fato de se acusar Zinoviev de falta de confiança na construção socialista em nosso país. Mas, se Zinoviev, depois de discutir um ano inteiro o problema da vitória do socialismo num

só país, depois de ter o Bureau Político do C.C. (abril de 1925) rechaçado o ponto de vista de Zinoviev, depois de ter o Partido uma opinião determinada sobre este assunto, opinião que é formulada na conhecida resolução da XIV Conferência do Partido (abril de 1925); se, depois de tudo isto, Zinoviev decide manifestar-se em seu livro "O Leninismo", em setembro de 1925, contrariamente ao ponto de vista do Partido; se, depois disto, continua repetindo essas manifestações no XIV Congresso, como explicar tudo isto, esta obstinação, esta insistência em defender o seu erro, a não ser que Zinoviev esteja contaminado, incuravelmente contaminado, pela falta de confiança na vitória da construção socialista em nosso país?

A Zinoviev apraz considerar esta sua falta de confiança como internacionalismo. Mas desde quando é usado entre nós considerar como internacionalismo o desviar-se do leninismo no problema cardinal do leninismo?

Não seria mais exato dizer que quem peca, neste caso, contra o internacionalismo e a revolução internacional não é o Partido, mas Zinoviev? Pois o que é que representa o nosso país, o país do "socialismo em construção", senão a base da revolução mundial? Mas pode o nosso país ser a verdadeira base da revolução mundial se não é capaz de construir completamente a sociedade socialista? Pode o nosso país continuar a ser o maior centro de atração para os operários de todos os países, como indubitavelmente o é na atualidade, se não pode conseguir dentro de suas fronteiras a vitória sobre os elementos capitalistas de nossa economia, a da construção socialista? Eu creio que não. E não se conclui disso que a falta de fé na vitória da construção socialista e propugnar essa falta de fé faz com que nosso país se prive do prestígio como base da revolução mundial, e desprestigiar o nosso país leva, por sua vez, a debilitar o movimento revolucionário mundial? Quais eram os meios de que se valiam os senhores social-democratas para afugentar de nosso convívio os operários? Eles diziam que "os russos nada fariam de concreto". Com que combatemos agora os social-democratas, atraindo um serie de delegações operárias e reforçando com isso as posições comunistas do mundo todo? Com os nossos êxitos na construção do socialismo. E, depois disso, não está claro que quem prega a falta de confiança em nossos êxitos na construção do socialismo ajuda indiretamente aos social-democratas, debilita a amplitude

do movimento revolucionário internacional, e afasta-se inevitavelmente do internacionalismo?...

Como vedes, "o internacionalismo" de Zinoviev fica nas mesmas péssimas condições que seu "leninismo cem por cento", no que se refere à construção do socialismo num só país.

Por isso, o XIV Congresso do Partido agiu acertadamente ao definir as concepções da nova oposição como "falta de confiança na construção do socialismo" e como "desvio do leninismo".

Capítulo VII - A Luta pela Vitória da Construção Socialista

Entendo que a falta de fé na vitória da construção socialista é o erro fundamental da nova oposição. Este erro é, ao meu ver, fundamental, porque dele se derivam todos os demais erros da nova oposição. Os erros da nova oposição no problema da NEP, do capitalismo do Estado, do caráter de nossa indústria socialista, do papel das cooperativas sob a ditadura do proletariado, dos métodos de luta contra os *kulaks*, do papel e da importância relativa dos camponeses médios; todos esses erros se derivam do erro fundamental da oposição, de sua falta de fé na possibilidade de construir definitivamente a sociedade socialista com as forças de nosso país.

Que representa a falta de confiança na vitória da construção do socialismo em nosso país?

Antes de mais nada, representa a falta de segurança de que as grandes massas camponesas, devido a certas condições de desenvolvimento do nosso país, possam incorporar-se à obra da construção socialista.

Em segundo lugar, representa a falta de segurança de que o proletariado de nosso país, que dispõe dos postos de direção da economia nacional, seja capaz de arrastar as grandes massas camponesas para a obra da construção socialista.

Desta tese parte tacitamente a oposição, em seus argumentos sobre a trajetória de nosso desenvolvimento, quer o faça consciente ou inconscientemente.

Pode-se incorporar a grande massa camponesa soviética à obra da construção socialista?

No folheto *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, existem, sobre esse assunto, duas teses fundamentais.

1. "Não se deve confundir os camponeses da União Soviética com os camponeses do Ocidente. Um camponês, que passou pela escola de três revoluções, lutou, lado a lado, com o proletariado e, sob sua direção, contra o czar e o poder burguês; um camponês, que recebeu das mãos

da revolução proletária a terra e a paz e, graças a isso, se converteu em reserva do proletariado; este camponês tem que se diferenciar do camponês que lutou na revolução burguesa sob a direção da burguesia liberal, recebeu a terra das mãos dessa burguesia, e se converte graças a isso, em reserva da burguesia. Não é preciso demonstrar que o camponês socialista, acostumado a apreciar a amizade política e a colaboração política do proletariado e deve a sua liberdade a essa amizade e a essa colaboração, não pode deixar de ser elemento extraordinariamente apto para a colaboração econômica com o proletariado.

2. Não se deve confundir a economia rural da Rússia com a do Ocidente. No Ocidente, a economia rural desenvolve-se na linha habitual do capitalismo sob as condições de uma profunda diferenciação entre os camponeses, com grandes propriedades e latifúndios capitalistas de propriedade privada num dos pólos, e, no outro, pauperismo, miséria e escravidão assalariada. E é natural que, em consequência disso, ali existam a desagregação e a decomposição. O mesmo não sucede na Rússia. No nosso país, a economia rural não pode desenvolver-se seguindo o mesmo caminho, já que a existência do Poder Soviético e a nacionalização dos instrumentos e meios fundamentais de produção não permitem um tal desenvolvimento. Na Rússia, o desenvolvimento da economia rural tem que seguir outro caminho, o caminho da cooperação de milhões de camponeses pequenos e médios, o caminho do desenvolvimento de uma cooperação rural em massa, fomentada pelo Estado sob a forma de facilidades de crédito. Lenine, com razão, indicava, em seus artigos sobre a cooperação, que o desenvolvimento da economia rural de nosso país devia seguir caminho novo, o caminho pelo qual se incorporasse a maioria dos camponeses à edificação do socialismo, através da cooperação; o caminho pelo qual fosse penetrando gradualmente na economia rural o princípio do coletivismo, primeiramente no que se refere à venda dos produtos agrícolas e, depois, no que se refere à produção..." "Não é preciso demonstrar que a imensa maioria dos camponeses seguirá de bom grado esse novo caminho, rechaçando a senda dos latifúndios capitalistas de propriedade privada e da escravidão assalariada, o caminho da miséria e da ruína".

São exatas essas teses?

Creio que são exatas e irrefutáveis para todo o nosso período de construção, sob as condições da NEP.

São apenas a expressão das conhecidas teses de Lenine sobre a aliança do proletariado com os camponeses, a incorporação das explorações camponesas ao sistema do desenvolvimento socialista do país a necessidade de que o proletariado marche para o socialismo junto com as grandes massas camponesas; de que a incorporação dos milhões e milhões de camponeses, por meio da cooperação é o principal caminho para a construção socialista no campo; de que com o crescimento de nossa indústria socialista,

"o simples incremento das cooperativas é para nós idêntico ao crescimento do socialismo".

Com efeito, qual é o caminho que deve e pode seguir, em nosso país, o desenvolvimento da exploração camponesa?

A exploração camponesa não é uma exploração, do tipo capitalista. A exploração camponesa, se nos fixarmos na grande maioria das explorações camponesas, é uma pequena exploração que produz para o mercado. E que é a pequena exploração camponesa que produz para o mercado? É uma exploração que oscila entre o capitalismo e o socialismo. Essa exploração tanto pode evoluir para o capitalismo, que é o que acontece atualmente nos países capitalistas, como para o socialismo, que é o que deve acontecer conosco, em nosso país, sob a ditadura do proletariado.

Donde provem essa falta de estabilidade e esta falta de independência da exploração camponesa? Como se pode explicá-la?

É explicável pela dispersão das explorações camponesas, por sua falta de organização, por sua dependência em relação à cidade, à indústria, ao sistema de créditos, ao caráter do poder imperante no país; finalmente, pelo princípio, de todos conhecido, de que o campo marcha, e necessariamente tem que marchar, tanto no sentido material como no sentido cultural, guiado pela cidade.

O caminho capitalista do desenvolvimento da exploração camponesa é um caminho que passa através da mais profunda diferenciação entre os camponeses, criando, num pólo, grandes latifúndios, e, no outro, a

pauperização em massa. Este caminho é inevitável nos países capitalistas, porque o campo, a exploração camponesa, depende da cidade, da indústria, do crédito concentrado na cidade, do caráter do poder, e, na cidade, reina a burguesia, a indústria capitalista, o sistema capitalista de crédito, o poder do Estado capitalista.

Será absolutamente necessário que as explorações camponesas sigam, em nosso país, essa mesma trajetória, aqui onde a cidade apresenta uma fisionomia completamente diferente, onde a indústria está nas mãos do proletariado, onde o transporte, o sistema de créditos, o poder do Estado, etc., estão concentrados nas mãos do proletariado, onde a nacionalização da terra é lei que rege todo o país? Naturalmente que não é necessário! Pelo contrário, precisamente porque a cidade dirige o campo e na cidade de nosso país impera o proletariado, em cujas mãos estão todos os postos de direção da economia nacional precisamente por isso, as explorações camponesas terão que seguir, em seu desenvolvimento, o caminho da construção socialista.

Qual é esse caminho?

É o caminho da incorporação em massas dos milhões de explorações camponesas a todas as formas de cooperação, é o caminho da unificação das explorações camponesas dispersas em torno à indústria socialista; é o caminho da implantação dos princípios do coletivismo entre os camponeses, primeiro, no que se refere à venda dos produtos agrícolas e do abastecimento das explorações camponesas com artigos da cidade, e, logo depois, no que se refere à produção agropecuária.

E quanto mais se avançar, mais inevitável será esse caminho sob as condições da ditadura do proletariado, pois a incorporação ao regime cooperativo, do comércio, no abastecimento e, por último, a incorporação ao regime cooperativo no que se refere aos créditos e à produção (associações agrícolas), é o único caminho para a elevação do bem estar do campo, o único meio para salvar as grandes massas camponesas da miséria e da ruína.

Diz-se que os camponeses de nosso país são, por sua situação, contrários ao socialismo, e, devido a isso, são incapazes de desenvolver-se num sentido socialista. É exato, naturalmente, que os camponeses, por sua situação, são contrários ao socialismo. Mas isso não é argumento contra o

desenvolvimento das explorações camponesas pela via do socialismo, uma vez que já ficou assentado que o campo segue a cidade e nesta impera a indústria socialista. Durante a Revolução de Outubro, os camponeses também não eram socialistas por sua situação e não queriam, de modo algum, implantar o socialismo em nosso país. Tratavam de conseguir, principalmente, a liquidação do poder dos latifundiários, pôr fim à guerra, e impor a paz. Naquele momento, entretanto, seguiram o proletariado socialista. Por que? Porque a derrocada da burguesia e a tomada do poder pelo proletariado socialista era, então, o único caminho para sair da guerra imperialista, o único caminho para impor a paz. Porque naquela hora não havia, não podia haver outros caminhos. Porque o nosso Partido conseguiu então sondar, encontrar o grau de unificação e subordinação dos interesses específicos dos camponeses (a derrubada dos latifundiários, a paz), aos interesses gerais do país (ditadura do proletariado), o que se tornou vantajoso e aceitável para os camponeses. E, apesar de seu caráter contrário ao socialismo, os camponeses seguiram então o proletariado socialista.

O mesmo se deve dizer quanto à construção socialista em nosso país e à incorporação dos camponeses às bases dessa construção. Os camponeses não são socialistas por sua situação. Mas têm de adotar, e forçosamente adotarão, o caminho socialista, pois fora da aliança com o proletariado, fora da aliança com a indústria socialista, fora da incorporação das explorações camponesas ao sentido geral do desenvolvimento socialista mediante a incorporação em massa dos camponeses ao regime cooperativo, não há nem pode haver outro caminho para salvar o camponês da miséria e da ruína.

Por que há de ser precisamente por meio da incorporação em massa dos camponeses ao regime cooperativo?

Porque na incorporação em massa ao regime cooperativo

"encontramos o grau de unificação do interesse privado, do interesse comercial privado, do confronto e do controle desse interesse pelo Estado, o grau de sua subordinação aos interesses gerais"

aceitável e vantajoso para os camponeses e que assegura ao proletariado a possibilidade de incorporar a grande massa camponesa à obra da construção socialista. Precisamente porque os camponeses encontram vantagens em organizar a venda de suas mercadorias e o abastecimento de

suas explorações com máquinas, mediante o sistema de cooperação, precisamente por isso é que os camponeses têm de seguir e seguirão o caminho da incorporação em massa ao regime cooperativo.

E, que significa a incorporação em massa das explorações camponesas ao regime cooperativo, lá onde o industrial socialista ocupa a posição de direção?

Significa afastar as pequenas explorações camponesas, que produzem para o mercado, do velho caminho capitalista, que traz consigo a ruína dos camponeses em massa e abrir a passagem para uma nova trajetória, a trajetória da construção socialista.

Eis porque a luta pela nova orientação das explorações camponesas, a luta pela incorporação da grande massa de camponeses à obra da construção do socialismo, é tarefa imediata de nosso Partido.

O XIV Congresso do P.C (b) da URSS agiu acertadamente, portanto, ao estabelecer que:

"A vida fundamental da construção do socialismo no campo, considerada a crescente direção econômica por parte da indústria estatal socialista, das instituições estatais de crédito e de outras posições de governo concentradas nas mãos do proletariado, consiste em incorporar a massa camponesa fundamental à organização cooperativa e assegurar o desenvolvimento socialista dessa organização, utilizando, vencendo e eliminando os seus elementos capitalistas".

O erro mais grave da nova oposição consiste em não ter fé nesta nova trajetória dos camponeses, em não ver ou não compreender tudo o que há de inevitável nesta trajetória sob as condições da ditadura do proletariado. Não o compreende porque não tem fé na vitória da construção socialista em nosso país, porque não tem fé na capacidade, que nosso proletariado tem, de conduzir consigo os camponeses pelo caminho do socialismo.

Daí sua incompreensão do duplo caráter da NEP. Seu exagero para com os lados negativos da NEP e sua maneira de concebê-la principalmente como um retrocesso.

Daí o exagero a respeito do papel dos elementos capitalistas de nossa economia e a subestimação do papel das alavancas do nosso

desenvolvimento socialista (a indústria socialista, o sistema de crédito, as cooperativas, o poder do proletariado, etc.).

Daí a incompreensão do caráter socialista de nossa indústria de Estado e as dúvidas com relação à justiça do plano cooperativo, de Lenine.

Daí o exagero acerca da diferenciação existente no campo, o pânico em relação ao kulak, a subestimação do papel dos camponeses médios, as tentativas para frustrar a política do Partido, destinada a assegurar uma aliança sólida com o camponês médio, e, em geral, as vacilações frente ao problema da política do Partido no campo.

Daí a incompreensão a respeito do enorme trabalho realizado pelo Partido para incorporar milhões e milhões de operários e camponeses na construção da indústria e da agricultura, na obra de estimular as cooperativas e os Soviets na administração do país, na luta contra a burocracia, na luta pelo melhoramento, pela transformação do nosso aparelho estatal, luta que marca uma nova fase de desenvolvimento, sem a qual nenhuma construção socialista é concebível.

Daí o estado de desespero e a desorientação em face das dificuldades da nossa construção, as dúvidas a respeito da possibilidade da industrialização de nosso país, sua charlatanice pessimista sobre a degeneração do Partido, etc.

Lá, no campo burguês, tudo marcha mais ou menos bem; em troca, em nosso campo, o campo do proletariado, tudo marcha mais ou menos mal; se a revolução nos países ocidentais não chegar a tempo, nossa causa estará perdida: eis o tom geral da nova oposição, tom que é, a meu ver, liquidacionista, mas que a oposição quer fazer passar, por alguma razão, (provavelmente para matar o tempo) por "Internacionalista".

A NEP é o capitalismo, diz a oposição. A NEP é, principalmente, um retrocesso, diz Zinoviev. Tudo isso é, naturalmente, falso. Na realidade a NEP é a política do Partido, política que admite a luta entre os elementos socialistas e capitalistas e se propõe fazer triunfar os elementos socialistas sobre os capitalistas. Na realidade, só o começo da NEP foi um recuo, mas o que se propunha era efetuar, no curso desse recuo, um reagrupamento de forças e iniciar uma ofensiva. Na realidade, já levamos diversos anos lutando na ofensiva e lutando com êxito, desenvolvendo nossa indústria,

desenvolvendo o comércio soviético, desalojando de suas posições o capital privado.

Mas, qual é o sentido da tese de que a NEP é o capitalismo, de que a NEP constitui principalmente, um retrocesso? De onde se origina essa tese?

Origina-se da falsa suposição de que, em nosso país, se está processando atualmente a simples restauração do capitalismo, o simples "retorno" ao capitalismo. Só partindo dessa suposição pode-se explicar as dúvidas da oposição em relação ao caráter socialista de nossa indústria. Só esta suposição pode explicar o pânico da oposição frente ao kulak. Só esta suposição pode explicar a pressa com que a oposição se agarrou aos dados falsos sobre a diferenciação entre os camponeses. Só esta suposição pode explicar o esquecimento especial em que incorre a oposição, de que o camponês médio é, em nosso país, a figura central da agricultura. Só esta presunção pode explicar o desprezo à importância do camponês médio, as dúvidas a respeito do plano cooperativista de Lenine. Só esta suposição pode "motivar" a falta de fé da nova oposição na nova trajetória do desenvolvimento do campo, na trajetória da incorporação de campo à construção do socialismo.

Na realidade, em nosso país, está se produzindo, atualmente, não um processo unilateral de restauração do capitalismo, mas um processo bilateral de desenvolvimento do capitalismo e de desenvolvimento do socialismo, um processo contraditório de luta dos elementos socialistas com os elementos capitalistas um processo de superação dos elementos capitalistas pelos elementos socialistas. Isso é tão indiscutível no que se refere à cidade, onde a base do socialismo e a indústria do Estado, como no que se refere ao campo, onde a base fundamental para o desenvolvimento socialista é a cooperação em massa, cooperação que se está vinculando à indústria socialista.

A simples restauração do capitalismo é impossível, pelo simples fato de que, em nosso país, o poder é do proletariado, a grande indústria está nas mãos do proletariado, o transporte e os créditos estão à disposição do Estado proletário.

A diferenciação não pode tomar as proporções (anteriores, a grande massa camponesa continua sendo o camponês médio e o kulak não pode recuperar sua força anterior pelo simples fato de que a terra, em nosso país,

está nacionalizada, deixou de ser mercadoria, e nossa política comercial, de crédito, de impostos e cooperativista é orientada no sentido de restringir as tendências exploradoras dos kulaks, elevar o bem estar das massas camponesas, nivelar os extremos no campo. Faço abstração do fato de que a luta contra os kulaks se desenvolve atualmente em nosso país, não só na velha linha, na linha da organização dos camponeses pobres contra os kulaks, mas também na nova linha, na linha da consolidação da aliança dos proletários e dos camponeses pobres com as massas de camponeses médios contra os kulaks. O fato da oposição não compreender o sentido e o alcance da luta contra os kulaks nesta segunda linha, confirma, mais uma vez, que a oposição se desvia para a velha trajetória do desenvolvimento do campo, para a trajetória capitalista, na qual o kulak e os camponeses pobres constituíam as forças fundamentais do campo, enquanto os camponeses médios "se esfumavam".

O regime cooperativo é uma modalidade do capitalismo de Estado, diz a oposição, referindo-se ao "Imposto em espécie" de Lenine, razão pela qual não crê na possibilidade de utilizar as cooperativas como meio principal para o desenvolvimento socialista. A oposição também aqui comete um erro gravíssimo.

Esta interpretação das cooperativas era suficiente e satisfatória em 1921, quando foi escrito o folheto "Sobre o imposto em espécie", quando, em nosso país, não havia uma indústria socialista desenvolvida, quando Lenine concebia o capitalismo de Estado como a possível forma fundamental de nossa atividade econômica, encarando as cooperativas em combinação com o capitalismo de Estado. Mas, hoje, esse modo de encarar o assunto já não basta e foi superado pela história, pois, de então para cá, os tempos mudaram, a indústria socialista se desenvolveu na Rússia, o capitalismo de Estado não lançou raízes na medida pretendida e a cooperação, que atualmente abarca mais de uma dezena de milhões de membros, já começou a vincular-se à indústria socialista.

Como se explica, então, o fato de, dois anos depois de ter escrito seu "Imposto em espécie", isto é, em 1923, Lenine começar a encarar as cooperativas de modo diferente, entendendo que,

"sob as nossas condições, a cooperação coincide, muitas vezes, plenamente, com o socialismo"?

Como explicar isso senão pelo fato de que durante esses dois anos a indústria socialista teve tempo de se desenvolver, enquanto que o capitalismo de Estado não vingou no devido grau, razão pela qual Lenine começou a encarar as cooperativas já não em combinação com o capitalismo de Estado, mas em combinação com a indústria socialista?

As condições de desenvolvimento das cooperativas haviam se modificado. E, com elas, tinha que mudar também o modo de abordar o problema cooperação.

Eis, por exemplo, uma passagem notável, tirada do folheto de Lenine "*Sobre a Cooperação*" (1923), esclarece este problema:

"Sob o capitalismo de Estado as empresas cooperativas diferenciam-se das empresas capitalista estatais, por serem, em primeiro lugar, empresas privadas e, em segundo lugar, empresas coletivas. Sob nosso regime atual, as empresas cooperativas diferenciam-se das empresas capitalistas privadas por serem empresas coletivas, mas não se diferenciam das empresas socialistas, sempre e quando as mesmas trabalhem com terra e meios de produção pertencentes ao Estado, isto é, à classe operária".

Nesse breve trecho, são resolvidos dois grandes problemas. Primeiro, o problema de que "nosso regime atual" não é o capitalismo de Estado. Segundo, o problema de que as empresas cooperativas encaradas em combinação "com o nosso regime" "não se diferenciam" das empresas socialistas.

Creio que é difícil exprimir-se com maior clareza.

Mas aqui há outro trecho transcrito do mesmo folheio de Lenine:

"O simples incremento das cooperativas é, para nós, idêntico (salvo a "pequena" exceção indicada acima) ao crescimento do socialismo e, ao par disso, vemo-nos obrigados a reconhecer a mudança radical produzida em nosso ponto de vista sobre o socialismo".

É evidente que o folheto "*Sobre a Cooperação*", nos situa ante um novo modo de encarar a cooperação, coisa que a nova oposição não quer

reconhecer, silenciando sobre isso, cuidadosamente, a despeito dos fatos, a despeito da verdade evidente, a despeito do leninismo.

Uma coisa é a cooperação encarada em combinação com o capitalismo de Estado e outra é a cooperação focalizada em combinação com a indústria socialista.

Disso, entretanto, pode-se concluir que medeia um abismo entre o trabalho "Sobre o imposto em espécie" e o folheto "Sobre a cooperação". Isto, naturalmente, é falso. Para compreender o laço inseparável que há entre o trabalho "Sobre o imposto em espécie" e o folheto "Sobre a cooperação", no que se refere ao modo de encarar a cooperação, basta referir-se, por exemplo, à seguinte passagem, tirada do Imposto em Espécie. Esse trecho diz:

"A passagem da política de concessões ao socialismo é a passagem de uma forma de grande produção a outra forma de grande produção. A passagem da cooperação dos pequenos proprietários ao socialismo é a passagem da pequena produção para a grande produção, isto é, uma transição mais complexa, mas, em troca, capaz de abarcar, em caso de êxito, as mais extensas massas da população, capaz de extirpar as raízes mais profundas e mais vitais das velhas relações pré-socialistas, inclusive pré-capitalistas, as raízes mais traz na resistência a toda "inovação".

Por esta citação vê-se que, já no período do Imposto em Espécie, quando ainda não tínhamos uma indústria socialista desenvolvida, Lenine achava possível a transformação das cooperativas, em caso de êxito, num poderoso meio de luta contra as relações "pré-socialistas", e, portanto, contra as relações capitalistas também. Creio que foi precisamente esta ideia que mais tarde lhe serviu de ponto de partida para o seu folheto "Sobre a Cooperação".

Mas que se conclui de tudo isso?

De tudo isso, conclui-se que a nova oposição não aborda o problema do regime cooperativo de modo marxista, mas de maneira metafísica. Não vê no regime cooperativo um fenômeno histórico, focalizado em combinação com outros fenômenos, como, por exemplo, com o capitalismo de Estado (em 1921) ou com a indústria socialista (em 1923), mas como algo

permanente e fixo, forjado de uma vez para sempre, como "uma coisa em si".

Daí provêm os erros da oposição no problema da cooperação, daí sua falta de fé na trajetória do campo para o socialismo, por meio das cooperativas, daí o desvio da oposição para o velho caminho, para a trajetória capitalista de desenvolvimento do campo.

Tal é, em geral, a atitude da nova oposição ante os problemas práticos da construção socialista.

Só cabe uma conclusão: a linha da oposição — se se pode chamar a isso de linha — as vacilações e titubeios da oposição, sua falta de fé e sua desorientação frente às dificuldades, levam-na à capitulação frente aos elementos capitalistas de nossa economia. Com efeito, se a NEP é, principalmente, um retrocesso, se se põe em dúvida o caráter socialista da indústria de Estado, se o kulak é quase um elemento todo poderoso, se não se deve ter muitas esperanças na cooperação, se o papel do camponês médio diminui progressivamente, se a nova trajetória de desenvolvimento do campo é duvidosa, se o Partido quase que se degenera, e se a revolução dos países ocidentais não está ainda tão perto, o que sobra, depois de tudo isso, no arsenal da oposição? Com que conta a oposição na luta contra os elementos capitalistas de nossa economia? Pois não se pode empreender a luta contando apenas com a "filosofia da época".

Evidentemente, o arsenal da nova oposição, se é que a isso se pode chamar de arsenal, não é muito invejável. Não é um arsenal de armas para a luta. E muito menos para o triunfo.

O Partido, evidentemente, ver-se-ia perdido "num abrir e fechar de olhos" se se lançasse à luta com tal arsenal. Teria que capitular pura e simplesmente ante os elementos capitalistas de nossa economia.

Por isso, o XIV Congresso do Partido procedeu com todo o acerto ao deixar assentado que

"a luta pela vitória da edificação do socialismo na URSS é a missão fundamental de nosso Partido";

que uma das condições indispensáveis para cumprir esta missão é

"a luta contra a descrença na construção do socialismo em nosso país e contra as tentativas de qualificar as nossas empresas, que são empresas do tipo "consequentemente socialista" (Lenine) como empresas de "capitalismo de Estado";

que

"tais correntes ideológicas, ao tornar impossível uma atitude consciente das massas ante a construção do socialismo em geral e da indústria socialista em particular, só servem para entrar o desenvolvimento dos elementos socialistas da economia e dar ao capital privado facilidades para lutar contra eles";

e que

"o Congresso considera, portanto, necessário desenvolver ampla campanha educativa, afim de superar essas tergiversações do leninismo".

A significação histórica do XIV Congresso do P. C. (b) da URSS consiste no fato de ter sabido pôr a nu, até a sua base, todos os erros da nova oposição, em ter repudiado sua falta de fé e suas lamentações, em ter traçado clara e nitidamente o caminho para continuar lutando pelo socialismo, em ter dado ao Partido uma perspectiva de triunfo e em ter, com isso, infundido no proletariado a fé inquebrantável na vitória da edificação socialista.

Table of Contents

Sobre os Fundamentos do Leninismo

Introdução

Capitulo I - As Raízes Históricas do Leninismo

Capitulo II - O Método

Capitulo III - A Teoria

Capitulo IV - A Ditadura do Proletariado

Capitulo V - A Questão Camponesa

Capitulo VI - A Questão Nacional

Capitulo VII - Estratégia e Tática

Capitulo VIII - O Partido

Capitulo IX - O Estilo no Trabalho

Em Torno dos Problemas do Leninismo

Capitulo I - Definição de Leninismo

Capitulo II - O Que é Fundamental no Leninismo

Capitulo III - O Problema da Revolução "Permanente"

Capitulo IV - A Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado

Capitulo V - O Partido e a Classe Operária Dentro do Sistema da Ditadura do Proletariado

Capitulo VI - O Problema da Vitória do Socialismo num só País

Capitulo VII - A Luta pela Vitória da Construção Socialista